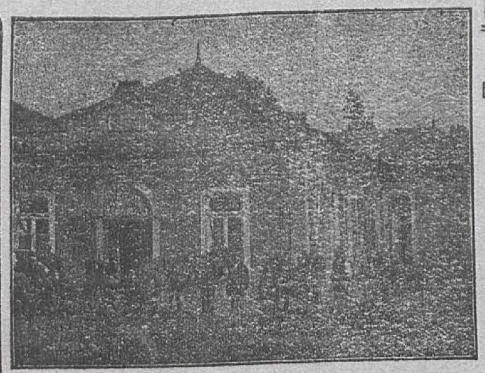


Caldas da Saude

TRATAMENTO:

Uso interno

Enterite muco-membranosa, doenças das vias urinarias, etc.

Uso externo

Doenças de pelle e rheumatismo.

Este estabelecimento funcciona de junho a outubro

VAGO

Disponivel

DIRECTOR

JOSÉ COELHO D'ANDRADE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TYPOGRAPHIA MINERVA

FAMALICÃO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE SOUZA TREPA, 30-40

SANTO THYRSO

1.ª SÉRIE

NUMERO SUPPLEMENTAR

JANEIRO — 1913

PREÇOS:

PORTUGAL . . . 400 RS.
(Accresce o porte do correio)

BRAZIL . . . . . 800 RS.

JANEIRO DE 1913

SERIE 1.ª

NUMERO Sup.ar

Proprietario e Editor
O DIRECTOR
José Coelho d'Andrade

REDACÇÃO
Rua de Souza Trepa, 30-40
SANTO THYRSO

Gazeta de S.to Thyrso

Santo Thyrso a caminho do progresso

Inquerito sobre os projectos respeitantes aos melhoramentos da vila

Fecundos têm sido os thyrsenses em projectos.

E na impossibilidade de os verem realisados dum salto, vão antegosando, num sonho de phantasia, todo esse mapa de melhoramentos, que ainda talvez muitos annos leve a conquistar.

E' uma teimosia que os enobrece, é uma persistencia que os superiorisa, é uma febre de entusiasmo e ardor, de vontade e paixão pelo bem comum e pelo progrésso, que domina uma geração inteira.

E quem não se sentirá sugestionado pelo mesmo principio de interesse e bairrismo, fitando os lindos trechos minhotos que aqui desfructamos alegremente, esta magnificente paisagem que retem o mais indifferente hospede, que se vê atrahido pela sua beleza, e preso aos seus encantos!

Haurindo um ar tão puro que nos vitalisa, sorvendo o perfume desta atmosfera sádia, gozando as côres garridas duma vegetação tão rica, quem não se sentirá envaidecido ao chamar-lhe sua terra?

Não ha thyrsense que desta afirmação se exclua, porque conhecemos de sobejo o temperamento dos

nossos conterraneos, que são sinceramente devotados ao lindo torrão natal, á patria que os viu nascer.

E' um mimo da natureza, circumdado de regalias, coberto de afagos, este sonhado berço de todos nós, que pelo esforço e trabalho, fornecendo-lhe todos os meios e a maxima energia, temos de tornar feliz.

Com este sentimento sagrado e altruista, producto da melhor compleição moral, avançaremos rapidamente, espalhando a semente de bons fructos que reconheçamos indispensaveis ao nosso viver, tratando com empenho e sem esmorecimento do desenvolvimento material da nossa vila, que urge cuidar.

De ha muito já era nosso intento estudar este assumpto, que para ser devidamente tratado necessita do concurso daquelles que melhor possam comprehendel-o, dedicando a cada um dos pontos visados a sua especial competencia.

Animados desta intensa vontade, entendemos ter encontrado por esta forma o meio mais vantajoso para começar a obra.

E' um serviço que se nos afigura dalguma importancia para que assentem em bases sólidas, previstas com antecipação e meditadas, todas as energias empregadas para o engrandecimento da vila.

Quantas obras não surtem o seu almejado fim por falta de preparação?

Para que nesta culpa não caiamos, comecemos já, e pensemos desvelamente em tudo o que nos convem e que necessariamente tem de concorrer para o nosso progresso.

En y pensant toujours — é a phrase celebre e expressiva de que se serviu Franklin quando lhe perguntaram como conseguia vêr tão claro os problemas da sciencia phisica.

Este pensamento terra a terra, mas tão sujestivo, concilia-se nitidamente com a idêa que pretendemos insuflar no espirito dos nossos conterraneos que firmemente pretendem colaborar numa obra civilisadora, em beneficio da nossa vila.

Não é pois d'animo leve, que conseguiremos resolver os nossos difíceis problemas, que necessitam um trabalho aturado e persistente para serem conduzidos a bom termo.

Em todos os actos da nossa vida, nos nossos casos profissionaes, é aquelle o pensamento que nos guia.

E superfluo seria demonstrar quanto bem temos colhido dessa proveitosa orientação.

Um doente entregue aos cuidados dum medico, que escrupulosamente exerce o seu mister, tem direito a exigir-lhe mais que uma simples receita.

Exige-lhe a responsabilidade da sua vida, tantas vezes sujeita á impericia ou mais ainda ás escabrosidades da sciencia, o que portanto obriga o medico zeloso a uma meditação profunda, mais demorada certamente que os poucos minutos passados junto do seu cliente.

E este confronto banal que á penna nos aflora, nem só ao clinico tem prestimo.

A sua applicação vem para todas as profissões, e para o nosso caso surge como que a justificar a necessidade de pensarmos desde já em todos os melhoramentos que fitamos para o engrandecimento da vila.

Não podemos resolvel-os num momento.

Temos de estudal-os com muita antecipação, papel que justamente tentamos desempenhar.

Sonhamos no progresso da nossa linda terra, e por consequencia de *étape* em *étape* o fruiremos, cabendo-nos a grande responsabilidade dum passo em falso que nos faça retroceder.

Para evoluir gloriosamente e a passo de gigante, temos de nos votar a um trabalho insano e de abnegação, como a um mecanismo extremamente complicado que o nosso cerebro imaginasse.

A biologia é uma sciencia tão vasta que prende os homens mais cultos, que em vidas successivas lhe têm dedicado toda a sua actividade.

Ella estuda os corpos organisados como estuda as leis da sua organisação e da sua vida.

E dynamicamente considerando as acções reciprocas do meio sobre os seres vivos, a biologia toca a sciencia das sociedades, isto é a sociologia.

E' a demonstração mais frisante de quanto é complexo o problema da evolução dos povos.

Não é numa politica de facciosismos, abstrahindo de todos os conhecimentos scientificos sociaes e naturaes, que conheceremos as necessidades dos povos, ou que podemos contribuir para a sua perfeição.

Ella está fundamentalmente ligada aos mesmos principios, regras que têm de guiar todo aquelle que a seu cargo tiver a educação moral e physica dos povos.

Ha pois indubitavelmente uma extrema relação entre o estudo dos seres vivos e o estudo das sociedades, como deve haver uma analogia imensa nas suas deducções.

E a justificar todo este problema basta considerar nos nossos professores modernos, como Gustave Le Bon, que do estudo da evolução da materia passa ao estudo da psychologia politica.

Estuda o elemento fundamental dos seres, e do *substractum* dos mundos, estuda aquellas novas idêas da dissociação da materia, da energia intra-atomica, como ha tempos referimos numa das nossas publicações; e simultaneamente, Le Bon embrenha o seu espirito a profundar os problemas da sociedade.

Dantec, esse vulto eminente a quem desde muito temos dedicado longas horas de estudo, e de quem possuimos um trabalho colossal sobre biologia, aparece-nos tambem hoje com o seu livro de sociologia, num tratado sobre o egoismo.

Do estudo celular, e da sua complexidade histologica, alli o vemos

tambem a entrar nos phenomenos sociaes.

E' o parallelismo que existe nestes dois ramos de sciencia, que se completam.

Todos os que têm de governar, dirigir portanto um povo, têm de se escudar com fundamentos de sciencia, não se podendo admitir, pois, um homem que governe com falta de preparação sem ilustração, que garanta á sociedade a sua superior comprehensão da natureza e evolução.

E nós diremos, baseados nas autoridades que citamos, que é necessario uma noção intima da mentalidade dos povos e dos individuos para os governar, podendo á falta desse conhecimento attribuir-se erros fundamentaes que a todas as nações têm sido perniciosos.

As forças que determinam as acções dum povo são as politicas, economicas e historicas, como são as forças naturaes.

E é deste conhecimento geral, que devemos tirar a orientação para a nossa conducta.

Afinal cahimos numa divagação, talvez inoportuna, porque não queremos, por forma alguma, misturar problemas de sciencia com um assumpto que deve primar por uma linguagem comprehensivel e chã.

Mas aquelle confronto tão comesinho serve apenas para dar ao nosso leitor a ideia da dificuldade de bem reger uma sociedade, como convencel-o de que só evolutivamente poderemos tentar a consecução do nosso objectivo.

Para o conseguir, dois factores são absolutamente imprescindiveis: o tempo preciso, não com a morosidade da formação das especies, certamente, e um trabalho intenso, alliado a um esforço methodico, e a uma vontade de ferro.

E para executarmos o nosso emprehendimento preciso é pois pensar e estudar muito, e a serio, em todos os nossos problemas, para que mais tarde se não resinta, como a maioria dos melhoramentos, duma falta de technica e de competencia.

Erram os mais inteligentes e os mais sabedores; mas só um espirito fraco pode julgar este facto tão humano como um motivo para entregar e depor nas mãos de falsos peritos obras que merecem toda a ponderação e o conhecimento de rigorosos principios.

O thyrsense pecca muitas vezes por este mandamento, vendo superficialmente os problemas.

Mas devemos emendar-nos e confiadamente basear os nossos projectos no estudo e na sciencia, para lhes extrahir todo o seu proveito.

E de mãos dadas então e com a tenacidade do nosso esforço, e decidida vontade, com ponderação e reflexão, teremos realisado exuberantemente o nosso emprehendimento patriotico.

*
* *

Escalonamos adeante os melhoramentos que pertencem á Camara e os que acima de tudo competem á iniciativa particular, e a seguir apresentamos uma resenha de factos que devem influir no futuro da nossa risonha vila.

E como assumptos ha que merecem para já uma particular attenção, resolvemo nos a tratal-os, com o apoio de thyrsenses, cuja opinião pela elevada consideração que lhes votamos, nos merece especial consideração.

Na impossibilidade de estudar desde já tudo que visamos, destacamos os melhoramentos mais importantes e que tem chamado actualmente a attenção do povo de Santo Thyrso, que se embrenha numa luta nobre para se enfileirar numa ordem de progresso, a par daquelles que patrioticamente velam pela sua terra natal.

E assim em synthese formulamos alguns quesitos que reunem o que de mais palpitante e sensacional tem preoccupado o espirito dos thyrsenses, e espalhamol-os por alguns dos nossos mais distinctos conterraneos que por uma forma amavel e patriotica se promptificaram a collaborar comnosco.

Assim os resumimos, sem a pretenção, porém, de sermos completos e perfeitos.

Eil-os:

— Quais são os melhoramentos mais urgentes para o progresso e embelezamento da vila?

— Que razões alega para a necessidade dos melhoramentos que indica?

— Qual a sua opinião sobre o edificio projectado para os Paços do Concelho e Tribunal?

— Em que sentido devemos pugnar pela instrucção secundaria, e qual o estabelecimento de ensino preferivel e viavel?

— Que alterações se devem introduzir no Hospital, compativeis com os seus actuaes recursos, e qual o logar mais hygienico e adaptavel a uma nova edificação já projectada, e a par da sciencia?

— Será urgente a construcção dum mercado, e como o entende necessario, em caso afirmativo?

— Que pensa sobre a influencia do desenvolvimento das Caldas, no nosso meio?

— Acredita que a falta dum hotel moderno e espaçoso nos tem prejudicado?

— Que propaganda mais racional deve adoptar-se para os nossos capitalistas empregarem aqui o seu capital, com proveito?

E' isto apenas um ponto de partida, porque daqui póde surgir um maior desenvolvimento, e lembranças novas que completem o nosso problema. Oxalá que todos se interessem no assumpto e intervennam livremente, apontando melhor opinião se fôr possivel.

Apresentamos as respostas dos nossos consultados, que não se conheciam, para que o acaso duma

conversa não podesse influir nas respostas. Desta forma os nossos colaboradores traduzem a sua opinião, livre de impressões alheias, e o mais imparcialmente possivel.

Destinavamos esta secção para a 2.ª serie da revista que fundamos —*O Ave*— temporariamente suspensa.

E relevem-nos porisso os nossos colaboradores a transferencia dos seus valiosos conselhos, para este supplemento, que fazemos publicar já, na duvida duma demora que possa ter essa segunda serie da referida revista, e pelo decidido empenho que temos neste assumpto, e vontade de tratal-o com a brevidade possivel.

Tinhamos pensado na sua publicação num jornal da villa, a «Semana Thyrsense», que o seu inteligente director, e nosso amigo, generosamente nos franqueou, pelo seu intenso desejo em colaborar em todos os melhoramentos que beneficiem a nossa querida terra. Aqui lhe deixamos o protesto da nossa sympatia e reconhecimento pela sua amabilidade.

Naquelle semanario tratámos já questões importantes, e desenvolvidamente, como sejam os assumptos que se prendem ao abastecimento daguas potaveis na villa (1) e á installação da luz electrica (2).

Estão ainda em execução essas obras, e por consequencia nem lhes tocamos ao de leve, para que não haja imprudencias numa apreciação que deve primar pela justiça.

Entendemos que só a consumação dos factos deverá impelir-nos a estudar cuidadosamente esses melhoramentos, e quando rigorosas experiencias possam influir na nossa opinião.

Dotado Santo Thyrso com os dois melhoramentos referidos, a obra colossal que deverá concorrer para o seu engrandecimento, não havemos de cruzar os braços supondo ter atingido o apogeo da perfeição. Mas impõe-se-nos antes o dever, maior ainda, de continuar a obra encetada, aproveitando as energias existentes, a força de vontade para o trabalho productivo, e o impulso já creado.

Pela nossa parte, já o dissémos e repetil-o-hemos com aquelle entusiasmo que nos tem feito sacrificar ao bem comum muitas regalias: o nosso trabalho, o nosso esforço, a nossa energia, o nosso espirito consagraremos em beneficio da nossa terra, emquanto reconhecermos que lhe poderemos ser util e prestavel, livre de coacções e pressões de toda a natureza.

Sabemos bem que pizamos terreno ingrato, onde nem todos comungam o mesmo ideal de progresso e onde impera muita ingratidão. Porem essa hydra mesquinha, não nos detem, decididamente, porque não medra a planta onde falta a seiva que lhe

(1) José Coelho d'Andrade. Hygiéne — Abastecimento daguas potaveis em Santo Thyrso — 1911.

(2) José Coelho d'Andrade. Hygiéne — Luz electrica em Santo Thyrso — 1911.

alimente os tecidos, por muito tempo. Do pedestal a que se tenha guindado, ella se apeará quando o ciume e o veneno a denunciarem vexatoriamente.

Passem como o vento, sem attenção dos leitores, estas palavras, e prosigamos sem desfallecimentos na nossa cruzada, porque quando tivermos de dissecar algum mal que perturbe a nossa organisação, ou que infecte a nossa consciencia, escalpelisaremos dum só golpe a neoplasia, deixando sem laqueação os ramos arteriaes. E essa corrupção social terá então de ser discutida e apreciada, porque tem vituperios que deshonram o coração que lhes dá guarida.

Na nossa terra devemos todos ter direitos eguaes; e certamente que essa fraternidade não ha-de perecer justamente para aquelles que mais energia dispendam em seu proveito ainda que usando o lemma da sinceridade e da verdade.

E' nesta convicção entranhada. de que num convivio amigavel todos devemos trabalhar, que não abandonaremos o nosso posto na lucta, mirando, num alegre optimismo, a conversão daquelles mais renitentes, para quem a suprema verdade e a razão se ha de revelar com a luz clara que ilumina o espirito mais obscuro, que faz brilhar a retina mais doentia, e que a cegueira traz á realidade.

Para todos os melhoramentos desta nossa terra iremos pois na vanguarda, fornecendo-lhe trabalho e energia.

Conhecido o fim sobre que nos propusemos escrever, faremos seguir as nossas considerações das amaveis respostas dos distinctissimos colaboradores que tanto nos honram com a sua anuencia.

Elas dizem muito e devem impressionar todos os leitores que se interessam pelo nosso progredimento.

As respostas que obtivemos, as daremos portanto, e pela ordem de recepção, pelo facto de não as termos recebido todas, á data do começo da impressão.

*

* *

Colecionando os pontos que supomos mais urgentes, e os assumptos que mereçam superior atenção, vamos fazer como que um relatorio dos melhoramentos que Santo Thyrso exije para a sua vida material.

E' um incitamento ao progresso, e a todas as obras de qualquer natureza que possam influir no nosso espirito, como um bem que directa ou indirectamente tenha por fim concorrer para o interesse commum ou para a nossa riqueza.

No nosso entender, tres melhoramentos devem chamar a atenção daquelles a quem compete velar pelo progresso da nossa risonha vila.

Para a estetica e harmonia deste lindo conjuncto que se estende do rio ao Picôto, resáe em primeiro logar o aformozeamento do coração da vila, tão descurado, por largo tempo, dos nossos municipios. Ha alli por-

tanto uma obra a executar, inadiavel, que se impõe a todos os olhos, e consiste na remoção da cadeia e no levantamento do edificio da Camara Municipal.

O segundo, tem por fim crear alguma coisa que chame o forasteiro, e que não se encontre facilmente noutra localidade da importancia da nossa.

A avenida, na margem do rio Ave sobre um longo paredão que ligue até á Fabrica o passeio do mosteiro, mudando-se o açude e represando-se as aguas ao longe, de forma a tornar navegavel o rio até ao referido estabelecimento fabril, será o meio de alcançarmos vantajosamente o mais rico e atrahente recreio que inunde de hospedes esta linda vila.

O paredão com varias escadarias largas onde assomem os barcos facilmente, a faixa de terra que se interpõe entre o rio e a linha ferrea, ajardinada e livre de arvores frondosas que tirem a vista ao viajante que passa na linha de Guimarães, serão atractivos taes, que ninguem atravessará o caminho de ferro sem lhe perpassar o desejo e anciedade de repousar nesta terra.

O terceiro melhoramento visa uma comodidade importante, além de abrir caminho para o prolongamento da vila. Referimo-nos á estrada de Louzado, já projectada, ideia que todos devemos abraçar, para que a ligação á linha do Minho torne possivel uma rapida viagem ao Porto, permitindo ao nosso hospede a residencia nesta vila, sem que falte ás suas occupações naquella cidade.

Disse alguem que *Santo Thyrso deveria ser a Cintra do Porto*. Essa verdade justifica este nosso modo de vêr, em que muitos thyrsenses pensam tambem. Com a estrada de Louzado poderiamos ter comboyos constantemente, tramways que pelo seu baixo preço favorecessem os menos abastados, os passes annuaes, e acima de tudo uma viagem sem trasbordo e rapida com pouco mais de meia hora algumas vezes ao dia.

Para os que vivem na Foz do Douro, com as impertinentes paragens da linha electrica, não haveria depois, talvez, maiores comodidades de viagem.

Synthetisamos pois nestes tres melhoramentos, a esthetica, o recreio, e a comodidade.

A esthetica, pelo aceio e arranjo do centro da vila; *o recreio*, pela consecução de uma avenida publica á margem do rio e do alargamento de sua bacia; e *a comodidade*, pela estrada de Louzado que faculte ás familias estranhas a sua residencia na vila.

Eis desta forma Santo Thyrso transformado numa instancia de recreio, apropriada principalmente para as estações da primavera e do verão.

O que acabamos de dizer são os tres melhoramentos mais importantes, e aos que dariamos a primazia se a nossa voz tivesse algum dia de ser ouvida, ou a nossa opinião

de se pronunciar perante uma Camara.

Mas nem só a esta colectividade pertence concorrer para o progresso e desenvolvimento da nossa terra.

A' iniciativa particular muito devem todos os grandes centros e é justamente o que aos thyrsenses não deve esquecer.

O nosso concurso tem de entrar persistentemente alliado á generosidade dos governos e ao esforço das Camaras Municipaes. E só assim, com esta nitida comprehensão, e com uma vontade decidida, conseguiremos transformar este nosso privilegiado torrão num paraizo terreal, que ao nosso sentimento tanto lembra e tanto seduz.

Aproveitando-nos pois do mesmo principio que adoptamos para os mais importantes melhoramentos por que a Camara deve pugnar, frisaremos tambem os melhoramentos de que por iniciativa particular deve ser dotado Santo Thyrso.

Escolheremos tambem os tres que supomos mais importantes para nos engrandecer, e para que se allie o nosso esforço á Camara, de forma a completar as obras que a essa collectividade pertence realisar.

Nada nos trará maiores beneficios que o desenvolvimento das Caldas da Saude, para o que urge a edificação dum grande hotel que sirva daqui os seus hospedes e os doentes que necessitam dum tratamento hydroterapico.

As aguas sulfurosas que brotam no logar das Caldinhas, e que já tivemos occasião de estudar num opusculo que publicamos ha poucos mêses, a proposito dos inconvenientes do seu transporte para a vila (1), teem propriedades medicinaes importantissimas, excepcionaes, favor natural que recebemos e que, para não sermos alcunhados de perdularios, devemos aproveitar cuidadosamente.

E' um recurso brilhante para o nosso desenvolvimento economico porque ao seu progredimento corresponderá a vitalidade de tantos ramos comerciaes que lhe estão ligados.

A sciencia encontrou nellas um vasto campo de exploração. E aos thyrsenses compete devidamente aproveital-as em seu beneficio e em proveito tambem da humanidade.

A's Caldas e ao hotel juntaremos um colegio que satisfaça não só aos thyrsenses mas a muitas familias estranhas que tenham de mandar os seus tutelados para um estabelecimento de ensino, dando a preferencia a uma terra repleta de attractivos com que a dotou a natureza, e com que a enriqueceram os seus filhos.

Pertence á Camara olhar pela esthetica da vila, pelo recreio dos seus municipes e pela comodidade dos seus hospedes, como nos pertence a nós olhar a serio pelos nossos interesses.

E se conseguirmos alliar aos nos-

(1) José Coelho d'Andrade — Caldas da Saude — Considerações ácerca do projectado transporte das aguas para a vila.

sos interesses, o interesse geral da vila, temos executado a mais bella obra de economia e altruismo.

Ella ahi está, pois, em esboço, e a nossa maior gloria seria ter-nos feito comprehender por todos aquelles que mais possam contribuir para a realisação desse bem, de que todos nós e mais ainda os nossos herdeiros, as futuras gerações, tirarão proveito.

Este é tambem um dever de patriota, virtude que emana exuberantemente do coração dos bons thyrsenses.

Mas a par destes importantes melhoramentos que deixamos apontados, uns da competencia da Camara, outros da iniciativa particular, muitos ha ainda que merecem cuidadosamente a nossa atenção, e que até, quem sabe, outros colocarão em primeiro logar.

Novamente porem accentuamos que para dar o impulso que pretendemos ao nosso progresso, é absolutamente preciso o concurso de toda a vila.

O commercio está atrazado, e é rudimentar.

Encontram-se nesta terra apenas generos de alimentação e destes proprios muito ha que dizer.

Encontram-se alguns estabelecimentos de fancaria, incompletos ainda, e pouco mais. Quantos ramos de primeira necessidade poderiam ser aqui explorados? Na vila de Famalicão, a dois passos daqui, está o commercio muito mais desenvolvido e em condições de progresso, com ramos de negocio importantes que aqui poderiam existir.

Alega alguem que as proximidades do Porto vêm em nosso prejuizo porque muitos preferem comprar na cidade.

E' uma accusação desrazoavel, e um argumento falso.

Famalicão vive em melhores condições de comodidade, para se fornecer não só do Porto, como até de outras terras muito importantes, como Barcelos, ou a cidade de Braga, dalli tão proxima. E apezar disso progride a classe comercial.

O erro está pois nos comerciantes por não desenvolverem todos os seus ramos, proporcionando nos boas transacções, e fornecendo-nos de tudo, quanto pedem as exigencias dos habitantes.

Parece-nos mal aproveitada a parte afunilada da Rua de Souza Trepa. Que desolação quando a atravessamos todas as noites, quasi ás apalpadelas! E a nosso ver, que excelente logar para o comercio se desenvolver!

Seria util e bonito o aproveitamento de todas aquelas lojas para estabelecimentos de certa importancia que se conservassem illuminados nas primeiras horas da noite.

Isto realisado, os thyrsenses tinham naquelle logar um magnifico ponto de reunião e essa parte da rua dar-nos-hia uma nova vida para o que se presta a sua situação, e um aspecto de cidade. Alem de ser uma passagem forçada, é o unico logar para um ajuntamento das pessoas desta vila, que mais se utilisam do seu comercio. E' talvez esta a falta de que se resente mais o nosso meio.

Terra cheia de encantos que durante o dia tanto nos prende!

Porem as noites são mortas; tudo fechado, e quasi sem estabelecimentos que suavisem de inverno algumas horas das grandes noites.

A parte afunilada da rua a que nos referimos, repleta pois de estabelecimentos, aformozearia a vila e a desenvolveria enormemente pelos seus atractivos, porque é este o grande segredo do comercio.

Creavam-se novos ramos, uns incitados por outros, com um certo enthusiasmo a que os levasse essa profissão, e outros por dependencia de negocios que os novos trariam.

Não tratamos agora de estudar com minucia, os varios assumptos que temos apresentado. Fazemos-lhes apenas referencias, para em synthese, quasi num programa, dizermos o que ao nosso espirito lembra, em proveito da nossa formosa terra.

E só mais tarde especialisaremos alguns pontos a que tencionamos dar maior desenvolvimento, e dentre os que citamos, os mais importantes. Querendo assim fazer como que uma resenha dos projectos que prendem a nossa attenção, iremos, numa ligeira palestra, tocando de relance o que a nossa phantasia tenha imaginado, algumas vezes talvez irrealisavel, mas que ao menos traduz o desejo ardentissimo da elevação de Santo Thyrso.

Sem methodo, pois, sem ordem tambem, quasi vamos reproduzir umas notas que tomamos, visto que apenas a titulo de considerações geraes as apresentamos.

E' certamente importante todo o estudo sobre as estradas do nosso concelho, e principalmente as que de perto se ligam á vila. Hoje torna-se indispensavel que as nossas auctoridades influam sobre as Obras Publicas, para que procedam ás reparações de todas as estradas, tendo em vista a circulação de automoveis, já muito accessiveis e para os quaes se impõem bons caminhos.

Mas é das estradas mais relacionadas com a vila que nos devemos ocupar e em primeiro logar da estrada districtal.

Tem sido objecto de acaloradas discussões o seu trajecto e nós divergimos muito, devemos dizel-o, da opinião dos auctores da planta, a qual só se justificaria antes de existir a Avenida da Liberdade.

A estrada districtal deve sahir quasi ao meio da Avenida, supondo-a terminada, como está actualmente, no caminho do Corvilho.

Ou antes, deve ser traçada perpendicularmente á Avenida de Vil-l'Alva, que está quasi parallela á da Liberdade.

Uma razão basta para o justificar e é relativa ao assotamento de todas as casas se outra direcção lhe for dada. Apresentamos ha tempos esta

razão ao distinctissimo engenheiro Souza Pinto, director das Obras Publicas, já falecido, e dentre tantas razões de que fizemos acompanhar o nosso relatorio, elle nos destacou esta, como que suficiente para justificar a aprovação duma variante.

Outras razões importantissimas poderiamos accrescentar em favor desta variante que apresentamos, porém neste momento não fazemos mais, como já dissemos, que mencionar os melhoramentos.

A vila precisa necessariamente de ruas lateraes, e será tambem uma das razões para o traçado da variante referida na estrada districtal, porque as tiradas do centro da vila, todas lá vão passar.

Convém que estas ruas transversaes cortem regularmente os terrenos, atendendo sempre ás edificações. E por isso com a variante se atende a taes circumstancias, visto que as travessas da rua Sousa Trepa á estrada districtal assim traçada, formariam uns terrenos rectangulares, que permitiriam edificar nas melhores condições possiveis.

Uma outra estrada que está no animo de todos é a da Assumpção, e essa que já tem um grande impulso, não deve tambem agora parar, e principalmente a sua ligação á vila, até ao largo da estatua.

Vimos alguem fazer já referencias ao prolongamento da Avenida da Liberdade até Friães, intercalando-lhe no logar do Corvilho uma rotunda que seria destinada á feira semanal.

Ficaria esta feira um pouco longe, não ha duvida, para o mercado, mas serviria para a feira do gado.

O que porém não deixa duvidas é que, se é discutivel a applicação da rotunda, não o é por forma alguma a utilidade do prolongamento dessa Avenida para a ligação com o populoso logar de Friães.

Este logar tem hoje muitissimos predios, é um grande bairro que necessario é approximar da vila, e mais necessario é ainda começar a alinhar as edificações, obrigando os seus proprietarios a uma planta geral que á Camara compete mandar tirar antecipadamente.

E já que fallamos de alinhamentos não esqueçamos um, cuja necessidade salta a todos os olhos, e que fica mesmo no coração da vila.

Prolongando o alinhamento da casa do auctor destas linhas até ao cunhal das casas dos herdeiros de Joaquim Corrêa de Miranda, obter-se-hia um aspecto mais novo e ficaria em grande parte desfeito este zig-zag formado pelas casas dos srs. Arthur Morêda e Souzinha.

Este alinhamento seria feito com cadeado e grades de ferro, por uma planta, d'accordo com a Camara e todos os moradores daquelle logar.

A Camara cederia os terrenos depois dum estudo consciencioso e pela melhor forma para as partes contractantes.

Supomos que esta obra seria dum efeito surprehendente e dar-nos-hia o aspecto da Avenida *du Bois* em Paris, e da Boa Vista no Porto em que as edificações não têm alinhamento algum porque são feitas a distancia das ruas, construindo-se á margem destas como já indicamos para a qui, pequenos muros de suporte com vistosas grades de ferro. E a obra ficaria completa levando o prolongamento pela casa do sr. Antonio Godinho até á Avenida de Vill'Alva, expropriando as duas casas dos herdeiros da viuva Aguiar, se como nos dizem estão para ser vendidas.

Divergem as opiniões sobre uma rampa ou uma escadaria a fechar esta sahida. Optamos pela ultima ideia, uma linda e ampla escadaria em hemicirculo, a que ligaria o paredão. E já agora diremos tambem que achamos excelente o projecto apresentado pela actual commissão administrativa para a reforma desse paredão, mas em parte.

Não lhe fariamos de forma alguma, por falta de hygiene, as lojas que do projecto constam, mas fariamos a parte restante que trata do gradeamento em cimento armado, por signal dum fino gosto, e acima de tudo mettiamol-o no alinhamento com o Club Thyrsense, o que mais e muito mais se impõe.

Este centro da vila tem merecido pois a nossa attenção e deve merecê-la a todos os thyrsenses.

Não nos tornem suspeitos por nelle termos a nossa casa de habitação, porque assim como com toda a imparcialidade e franqueza declaramos este nosso modo de vêr, tambem seremos o primeiro a apoiar que lhe tirem o que lhe não compete ainda que com prejuizo destes moradores.

Referimo-nos á estatua do Conde de S. Bento que deve ser transferida para a Praça da Republica, logar que deverá ser destinado a passeio e festas publicas de inverno, merecendo que lhe coloquem o mozaico, como na Praça Nova do Porto.

Sim, a cidade deve dar-nos ideias de progresso; e assim como aquelles ambicionam o alargamento da sua Praça, nós que temos de seguir por étapes, sonhamos em alcançar o que elles têm presentemente.

Podemos ter aqui a Praça Nova do Porto, porém com mais encantos e até mais bella, respirando o nosso ar purissimo, e aquecidos pelo sol quente que no Porto não ha. A nossa Praça da Republica será mais hygienica e não sahiremos de lá, após um curto passeio, arrefecidos pelo frio, ou tranzidos e humidos até á medula dos ossos, como succede naquella que confrontamos.

A hygiene é um dos pontos que mais nos seduz, e que justamente deve preoccupar a nossa attenção.

Em Santo Thyrso não se tem notado muito a sua falta, porque a inteligencia dos nossos conterraneos tem sido debaixo deste ponto de vista sempre bem orientada.

Ha pouco, por ordem superior e supomos que por principio geral, foi ordenado o encerramento do nosso cemiterio parochial, medida que sinceramente aplaudimos, desejando que

se cumpra essa excellente disposição, para sempre, pelo que lucra com isso a hygiene. Mas não é só a hygiène que neste facto aproveita, porque a estetica da vila ha muito que aconselhava uma tal medida.

E se está no espirito de todos este importante melhoramento, deveria trabalhar o municipio para com toda a urgencia possivel fazer desaparecer o cemiterio parochial. Já exposemos particularmente este nosso modo de vêr e não será demasiado repetil-o novamente.

Entendemos que a Camara deveria auxiliar a trasladação desse cemiterio para o municipal.

E o melhor meio de o conseguir sem prejuizos, até talvez com lucros, seria anunciar desde já a venda dos terrenos no cemiterio municipal, com uma percentagem muito grande de 75 % de abatimento durante um certo praso de tempo curto, uns seis mezes, tempo durante o qual todo aquelle que pretendesse fazer a muda auferiria aquelle desconto referido.

E' de crer que todos os que estivessem em condições o fariam, cumprindo-se é claro para isso todos os preceitos hygienicos; e para aquelles a quem não fosse possivel efectuar a trasladação, se observaria o preceituado nos regulamentos, se é que para alli, elles regulam, o que não cremos visto ser um cemiterio particular não autorizado.

A Camara poderia pois com estas medidas, e acima de tudo a maxima prudencia, conseguir extinguir rapidamente aquelle cemiterio, e facultar á junta de parochia o aproveitamento do terreno para uma outra obra que viria preencher uma lacuna importante, sentida por todos aquelles que apreciam o lindo Ave, que são todos os thyrsenses sem excepção.

Queremos dizer que o terreno desse cemiterio parochial poderia ser aproveitado para uma larga avenida, prolongada até ao rio, e atravessando a pequena parte da quinta do Mosteiro que lhe está interposta. Seria esse o melhor logar de comunicação da vila com o rio, e que serviria tambem para um caes, absolutamente necessario para a casa dos barcos, que doutra forma se não podem conservar. Todos os dias, e sobretudo nesses mais quentes de verão, ouvimos constantemente essa lamuria.

Um rio tão bonito como temos, um recreio tão aprazivel, e não podemos aproveital-o pela falta dum caes, dum logar onde se possam guardar os cahiques, guigas, os escaleres, todos esses vistosos barcos que enfeitam pomposamente as aguas crystalinas do nosso soberbo rio! Quantas vezes pensamos nelle, e com que ambição o vemos attrahir os nossos visitantes!

O rio presta-se para os divertimentos mais extraordinarios, porque surtem todo o efeito. Já dissemos num dos numeros da nossa revista «O Ave» que elle estava destinado a abrilhantar todas as nossas festas. Pensamos com inteira saudade naquellas lindas e afamadas regatas

que rapazes distinctos da nossa terra alli promoveram.

E sentimos ainda o deslumbramento das iluminações minhotas, as encebadas tijelinhas, os milhares de lumes que sobre o paredão á margem esquerda do mosteiro se reflectiam no Ave, parecendo iluminar o fundo do rio.

E tudo isso deve ainda voltar mais surprehendente, ampliado com os fogos e corridas maravilhosas para que se presta.

Havemos de lá encontrar barcos a gazolina, em que tantas vezes já ouvimos fallar, mas que só devido á falta de caes, ainda não existem.

E depois de conseguir represar as aguas junto da Fabrica, como já fallamos, que attrahente passeio não gozaremos num desses barcos automoveis!

E o mais que daqui nascerá, todos o prevemos. São as regatas que mais se notabilisarão, são os fogos de lago, porque muito bem, alli, se mostrarão, são as illuminações em barcos de phantasia, quaes gondolas venezianas, uma infinidade de divertimentos, umas festas brilhantissimas que atraiam e deslumbrem.

Em Santo Thyrso, devemos tambem confessal-o, morreu o enthusiasmo, e não se comprehende o amortecimento desta nova geração.

Em tempos tivemos de tudo, todas as gerações contribuiram com o seu enthusiasmo da juventude para não deixar morrer de tristeza a sociedade thyrsense. Não vamos recordar para não nos alongarmos demasiadamente, todos os festejos que as gerações passadas, dos vinte annos, promoveram.

E' preciso incitar os novos a trabalharem, procurando festas sportivas, como é necessario que o comercio contribua todos os annos para uma festa da terra, aproveitando-se do S. Bento, dum qualquer anniversario, uns dias emfim para festas, e organizando-se feiras de interesse para os negociantes da vila.

E conjuntamente diversões que chamem tambem o forasteiro. Será alliar ao interesse comercial o divertimento, e tudo junto concorrerá para o mesmo fim de progresso e civilisação.

Temos de trabalhar todos, havemos de juntar o nosso esforço, e a nossa energia, com prudencia e com methodo, para conseguirmos o nosso maior desenvolvimento e engrandecermo-nos. Um outro logar para festas é o parque. Luxuoso e lindo, admiravel pela sua situação, impõe-se o seu prestimo para fazer sobresahir qualquer diversão ou festa na vila. Ha pouco assistimos a uma modesta illuminação que alli se fez, e já isso constituiu uma surpreza, que causou uma impressão agradabilissima e nova aos assistentes.

E' por consequencia mais um elemento imponente e magestoso para realçar e embelezar a vila, sempre que seja promovido qualquer festejo publico.

Nada falta neste nosso lindo meio,

que está repleto de recursos, e para tornar toda a obra magnificente basta o enthusiasmo dos seus habitantes, e principalmente dos mais novos a quem compete pela sua vivacidade e vigor emprehender divertimentos que sirvam para attrahir o forasteiro.

Santo Thyrso deve ser uma estancia de passeio primaveril, ou de verão, e por consequencia necessita que a rodeiem de attractivos e vida, ponto principal para a sua prosperidade. A nossa vila precisa de boas ligações com o Porto, a Povoa e Famalicão, e com Guimarães, terras que mais podem viver comercialmente com Santo Thyrso. Insistimos neste ponto, porque é nosso proposito firme incitar a classe comercial a progredir, porque della, estamos convencidos, depende o melhor futuro desta nossa patria natal que tanto adoramos.

A industria tem-se desenvolvido enormemente com os importantes estabelecimentos fabris de Negrellos e de Santo Thyrso, alem doutros de menor vulto, mas que, contribuem poderosamente para a nossa riqueza. A par lhe deverá seguir o comercio, desenvolvendo todos os seus ramos de negocio, e creando outros de cuja falta muito nos resentimos.

Nesta resenha de melhoramentos que apresentamos, evidentemente que não pretendemos ser completos, ainda que à nossa imaginação surjam projectos que dariam realce á villa. Poderemos citar por exemplo um que merece por todos os titulos uma atenção extraordinaria, embora seja cedo ainda para delle se tratar a valer, reconhecendo-se o dispendio enorme que seria necessario para o executar.

Queremos referirmo-nos ao embelezamento da entrada da vila pela ponte. E' magestosa aquella vista que dela se desfructa, e dá-nos a impressão dum jardim formoso e phantastico que num sonho conquistassemos. E' empolgante e sugestivo o lance que a vista recolhe num extase, em verdadeira admiração, ao contemplar a vegetação tão verde e rica nas encostas do Mosteiro, que vê a correr-lhe ao lado o rio murmurante. E mais acima, volvendo o olhar suavemente altivo e nobre, como soberana que altamente sorri do seu enlevo, aparece este trecho sublime da nossa vila que o thyrsense orgulhoso canta como fructo que da sua abnegação e heroismo procedesse.

E' a vertigem do amor a este pedaço de terra, que com afinco guardamos e a que numa anciedade quasi louca corremos a buscar toda a sua elevação e sublimidade, todo o esplendor e deslumbramento, a sua riqueza, a sua vida, o progresso, a civilisação. E só assim justificaremos alvitres arrojados, que não reclamamos para serem executados já, mas apenas planeados para quando a successão dos outros melhoramentos lhe derem a vez.

Sonhamos, e é este o verdadeiro termo, em transformar a entrada da vila, por uma ponte mais alta, um pouco mais alta, apenas nivelada

pelo pontilhão da linha ferrea. Não mais, no entanto, porque era tirar-lhe a vista empolgante que ella nos oferece e prejudicar-nos a comunicação do caminho de ferro.

Com a elevação a que nos referimos, a subida para o jardim far-se-hia suavemente, não tornando violento o passeio que da estação se dirige á parte principal da vila. O accesso seria feito por uma rampa em hemicirculo, que entrasse pelo terreno do actual proprietario sr. Vieira, e pela casa do lado esquerdo, conhecida pela propriedade do sachristão.

E já que neste predio fallamos, não largamos a penna sem manifestarmos o nosso sentimento, por ainda alli se levantar aquelle verdadeiro espantalho, que nos enche de repugnancia e aborrecimento sempre que por aqueiles lados passamos a mirar tão alegre vista. Ao menos que a Camara, d'accordo com o seu proprietario, consiga remover-lhe o primeiro andar, justamente o que nos inhibe de contemplar aquella soberba paisagem.

Tira em grande parte a vista da estação do caminho de ferro, e duma importante extensão do rio que é imensamente prejudicada.

A expropriação do terreno do aludido sr. Vieira é cara e porisso mesmo nos parece que só tarde poderá o municipio pensar nella.

E' no entanto uma obra notavel, e de todo o plano de alteração daquella entrada, é a primeira que deve fazer-se.

Então, depois, pensemos em crear alli qualquer coisa recreativa, ou projecto mais grandioso, se alguma fortuna estranha, ou empreza feliz, se sentir com coragem para o seu emprehendimento.

Indispensavel para a execução deste projecto seria a construcção duma arcaria ao longo e por debaixo do paredão.

E' extremamente semelhante esta disposição topographica da entrada da villa, pela ponte, com a duma cidade franceza, nos Pyreneus, proximo de Lourdes.

E' Pau, cidade conhecida de muitos thyrsenses já, porque nos recordamos bem duma grande excursão a Lourdes, em que tomaram parte muitos conterraneos nossos.

Já estivemos nessa cidade, e guardamos dela optimas recordações por supormos ter encontrado alli um futuro Santo Thyrso.

Já nos referimos de relance a algumas estradas e projectadas ruas transversaes da vila.

Unida com Friães por meio da Avenida da Liberdade, e tambem por Vill'Alva, e unida ainda pelo prolongamento desta para o monte da Assumpção, e por outro lado continuada por Alem-do-Rio até ao Montinho, desfazendo aquellas pequenas porções de terreno que lhe estão no meio, formando assim uma só estrada, que ficará linda pela largura que tal obra lhe dará, temos mais ou menos constituida a area da vila.

Repisei este ponto para lembrar o

quanto é necessario tomar uma resolução de limitar a area da vila, pelo motivo importante de escolher os terrenos para edificações.

E feito isto, urge que todos os proprietarios confinantes com as novas ruas transversaes, ou com terrenos no seguimento das avenidas já existentes, ou das vindouras, façam intensa propaganda no Porto, mesmo pelos jornaes, como temos visto de outras partes, dos seus terrenos para aforamentos.

Constitue esta medida um reclamo á vila e podemos garantir a sua eficacia, porque é sabido que muitas familias da cidade se sentem atrahidas pela provincia, onde procuram constantemente terrenos.

A rua Alvares Cabral, no Porto, como por encanto apareceu transformada numa das mais bonitas da cidade, logo que os terrenos foram marcados para aforamentos, o que se fez com certo reclamo, colocando-lhe taboletas, ou escriptos nos muros com a indicação de que se aforavam. E o mesmo, que nos recorde, sucedeu na rua de D. Carlos onde por muito tempo ninguem edificou.

O reclamo é uma tentação, que a muitas pessoas arrasta a obras que nunca projectaram. E desde que Santo Thyrso continue com a mesma vertigem de progresso, serão valorisados os seus terrenos, e sobretudo serão procurados com afam, e até disputados, se lhes soubermos fazer a propaganda devida.

Não deixemos ao abandono os nossos interesses particulares, porque a nossa atenção cuidadosa para um tal fim concorre para o progredimento geral.

Mas não queiramos tambem effectual-o num momento e desanimando, se nos primeiros dias não tivermos rapidamente conseguido o nosso desejo.

E' o que tem sucedido, por exemplo, com os trens para a estação do caminho de ferro.

Porque não dão resultado no primeiro dia, logo se desanima para o segundo.

Impõe-se, pelo menos, para os dois comboios do Porto, mais concorridos, pela manhã, ás 9 horas para levar passageiros, e de tarde ás 6 horas para os trazer, segundo, e aproximadamente, o horario actual.

Todos os profissionais a quem compete esse serviço prestariam um beneficio á vila, e lucrariam certamente, com alguma persistencia, e sem grandes sacrificios.

O serviço póde ser feito alternadamente, mas de fórma que pela manhã haja um trem pelo menos, e á tarde, por grande conveniencia, dois.

Mas não discutimos a fórma do serviço.

O seu regulamento aos interessados compete elaborar.

Occorre-nos um assumpto neste momento que não deixaremos passar em claro, pela importancia que visa, e é relativo aos nossos vinhos.

E' a nossa maior riqueza talvez, e como tal temos de pugnar pelo seu desenvolvimento.

Sendo apreciados principalmente pelo Brazil, e é esse o ponto que mais reclama a nossa attenção, devemos produzil-o nas melhores condições possiveis, mantendo integra na sua qualidade toda a exportação que aqui fazemos.

Temos ouvido dizer — e isso quasi o não acreditamos, pela reputação justa de que em geral gozam todos os nossos exportadores — que em certos annos se mistura o nosso vinho com outros da Bairrada, para se conseguirem mais baixos preços.

Admitindo, porém, que isto era verdadeiro, teriamos de entrar até na hypothese de que a remessa seria feita por essa fórma a pedido de casas importadoras, que por forma nenhuma devem ser atendidas.

O typo de vinho verde de Santo Thyrso alcançou uma fama como talvez nenhum outro, e por consequencia necessario é que não desmereça do excelente conceito em que é tido, que a sua marca se não desprestigie á custa de mixordias de que por ventura alguem se tenha lembrado.

Não acreditamos que um thyrsense só, possa confeccionar uma adulteração do vinho desta nossa região, e seriamos o primeiro a levantar com energia o nosso protesto vehemente se algum dia tivessemos a prova duma tal fraude.

Mas dito isto de passagem, o que pretendemos mostrar é a conveniencia de conservar o bom typo do nosso vinho que está destinado em grande escala para exportação.

Evidentemente que, acima de tudo, não seria licito consentir em que artificialmente o prejudicassem.

E depois, excluindo esta possibilidade, importa que todos, compenetrados desta riqueza regional, se empenhem em melhorar o typo de vinho, adequando-o à exportação.

Eis um magnifico emprego de capital, porque o vinho bom está absolutamente garantido pela exportação, desde que cubra, pela sua côr e percentagem alcoolica, a média do embarque.

Muito extenso seria este assumpto, se tivessemos de o tratar em separado.

Porem, neste arrazoado geral, apenas o citamos, por entendermos que o devemos apreciar como um meio de riqueza.

E já que mencionamos este meio, não o abandonemos, porque é mesmo um dos pontos visados no nosso questionario.

Acima de tudo é necessario ter em mira o que possa contribuir para a nossa riqueza, e que deva chamar o forasteiro não só a visitar-nos, mas tambem a aproveitar-se da nossa situação topographica e das nossas condições especiaes, para desenvolvermos, além dos ramos comerciaes a que já fizemos referencia, outros, e principalmente a industria.

O rio Ave está em condições de produzir grandes energias, proporcio-

nando economias excepcionaes aos estabelecimentos fabris, que aproveitem as suas margens.

Vemos já fabricas terem-se aqui aproveitado dessa força colossal, como as de Negrellos e Caniços.

Mas quantas mais poderiam existir, umas destinadas a servir terras importantes, transaccionando com ellas os seus productos e outras fornecendo-nos pequenas coisas de que necessitamos.

Lembra-nos por exemplo uma fabrica de carpintaria, a par do progresso, que tantas maravilhas tem produzido, alliviando o braço do homem tão util para outras producções.

E como esta de que fazemos menção, a muitas mais poderiamos alludir, se não fosse outro o nosso objectivo.

Accentuamos pois que a attracção do capital para o nosso meio não é dificil conseguil-a, em vista dos muitos factos que já apresentamos.

Adeante, em logar proprio, ainda nos referiremos a este ponto.

Ha ainda uma ordem de melhoramentos que muito nos deve interessar, visando a instrucção popular, e para a qual devemos olhar com verdadeiro empenho.

Não é este o momento de tratarmos um dos pontos do questionario que trata da instrucção secundaria.

Queremos apenas salientar a necessidade de organisar uma bibliotheca publica, onde possamos consultar auctores de todos os ramos de sciencia, como da literatura, ou estudar qualquer ramo artistico, e fornecer ao operario culto, livros que o instruam e que o incitem a uma regular cultura intelectual.

Quantas vezes seria a bibliotheca o passatempo dos muitos thyrsenses que não encontram occupação para um dia inteiro?

E seria uma distracção proveitosa e instructiva, como por vezes, havendo boa orientação, uma semente de propaganda moral e de incitamento, lançada no meio do povo menos culto.

Deste melhoramento urge tratar, porque da sua falta se resente já o nosso pequeno meio.

Ainda nos lembra um outro que lhe é correspondente, e para o qual nada mais é preciso que boa vontade: — um archivo de todas as obras referentes a Santo Thyrso, para em todo o tempo compulsarmos a nossa historia, que encontrará por tal processo, a maneira mais comoda de ser estudada.

Já nos referimos, num artigo, à necessidade de a Camara organisar um archivo cuidadoso de todos os seus documentos e obras que lhe são oferecidas, incluindo plantas, orçamentos, etc., tudo emfim que se prenda á historia da nossa terra.

Coligir-se-hiam assim facilmente elementos que servissem a qualquer estatistica, como áquelle que se propossesse conhecer a nossa vida regional.

E' com uma boa organisação material, que podemos abrir caminho ao progresso.

A existencia do archivo despertará certamente muito estudo, e meditação de importantes pontos que precisam desenvolvimento.

Esta desorganisação faz lembrar o que succede com os elementos dispersos das bandas musicaes que se têm formado nesta vila.

Existem fardamentos desde muito tempo, e supomos que instrumentos musicaes.

Ligamos este facto, talvez justificadamente, ás alternativas das nossas bandas de musica.

E com profunda magua vemos faltar-nos actualmente essa corporação que por tanto tempo foi o nosso orgulho e o nosso maior divertimento.

Impõe-se a sua reorganisação, tratada com todo o ardor, para que definitivamente se funde com todas as caracteristicas de persistencia, e com todos os signaes de longevidade.

Temos musicos de merito — tambem já o dissemos — e temos necessidade duma boa orchestra para o nosso teatro.

Uma coisa traz a outra, é a phrase de todos os dias. E para que não falhe á regra o dictado, depois da existencia deste esplendido teatro, exige-se a elaboração duma orchestra em condições de brilhar naquella linda sala.

Não podemos tambem esquecer a mendicidade e importa por todas as formas pensar em alliviar a indigencia, proporcionando-lhe estabelecimentos de caridade a que possam recorrer nos momentos das suas maiores dores.

Não é aqui o logar de tratarmos do Hospital, mas duma sua dependencia, que beneficiará extraordinariamente tantas familias pobres que inundam o nosso concelho.

As tristes mães que se vêem a braços com a miseria, têm o direito mais sagrado de exigir á humanidade que lhes soccorra os filhos sem leite para a sua subsistencia.

E depois é um dever moral a que todos temos de votar o nosso amor, para que exista, de facto, uma creche para creanças.

Não sabemos ainda bem como se póde organisar.

Já depois de termos escripto um artigo no «Ave» sobre este assumpto, ouvimos fallar na fundação de uma creche á custa de recursos da Santa Casa de Misericordia.

Tome essa Casa a sua iniciativa e contribua a Camara, contribua o negociante, contribua o povo, para essa obra de beneficencia porque certamente a ninguem repugnará um encargo para soccorrer a mendicidade e principalmente tratando-se de uma créche.

Sabemos que em varias terras são creados impostos sobre a carne e sobre certos generos para este fim.

Não estudamos aqui o assumpto, que requer todo o cuidado para nos podermos pronunciar conscienciosamente sobre o que deveriamos propôr; mais longe porem reservamos-lhe algumas palavras.

Citamos agora estes factos para que se conheça o dever que a todos assiste de receberem, sem relutancia, encargos para uma obra tão util e tão caritativa.

E agora duas palavras só sobre uma associação que os thyrsenses não podem deixar á margem.

E' uma associação de socorros mutuos.

Existe já a do Monte-Pio Thyrsense; mas, ou aproveitando o existente ou modificando as suas bases, ou creando uma outra, o que não nos parece necessario, o que entendemos conveniente é pugnar por uma tal associação que prestaria relevantes serviços sobretudo ao operariado e até ao proprietario.

Como instituir a associação? Isso dependerá de muitas condições e do prestimo que lhe convier aproveitar.

O que pretendemos salientar é que colheremos bons resultados duma perfeita associação de soccorros mutuos, como o provam á evidencia os grandes centros onde ellas existem abundantemente, e onde se criam todos os dias.

Muito sumariamente, temos divagado sobre uma colecção de melhoramentos locaes que passamos em revista.

E muitos mais poderiamos referir, se já não fosse longa a lista.

O nosso decidido empenho seria que no espirito de todos os bons thyrsenses calasse com enthusiasmo o seu apoio, para a consecução de muitas das obras apontadas que merecem mais a nossa attenção. E dividindo por todos os nossos conterraneos e d'accordo com a sua competencia, a elaboração duma grande reforma geral, temos sabido cumprir um dever de patriotismo, que a nossa soberba e linda vila nos exige inexoravelmente.

Pela nossa parte lhe oferecemos o nosso sacrificio e o nosso modesto concurso.

E pelos thyrsenses em geral antevemos o seu entusiasmo, sempre manifestado em todas as obras que concorram para o bem geral e para o desenvolvimento da nossa envaidecida terra.

Santo Thyrso tem recursos extraordinarios para progredir intensamente, e por consequencia o dever de pugnarmos pelo seu enriquecimento impõe-se-nos, justamente para que a sua construcção não fique incompleta e se resinta do nosso desinteresse.

Certamente que não, é o brado que nós levantaremos calorosamente, convencidos da verdade, e desejosos de que assim seja.

Com o exposto quisemos nós succintamente manifestar a nossa opinião sobre alguns pontos do questionario.

Vamos agora referir-nos ás demais questões nelle ventiladas, com as considerações que julgamos mais importantes, para não alongarmos demasiadamente o nosso trabalho.

*

* *

OS COLABORADORES DO INQUERITO:

Dr. José Ferreira de Lemos Junior, advogado e antigo deputado por Santo Thyrso. Dr. Eduardo da Costa Macêdo, advogado. Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, advogado. Dr. Arnaldo Baptista Coelho, médico. Dr. José Coelho d'Andrade, médico. Dr. Antonio Pires de Lima, professor, advogado e antigo deputado por Santo Thyrso.

O hospital tem merecido a nossa mais cuidada attenção, e isso bem se justifica pelo nosso zelo profissional, e pelos nossos especiaes desejos de vêr progredir uma tão sympathica instituição de caridade.

E' a que se ergue na nossa vila com mais poderio e riqueza, e a que, tanto pelos serviços que presta, como pelas excepcionaes recursos que possue, pode exercer como modelo o seu fim altruista para que foi creado.

Na «Semana Thyrsense» (1) publicamos nós já um extenso artigo com umas ligeiras considerações historicas geraes, e esboçamos ainda um projecto de reforma.

E na nossa revista «O Ave», estudando as phases porque tem passado a Misericordia de Santo Thyrso, resumimos tambem a vida do nosso hospital desde a sua fundação até 1905.

Promettemos então desenvolver e completar esse estudo, que havemos de fazer mais tarde, em occasião opportuna, e propria, pois que hoje é outro o nosso objectivo.

No inquerito que fizemos, uma das interrogações apresentadas, baseava-se no estudo do hospital, tendo em vista os seus recursos.

O capital da Santa Casa é de 288:507$980 réis sendo 51:967$980 réis de escripturas publicas, réis 175:140$000 em obrigações de 4½, e os restantes 59:700$000 réis em inscripções.

A receita annual está tambem calculada em 13:008$590 réis, sendo 9:190$990 réis do Hospital e 3:817$600 réis do Asylo.

Enumeremos agora as verbas de receita do Hospital e do Asylo, correspondentes ao anno 1911-1912.

(1) José Coelho d'Andrade — O hospital Conde de S. Bento em Santo Thyrso.

Hospital

Juros de capitaes mutuados	2:629$550	réis
Juros de obrigações da Camara Municipal.	81$000	»
Juros de obrigações de 4,5 % de 1888 . . .	5:419$100	»
Juros de obrigações da Junta do Credito Publico	646$800	»
Uma acção da Companhia Vinicola. . .	7$000	»
Renda de foros . . .	46$840	»
Renda das azenhas	57$600	»
Pensões de doentes não pobres	33$100	»
Rendimentos eventuaes e imprevistos	270$000	»
Total. . .	9:190$990	»

Asylo

Rendas das quintas do Mosteiro.	3:180$500	réis
Renda do terreno da Fabrica	50$000	»
Juros de inscripções	527$100	»
Lucros das vendas de gado	20$000	»
Rendimentos eventuaes e imprevistos	40$000	»
Total. . .	3:817$600	»

As despezas com o Hospital foram de 7:604$515 réis, incluindo a instalação de uma pharmacia. A principal verba é a do tratamento dos enfermos, que foi de 3:949$190 réis. A do pessoal clinico é de 400$000 réis para um medico, o que é um legado, e de 200$000 réis para outro.

A despeza do Asylo foi de réis 5:241$795, sendo a principal verba o sustento dos asylados que este anno foi de 2:394$570 réis, pelo facto de ter metade da frequencia dos annos anteriores.

O Asylo consome uma parte importante das rendas do Hospital que tem ido até 3:000$000 réis.

E apezar d'esta parte absorvente do Asylo ainda tem havido no Hospital um saldo.

Isto mostra-nos como póde ser augmentada a beneficencia hospitalar, tirando-lhe os encargos do Asylo.

Scindida pois a Misericordia, e desligada dessa parte absorvente da sua riqueza, e de passagem digamos, sem exito proporcional, fica a Misericordia em condições especiaes e muito superiores para desenvolver a acção caritativa e beneficente do Hospital.

Actualmente esta casa não semeia o bem que os seus esplendidos recursos permitem, e que dentro de pouco tempo redobrarão pelos lucros que auferirá após o desapparecimento do colossal dispendio com o Asylo agricola transferido para o Estado.

Eis pois o Hospital com uma nova situação desafogada e prospera que o colloca na obrigação de estudar o seu desenvolvimento, a fim de satisfazer todas as necessidades da indigencia que deve soccorrer-se da sua magnanimidade, e do seu fim grandioso.

O doente pobre deve inspirar-nos toda a compaixão, e para elle todo o homem deve reservar no mais intimo da sua alma o sentimento mais digno e valoroso, o de altamente contribuir para o alivio da dôr e do desespero desses desprovidos da fortuna.

Que quadro emocionante não fixa o nosso espirito quando percorremos uma enfermaria hospitalar!

Quantas lagrimas teriamos vontade de enxugar, quantos prantos desejariamos soffocar, e que vontade insana não experimenta o nosso coração de prestar auxilio a tanta desgraça fazendo desapparecer aquelle horroroso espectaculo da miseria humana!

E se este sentimento domina a alma thyrsense, como bem crêmos, não demoremos a nossa acção, para activar o progresso duma tão nobre instituição, que gerações inteiras hão de bemdizer.

Fujamos de ser prolixos para que a nossa ideia saia clara e expressiva, como um apêlo a todos os thyrsen-

ses, que têm verdadeira alma de portuguêses, desta raça compadecida da dôr humana, e tão generosa, para que prestem todo o seu apoio, o mais decidido, ao progredimento do nosso Hospital, a primeira instituição thyrsense.

Como elle está actualmente organisado tem defeitos e insuficiencias.

O primeiro defeito é relativo á edificação, que não nos parece bem situada, como tambem inapropriada para o seu fim, em desharmonia com os preceitos hygienicos modernos.

Que a situação é má todos o reconhecem, porque o Parque não é um logar decididamente proprio, pelo seu bulicio, para um estabelecimento hospitalar.

No Parque Conde de S. Bento, o mais adequado passeio para diversões e festas populares, pode encontrar-se um estabelecimento publico de ensino ou qualquer outro, que não funcciona geralmente em dias de festa, e onde por consequencia os professores não se lamentariam da falta de applicação dos alumnos.

Porem para um hospital, onde póde coincidir a agonia dum desgraçado mortal, com o infernal barulho duma manifestação ou festa do povo, onde podem parecer escarneo, os risos dos que se divertem na festa, aos prantos em que se vêm mergulhados os doentes, ou ás dôres em que se torce um moribundo, certamente que o logar não é proprio, e que todos *una voce* o reprovarão, porque mexe com o nosso sentimento, que nos infunde respeito pela tristeza e infelicidade daquelles desvalidos.

O Parque de S. Bento evidentemente não é pois o logar para o Hospital.

Mas nem só é por um sentimento de compaixão e humanidade que elle está reprovado naquelle logar.

E' a higiene, essa grande sciencia que hoje impera nobremente nos povos mais inteligentes, que á sua voz correm como que a procurar a paz social, fiando-nos naquella phrase de *Disraelli* quê a hygiene é a base sobre a qual repousa a felicidade do povo e a força dum estado.

E' a hygiene, diziamos nós, um factor que influe na situação do hospital, que lhe não obedece, porque circumstancias ha que o obrigam a mudar de casa.

A vila é essencialmente prejudicada tambem, porque o contagio de certas doenças dá se com uma facilidade extraordinaria. Os agentes microbianos transmittem-se com muita facilidade em certas epidemias, como é do conhecimento de todos nós, e muito rudimentar.

A variola contagia-nos rapidamente, e a erysipela, sempre que ha quaesquer ferimentos, é como que atrahida.

Isto bastaria para não desejarmos um hospital num seguimento de casas, ou nosso visinho contíguo.

Tambem a reciproca é importante, e ainda mais talvez se notarmos a facilidade de transmissão em individuos enfraquecidos, dum organismo já pouco resistente, e abalado pelo sofrimento que o levou ao Hospital.

E isto, alem de nelle se encontrar não um doente só, mas uma agglomeração de doentes, que podem ser mimoseados com qualquer ataque epidemico, que um companheiro transmita a todos, atacado por um vizinho.

Por consequencia é prejudicial á vila o estabelecimento do hospital naquelle logar, e reciprocamente prejudicialissimo ao hospital vêr-se na contiguidade de casas donde póde provir uma qualquer epidemia, que assole o hospital inteiro.

Com isto queremos dizer claramente que é preferivel isolal-o, afastando-o das agglomerações do povo.

Os hospitaes atravessaram phases muito curiosas até alcançarem o aperfeiçoamento existente.

Não existiam na antiguidade para a humanidade, mas os Indios começaram a adoptal-os para os animaes, fundando casas hospitalares para os gatos, os cães e até para os leões.

Os Egypcios colocavam os doentes á entrada dos templos, recebendo nesse logar os conselhos salutares dos mais experimentados.

E os Gregos, e depois os Romanos com o christianismo os fundaram, como o templo de Esculapio, onde os doentes requisitavam medicamentos que empiricamente lhes receitavam.

Todos os povos tiveram pois curiosos principios hospitalares, qual delles o mais excentrico.

Na Asia, com os caravançarás, uma especie de estalagem gratuita para os peregrinos, na Persia os palacios da saude, e finalmente uma infinidade de processos, até o hospital fundado por Justiniano em Jerusalem.

Começáram assim os primeiros estabelecimentos de caridade, que pela orientação sectarista do seculo sexto em que a necessidade das epidemias que grassavam os creou, se construiram nas proximidades das egrejas. Logar improprio que depressa se modificou até aos conhecimentos hygienicos, que reprovam esse facto, como a sua situação em partes onde ha agglomerações de povo.

E' bem sabido que a mortalidade é maior, com as operações de cirurgia, e mais frequente, nos hospitaes da cidade que nos estabelecimentos congeneres existentes nas vilas, e nestas mais ainda que nas povoações ruraes.

Factor importante é a pureza do ar, mais oxigenado nas aldeias, afastadas das contingencias mephiticas, e da athmosphera insalubre das povoações populosas.

Mas ha ainda no nosso hospital uma circunstancia especial que prejudica a sua situação presentemente, e referimo-nos á proximidade do rio, que lhe traz constantes nevoeiros, nocivos a muitos doentes que, em vez de procurarem a cura, irão buscar o aggravamento do seu padecimento ou talvez creal-o.

E ainda cumulativamente o frio daquelle local que é muito mais intenso que nas partes oppostas da vila, e até, devemos dizer, talvez o nosso logar mais frio.

A proximidade dos rios em principio, contra-indica a existencia dos hospitaes.

Em Paris, na primeira casa hospitalar, onde nos encontrámos já e tivemos ocasião de conhecer as primeiras sumidades francezas em cirurgia, no *Hotel-Dieu*, em diferentes epochas do anno, as grandes operações cirurgicas têm uma terminação fatal.

Não é devido certamente á falta de pericia, porque alli só se servem do bisturi, grandes celebridades, como não é devido tambem á hygiene do estabelecimento, que hoje, depois de importantes reformas, se encontra modernisado e luxuosamente reconstruido.

Na opinião mais seguida, o prejuizo dessas dificeis operações reside na aproximação do rio Sena, o magestoso rio que atravessa a linda capital franceza.

Eis pois sumariamente algumas das contra-indicações para a conservação do hospital naquelle logar.

E assim temos provado que urge cuidar duma nova situação.

Fal-o hemos mais tarde para não interrompermos as considerações que nos levam a censurar a actual edificação para um estabelecimento hospitalar.

Tratamos da pessima situação do hospital e agora referir-nos-hemos propriamente ás suas intrinsecas condições hygienicas, mostrando o nosso modo de vêr, sobre as modernas construcções hospitalares, aliás d'accordo com todos os principios escudados na sciencia.

Estão inteiramente reprovados os hospitaes monumentos. E' o que bem se deprehende duma phrase notavel de *Michel Lévy — je voudrais en finir avec le mephitisme séculaire des hôpitaux monuments.*

E de facto tendem hoje a ser substituidos pelos hospitaes barracas, que a principio foram destinados para a guerra, e que hoje se fixam nas mais importantes cidades.

Os hospitaes em pavilhões teem uma curta duração e podem ser inutilisados ao fim de pouco tempo, adoptando-se-lhe as correcções que a sciencia da epocha imposer, como é possivel transferil-os para outros terrenos que muitas vezes aparecem, preferiveis por uma questão do acaso ou pela aproximação de predios que o progresso de certas terras, ao fim de muitos annos conseguiu levar.

Todas as salas tanto de medicina como de cirurgia devem comprehender poucos leitos, e as suas paredes e os pavimentos devem ser impermeaveis, de forma a poderem facilmente ser limpos com um panno humido.

E hoje todos os angulos e molduras susceptiveis de accumular poeiras, são suprimidos.

Numerosissimas são as condições a que obriga uma moderna construcção e instalação hospitalar que não nos parece neste momento oportuna para dela tratarmos.

O que pretendemos frisar é que a

edificação onde funcciona o hospital de S. Bento não obedece aos preceitos hygienicos, infelizmente.

O nosso edificio hospitalar é muito bonito e de mais para o fim a que se destina.

Preferiamos vêl-o mais modesto mas mais hygienico, disposto em pavilhões, paralelamente, de forma a que o ar que sae dum não podesse penetrar nos outros.

E' o processo de evitar a corrupção do ar athmospherico por emanações infectas, mephiticas, e dar entrada ao ar puro e a melhor luz.

Tambem um tal systema facilita a divisão dos doentes, que não devem reunir-se num numero superior a doze em cada sala, calculando se uns cincoenta metros cubicos d'ar para cada uma.

Com estes simples preceitos, concluimos que o nosso ideal para uma edificação hospitalar tem de ser de accordo com a sciencia, substituindo o luxo ao util.

Demonstramos já o nosso desaccordo relativamente á situação actual do hospital, como demonstramos tambem a inconveniencia hygienica duma tal instalação.

Impõe-se por consequencia a escolha dum novo logar, e dum outro edificio.

Não vamos ao ponto de condenar em absoluto o hospital existente.

Mas ventilando-se este assumpto, diremos, que podendo apropriar o actual predio a outro estabelecimento, devemos tentar o nosso aperfeiçoamento em todos os ramos, escudados sempre em sãos principios.

Sabemos que a mesa ao transaccionar com o Estado o Asylo Agricola e as propriedades junctas, reservou um terreno proximo da Fabrica, que destina ao futuro hospital.

Move-nos inteira sympathia, todas as vezes que encontramos thyrsenses a pugnar pelo nosso progresso. E por consequencia a nossa diferente opinião é baseada apenas no intuito de esclarecer, e nunca, nem por sombras, no de contrariar ou hostilisar.

Não concordamos efectivamente com o levantamento do novo hospital no Caminho da Fabrica, á margem do rio. Isso seria contraproducente e fugir-se-hia a todas as regras estabelecidas, das quaes mencionamos já as que mais interessam a este caso em particular.

Não as repisamos por desnecessario repetil-as, mas lembramos que esse logar está absolutamente aggravado com a presença do rio, e quasi todos os demais defeitos que notamos para o actual.

Na villa não o devemos querer tambem, mas não vamos afastal-o demasiadamente porque nos traria por esse facto outros inconvenientes.

O logar para nós preferivel e certamente o que reune as melhores condições hygienicas, é o Orgal.

Alli se desfructa uma linda vista verdadeiramente minhota, é um logar descoberto e alto, e tem um terreno secco.

Não é um logar central, onde o

bulicio da rua, ou a viciação da atmosphera o prejudique, mas tambem não é um local tão longinquo que gaste mais de dez minutos a alcançar desde o centro da vila.

Temos pois manifestada a nossa opinião, fundamentada na sciencia.

E agora que o nosso hospital vae entrar num periodo brilhante de reforma, urge estudar tambem as suas condições de vida, de accôrdo com os seus recursos.

O hospital deve necessariamente prestar mais soccorros, para não ficar reduzido a uma simples hospedaria de indigentes e desvalidos.

O seu fim é mais elevado ainda, porque se presta a beneficiar o doente e a arrancar á morte tanto desgraçado que sem o seu auxilio succumbiria miseravelmente.

Necessario é portanto enriquecêl-o com tudo que concorra para desenvolver a sua acção hospitalar.

Receiamos por vezes tocar neste ponto porque somos medico e alguem nos póde tomar de suspeição.

Mas prefaciaremos este estudo com a declaração firme de que fallamos para aquelles onde exista a lealdade e a sinceridade de vêr as coisas como ellas são, na sua nudez, interpretando-as, não pelas malhas ou entrelinhas, mas ponderando as desinteressadas considerações que aos thyrsenses verdadeiros submetteremos.

Mas ainda mesmo que alguem nos julgasse candidato, ninguem nos poderia suppôr, crêmol-o bem, mais que um pretendente a um hospital *onde se aprende* a tratar doentes, e onde nos possamos enriquecer com a experiencia que nos traga meios de soccorrer a humanidade sofredora.

Ninguem desconhece que o Hospital é tambem um estabelecimento de ensino, onde os clinicos adquirem longa pratica, e onde, podendo usar os meios que a sciencia lhes fornece, se devem tambem desenvolver mais.

Não luctam contra a falta de recursos dos indigentes, ou mal remediados, que geralmente não podem aproveitar-se do quanto a sciencia é capaz de lhes fornecer.

E mais vulgar ainda é a falta de commodidades para qualquer operação ou applicação therapeutica, que se torna quasi impossivel aproveitar, pela exiguidade do meio.

Deve o nosso hospital crear bons medicos e cirurgiões porque esse é ainda um dos seus fins principaes.

Os doentes ricos procuram tambem uma casa de saude, ou um hospital, sempre que necessitam dos cuidados da cirurgia, porque ainda mesmo na sua casa confortavel não é possivel conseguir todas as minucias que certas operações exigem.

O hospital torna-se pois uma verdadeira escola tambem, a qual não nos pareceria mal ter entusiasmo de frequentar.

E quem aproveita afinal com o desenvolvimento dos medicos hospitalares são os doentes do hospital em primeiro logar, que succumbem a muitas enfermidades por falta de preparação clinica e salas proprias para operações cirurgicas, e a seguir a vila inteira, que tem recorrido aos grandes centros, a procurar o allivio dos seus males, quando em condições analogas, podia encontrar aqui clinicos aptos para as mais dificultosas operações.

E' absolutamente indispensavel que o hospital abra as suas portas, e preste soccorros a valer a todos os doentes.

Fallamos, em tempo, num extenso artigo que publicamos, da creação de enfermarias uma para partos, outra para doenças venereas e finalmente uma terceira para tuberculosos.

A mesa do hospital já até hoje tem feito muito para attender essa necessidade imperiosa, e supomos que lhe notou bem a vantagem, e reconheceu o quanto se impunha essa reforma.

Tambem folgamos em lá encontrar já uma sala de operações, posto que preferissemos na sua instalação outros processos, apesar de reconhecermos que naquelle estabelecimento, conforme está presentemente, não é possivel ir muito mais longe.

Mas sem duvida a maior utilidade que podemos tirar dum hospital é relativa á cirurgia.

Só num estabelecimento devidamente montado podemos colher o proveito que visamos.

Tem o nosso Hospital de S. Bento de melhorar, ou quasi crear, a secção cirurgica, porque como existe actualmente, por mais pericia e boa vontade, como a consideramos dos seus clinicos actuaes, não é possivel fazer obra suficiente.

Em todos os hospitaes abundam as enfermarias de cirurgia e assim é por exemplo no Hospital de Santo Antonio no Porto, que das suas quatorze enfermarias apenas destina quatro para medicina.

Tem oito enfermarias, exclusivamente de cirurgia, metade para homens e outra metade para mulheres, não incluindo a enfermaria de partos, nem uma de tuberculosos.

E cada enfermaria tem um medico director, outro adjuncto, e pelo menos um a dois auxiliares, com um enfermeiro, um ajudante, e um creado.

Na enfermaria de partos ainda é maior o pessoal que está augmentado com parteira, e ajudante.

Daquelle modo é possivel pois operar, e trabalhar em cirurgia.

O nosso hospital, evidentemente, não tem as necessidades dum grande centro.

Mas na sua faina quotidiana precisa maior pessoal, como crear outro movimento.

Temos, na nossa frente, uma carta dum distinctissimo collega da Povoa de Varzim, que amavelmente nos forneceu todos os esclarecimentos concernentes ao hospital daquella villa, onde é um importante clinico.

Elle nos pode servir de modelo, porque a nossa villa tem um notavel elemento fabril e já populoso, alem de ter tido a felicidade de encontrar um benemerito que lhe deu

actual edificio do Hospital Conde de S. Bento.

Esta edificação, sendo elegante, e occupando um dos mais bellos pontos da nossa vila, com uma vista sobranceira a uma grande extensão da quinta do Mosteiro e do rio, tendo á margem a linha ferrea, deve ser destinada de preferencia a um estabelecimento de ensino, que oxalá podesse ser um lyceu.

Mas attendendo ás grandes dificuldades economicas do nosso meio, e ás poucas probabilidades de conseguir qualquer dotação do governo, entendemos que é cedo ainda para pensar na sua realisação.

Será esse o nosso ideal, para o que devemos trabalhar incessantemente, esperando que o desenvolvimento da vila torne cada vez mais necessario um estabelecimento lyceal, e que decorridos mais alguns annos o possamos ter obtido.

Addiando por consequencia a creação do lyceu, parece-nos que provisoriamente aquelle edificio poderia ser aproveitado para o asylo dos velhos, obrigação de que o hospital se não póde deslindar, e juntamente para uma créche, instituição cuja fundação por todas as formas devemos tentar.

A mesa da Misericordia pensou já em augmentar a edificação do futuro hospital, para nele instalar, numa dependencia, o asylo dos velhos.

Porém, continuando com todos os direitos sobre a actual casa hospitalar, julgamos preferivel que a mesa

mande construir já o novo edificio em condições de o adaptar exclusivamente a Hospital, e o actual o aproveite para o asylo dos velhos e cumulativamente a créche.

Num artigo que publicamos nesta revista sobre o titulo «A Roda em Santo Thyrso», tivemos já occasião de mostrar a necessidade desta pia instituição.

Crescem os infanticidios, augmenta o numero de mães perversas e criminosas, que geralmente são instigadas ao crime pela dura necessidade.

A humanidade tem de proteger essas desgraçadas, proporcionando-lhes o meio de fugirem ao crime e aos horrores da penitenciaria. Consignamos alli o facto de ser grande o numero de taes perversidades no nosso concelho, e como perito o declaramos, porque por vezes o tribunal nos fez deparar com esses casos.

Não queremos lançar sobre o temperamento do nosso povo regional o labeo dum crime monstruoso, e attenuamol-o dizendo a verdade,—que os infanticidios de que temos conhecimento se têm dado geralmente por falta de cuidados.

E' o infanticidio por omissão, de que as nossas leis penaes não têm conhecimento, e sobre o que temos em publicação um opusculo.

O que deixamos dito, mais uma vez vem corroborar a necessidade imprescindivel da creação duma créche.

Perguntar-nos-hão donde sahirá uma dotação para esse estabelecimento pio.

Muito simplesmente, e sem sobrecarregar demasiadamente os thyrsenses.

Podem contribuir para aquella beneficente instituição: a Misericordia, a Camara e o povo, em parte.

A Camara todas as vezes que faz uma distribuição dos seus rendimentos, reserva uma pequena verba para amamentação de muitas creanças, cujas mães não podem dar-lhe sustento.

Essa verba um pouco augmentada a entregará á Misericordia que a si toma o encargo da créche e dos subsidios de lactação.

E o povo tambem tem o dever moral de contribuir quando poder para um bem tão importante.

Primeiramente por esmolas, para o que deve ser creada uma «Caixa» que facilite as entregas dos thyrsenses que desejem contribuir, e em segundo logar, sendo necessario e sendo possivel pode a Camara sem rebuço de cometer um abuso, crear um pequeno imposto que não seja muito oneroso.

Esse imposto existiu já em grande escala, para o sustento da Roda, e hoje, substituindo-se essa antiga Roda pela créche, pode-se justamente ir buscar o imposto com que os nossos antepassados generosamente socorreram as creanças desvalidas.

E nós que temos tido a felicidade de não pagarmos impostos de beneficencia devido á generosidade e altruismo do nobre Conde de S. Bento e do seu sobrinho José Luiz d'An-

recursos para exercer desafogadamente a sua missão.

Diz-nos o amavel collega consultado, que tem alli o hospital um medico para clinica cirurgica, outro para clinica medica, um para a maternidade, outro para o banco, e finalmente um quinto como substituto. Vencem todos annualmente 250$000 réis, menos o substituto que tem o direito da 1.ª vaga.

O banco tem um movimento importante, porque alem das consultas e dos medicamentos que fornece, faz curativos.

Devia servir-nos de modelo esta organisação, para o que tem poderes, absolutamente, a Misericordia de Santo Thyrso, e se de facto pretende desempenhar vantajosamente o seu fim hospitalar, em face da sciencia moderna, mais tendente a curar pela cirurgia, que pelos fracos recursos da medicina.

E não pode o hospital tentar qualquer operação sem o pessoal referido, porque fazendo um de operador, necessario é pelo menos um chloroformisador e dois ajudantes.

Prestava-se este assumpto para muito maior desenvolvimento, mas fal-o-hemos pouco a pouco, e o completaremos quando fôr necessario.

Por agora apenas o esboçamos, lançando a idéa para os bem intencionados que como nós pensem no progresso da nossa terra.

Supondo-as agora em pratica e aproveitadas as nossas considerações, vejamos que destino davamos ao actual edificio do Hospital Conde de S. Bento.

Esta edificação, sendo elegante, e occupando um dos mais bellos pontos da nossa vila, com uma vista sobranceira a uma grande extensão da quinta do Mosteiro e do rio, tendo á margem a linha ferrea, deve ser destinada de preferencia a um estabelecimento de ensino, que oxalá podesse ser um lyceu.

Mas attendendo ás grandes dificuldades economicas do nosso meio, e ás poucas probabilidades de conseguir qualquer dotação do governo, entendemos que é cedo ainda para pensar na sua realisação.

Será esse o nosso ideal, para o que devemos trabalhar incessantemente, esperando que o desenvolvimento da vila torne cada vez mais necessario um estabelecimento lyceal, e que decorridos mais alguns annos o possamos ter obtido.

Addiando por consequencia a creação do lyceu, parece-nos que provisoriamente aquelle edificio poderia ser aproveitado para o asylo dos velhos, obrigação de que o hospital se não póde deslindar, e juntamente para uma créche, instituição cuja fundação por todas as formas devemos tentar.

A mesa da Misericordia pensou já em augmentar a edificação do futuro hospital, para nele instalar, numa dependencia, o asylo dos velhos.

Porém, continuando com todos os direitos sobre a actual casa hospitalar, julgamos preferivel que a mesa mande construir já o novo edificio em condições de o adaptar exclusivamente a Hospital, e o actual o aproveite para o asylo dos velhos e cumulativamente a créche.

Num artigo que publicamos nesta revista sobre o titulo «A Roda em Santo Thyrso», tivemos já occasião de mostrar a necessidade desta pia instituição.

Crescem os infanticidios, augmenta o numero de mães perversas e criminosas, que geralmente são instigadas ao crime pela dura necessidade.

A humanidade tem de proteger essas desgraçadas, proporcionando-lhes o meio de fugirem ao crime e aos horrores da penitenciaria. Consignamos alli o facto de ser grande o numero de taes perversidades no nosso concelho, e como perito o declaramos, porque por vezes o tribunal nos fez deparar com esses casos.

Não queremos lançar sobre o temperamento do nosso povo regional o labeo dum crime monstruoso, e attenuamol-o dizendo a verdade,—que os infanticidios de que temos conhecimento se têm dado geralmente por falta de cuidados.

E' o infanticidio por omissão, de que as nossas leis penaes não têm conhecimento, e sobre o que temos em publicação um opusculo.

O que deixamos dito, mais uma vez vem corroborar a necessidade imprescindivel da creação duma créche.

Perguntar-nos-hão donde sahirá uma dotação para esse estabelecimento pio.

Muito simplesmente, e sem sobrecarregar demasiadamente os thyrsenses.

Podem contribuir para aquella beneficente instituição: a Misericordia, a Camara e o povo, em parte.

A Camara todas as vezes que faz uma distribuição dos seus rendimentos, reserva uma pequena verba para amamentação de muitas creanças, cujas mães não podem dar-lhe sustento.

Essa verba um pouco augmentada a entregará á Misericordia que a si toma o encargo da créche e dos subsidios de lactação.

E o povo tambem tem o dever moral de contribuir quando poder para um bem tão importante.

Primeiramente por esmolas, para o que deve ser creada uma «Caixa» que facilite as entregas dos thyrsenses que desejem contribuir, e em segundo logar, sendo necessario e sendo possivel pode a Camara sem rebuço de cometer um abuso, crear um pequeno imposto que não seja muito oneroso.

Esse imposto existiu já em grande escala, para o sustento da Roda, e hoje, substituindo-se essa antiga Roda pela créche, pode-se justamente ir buscar o imposto com que os nossos antepassados generosamente socorreram as creanças desvalidas.

E nós que temos tido a felicidade de não pagarmos impostos de beneficencia devido á generosidade e altruismo do nobre Conde de S. Bento e do seu sobrinho José Luiz d'An-

drade, o que sem duvida teriamos se o seu dinheiro não nos tivesse beneficiado, não devemos tambem agora recusar um pequeno imposto, *se elle for necessario*, para a creação duma créche.

Temos sobre a mesa a carta dum distincto colega nosso, duma vila da provincia, que nos diz ser o seu hospital sustentado á custa duma contribuição de dois reaes por cada litro de vinho, e dois reaes por cada kilo de carne.

E' o proprio hospital que faz directamente a cobrança, nada tendo a Camara que intrometter se com isso.

A carne de vacca abatida no nosso concelho é em média de 160:000 kilos por anno (de 1425 bois e 157 vitelas) sendo mais de 100:000 na vila e uns 50:000 no resto do concelho.

Esta média foi tirada de 680 bois e 141 vitelas abatidas na vila, e 745 bois e 16 vitelas no resto do concelho. Póde render uns 4.000:000 de reis, provenientes do seu imposto de 22 reis em kilo e de 400 réis por cada cabeça abatida e podia produzir mais cerca de 320:000 para a créche. Este resultado provem duma média dos ultimos dez annos, não traduzindo bem a verdade. O consumo da carne augmenta todos os annos e já neste ultimo chegou a 230:000 kilos, o que elevaria a percentagem para a créche a 460$000 réis.

Devem pois submeter-se a um estudo, estes calculos, assim como a forma de não sobrecarregar demasiado o comerciante de carnes verdes do nosso concelho, e ainda o consumidor.

A percentagem do vinho póde tirar se de 657:000 litros.

Esta nota foi tirada do mapa da Fazenda que amavelmente nos foi fornecido pelo snr. secretario das finanças.

E a mesma estatistica nos revela que outros generos dão ainda á Camara mais lucros, donde pode partilhar a chéche, em pequena escala.

Do vinho recebe a Camara 5 reis por litro. E dos 9:600 kilos de arroz consumido, e dos 9:200 litros de vinagre gasto, aufere 10 réis por cada unidade.

Ainda tem 50 réis por litro das bebidas alcoolicas e fermentadas, de que se consomem uns 16:500 litros, e 10 réis que tambem paga o vinho maduro.

Quanto ao azeite, está computado em 99:000 litros o calculo da sua venda, mas delle nenhum proveito tira ainda o municipio.

Do exposto vêmos que, sem alterar violentamente os encargos, e aproveitando percentagens diminutissimas e por uma forma, repetimos, atenuada, conseguiremos o bastante para a sustentação da créche.

Não diremos que são necessarios os dois reaes por kilo ou por litro, porque cremos bem que com os outros auxilios referidos não precisamos ir tão longe. Mas para que não possam supor-nos um apaixonado dos impostos, que tantos temos já de

pagar ao governo sem sabermos a sua definitiva applicação, devemos esclarecer que no concelho donde nos escrevem, computam em 10.200:000 o que o povo dá para um hospital e asylo.

E' portanto justo que contribuamos em parte tambem para a beneficencia. E se é inviavel o lançamento do imposto por aquelle processo, póde então a Camara dispôr em favor da créche, uma parte do actual imposto em maior escala até, sobre a carne, que, directamente será cobrado pela créche.

A Camara, em compensação dessa falta de rendimento poderá aggravar na proporção necessaria a sua percentagem sobre as contribuições directas, porque nenhum thyrsense se lamentará com um imposto tão insignificante e mesmo imperceptivel a favor da beneficencia.

Custam-nos e aborrecem-nos os impostos, mas não quando são bem applicados na nossa terra que todos ambicionamos vêr progredir, e ainda menos quando para beneficiar os desherdados da fortuna, num Hospital ou num Asylo, onde nos pode cahir um parente ou um amigo.

*

* *

Sobre as Caldas da Saude, já muito dissemos num opusculo que publicamos em Setembro de 1911.

Não nos cançamos de repetir porem que o seu desenvolvimento muito contribuiria para o progresso da vila, quer por ser mais um attractivo importante para chamar o forasteiro, quer por levar longe o nome da terra possuidora dumas aguas mineraes tão ricas.

As estações thermaes veem sorrir-lhes actualmente um futuro de prosperidades, porque começa a desvendar-se o grande problema da hydrologia.

E' um assumpto de sciencia palpitante e da actualidade, e por consequencia assiste-nos o dever de tentar a serio augmentar a concorrencia para as Caldinhas.

Tal qual se encontram presentemente, não é possivel avançar, mas o problema reduz-se á consecução do capital, visto conhecer-se de sobejo já o grande valor das nossas aguas, pela eficacia do seu tratamento.

A influencia benefica do desenvolvimento das Caldas sobre a vila é notavel, prevendo-se o grande numero de familias que della se vêm aproveitar para os seus fornecimentos.

Lucra o comercio que por aquele facto tem fatalmente de se desenvolver muito, creando novos ramos, e augmentando em grande escala as suas transacções.

E a par d'isto, que vida nova não obterão os thyrsenses, que pela creação duma instancia d'aguas mineraes marcarão uma epocha de attracção e de divertimentos!

Como nós, todos preveem os proveitos que um movimento maior, e

do da natureza das thermas, pode trazer-nos.

As Caldas enriquecer-se-hão, e á sua sombra progredirá imensamente tambem Santo Thyrso que lhes deu o nome.

Novo comercio, nova industria, novos divertimentos, nova vida finalmente que echoará longe, arrastando os que pretendem curar-se, os que necessitam de bons ares e desta vista e até mesmo muitos que só dos divertimentos colhem a acção curativa dos seus males.

E para que não pareça um logro, a iniciativa dessa sociedade ou parceria, que deva dedicar-se ao desenvolvimento daquele estabelecimento thermal, vamos dizer algumas palavras sobre as vantagens que d'alli podem advir ao capital.

Devemos á amabilidade dum nosso distincto amigo o calculo que apresentamos a seguir, e que nos merece toda a consideração.

Começa por dizer-nos o nosso entrevistado que a empresa seria dum futuro positivamente lucrativo. Para isso seria necessario accrescentar uma boa instalação de inhalações, pulverisações, e irrigações nasaes, que poderia ser feita num novo pavimento edificado sobre o estabelecimento existente.

Requer para a obtenção do seu calculo um hotel com cem aposentos, que comunique com o estabelecimento.

A epocha termal sendo de 20 de Maio a 10 de Outubro, duraria 143 dias. Mas admitindo faltas e reduzindo 30 °/₀ ao calculo, ficarão apenas 100 dias cheios.

Um hotel com 100 aposentos póde comportar cerca de 200 hospedes, sendo casaes ou pessoas de familia; porem, como base segura, aproveita-se o nosso amigo apenas de 100 hospedes.

Os tratamentos—comprehendendo inhalação e pulverisação de manhã, a 200 réis, com a mesma applicação de tarde, mais 200 réis e com 400 réis da duche — darão um total por cada hospede de 800 réis diarios.

Para maior seguranca, fazendo um desconto de 50 °/₀ fica a média de cada aquísta a 400 réis, o que em 10 dias perfaz 40$000, e o que com 100 hospedes produzirá uma receita de 4.000$000 réis.

Deve ainda accrescentar-se mais 250$000 réis de rendimento proveniente da inscripção.

A renda do hotel será tambem duns 4.000$000 réis.

Em S. Vicente o hoteleiro pagou de renda nos dois primeiros annos (hoje paga mais) 400 réis por cada hospede e por dia.

Temos pois um rendimento de 8:250$000 réis que dá um juro de 16 ½ °/₀ para um capital de réis 50:000$000, ou 8 ½ °/₀ para o capital de 100:000$000 réis.

Os calculos estão apertados, porque ha muitas mais verbas de receita que poderiamos aproveitar.

O director clínico paga-se pela inscripção medica, e para o resto do

pessoal, chega de sobra o producto da venda d'aguas engarrafadas.

E' seductor o calculo que o nosso amigo inteligentemente apresentou, e que deve calar no animo daquelles que pretendam associar-se em parceria para fazer prosperar o estabelecimento thermal.

Assim ficam alliados dois bens, o da vila, e o da empresa, alem do aproveitamento duma riqueza, que se nos impõe tornar util e productiva.

Não cruzemos os braços, e empenhemo-nos todos neste importante melhoramento thyrsense.

Como desejamos ser breves limitamo-nos a estas pequenas considerações, chamando a attenção dos leitores para o nosso opusculo publicado onde se encontram os varios projectos para este estabelecimento.

*

* *

A falta do hotel ter-nos-ha prejudicado?

Certamente, e muito, o dirão todos aquelles que tendo relações fóra da vila, se têm sentido embaraçados para accomodar algum amigo, e se têm encontrado na necessidade de responder negativamente ás familias que todos os annos pedem aposentos num hotel.

Santo Thyrso necessita urgentemente dum bom hotel moderno e amplo que sirva simultaneamente os nossos hospedes que pretendam visitar-nos, como aquelles que para aqui queiram residir temporariamente, ou ainda aquelles que desejam aproveitar-se, na epocha propria, das Caldas de Saude.

Dissemos já no nosso opusculo citado, que o logar mais bello e adequado para este projecto seria o alto da Quinta do Mosteiro de Fóra, tão formoso que os nossos olhos o fitam como um mimo da natureza, nascido para aquelle fim.

E' deslumbrante aquella vista, é hygienica e dá nos saude aquella atmosphera, e imponente o logar, donde se desfructa o Parque que o olha dum lado, como o rio que o espelha nas suas aguas por outro, e o caminho de ferro mesmo defronte que lhe constitue um grande elemento de reclamo.

Inquestionavelmente é o logar mais proprio para um grande hotel, attendendo á sua magnifica situação.

Porem só uma grande empreza poderia metter hombros a uma obra de tanto vulto, e se é cedo ainda para a emprehendermos, não devemos no entanto perder de vista esse futuro melhoramento com que deve ser dotado Santo Thyrso, como devemos pugnar pelo embelezamento daquelle logar tão visto de todos os lados da nossa terra.

E se realmente é dificil para já procedermos a essa obra, é certo que pelo menos um hotel mais modesto se impõe aos thyrsenses, o que não podemos deixar esquecido, porque de facto é o ponto de partida talvez para o desenvolvimento do nosso meio. E

neste momento algumas circunstancias favorecem um emprehendimento que particularmente já expuzemos e oxalá possa ter uma realisação facil.

Temos pensado que a casa da falecida D. Rosa Felicidade Guimarães, poderia ser para aquelle fim adequada, modificando-se lhe ligeiramente a frontaria, e completando-a, em forma de U, com o accrescimo de dois corpos nas extremidades da casa.

Teriamos por esta forma um excelente hotel que satisfaria já a actual necessidade da vila, e cremos bem que seria garantida a empresa que executasse o referido projecto.

Elle se completaria gradualmente, edificando para já uma das pernas do U, ou uma meia perna de cada lado, e completando-a mais tarde, conforme o fosse exigindo a sua concorrencia.

Não descuremos um só momento este emprehendimento tão necessario, e imprescindivel, devemos dizer, porque recua Santo Thyrso se lhe não valem com uma obra que recolha os forasteiros tão attrahidos pelas nossas bellezas naturaes.

E se tudo lhes proporcionamos, para elles mais e mais se encantarem com o luxo porque todos pugnamos em seu proveito, uma obrigação se nos impõe, a de os recebermos e hospedarmos dignamente, para que seja longo o periodo do anno que destinem a passar entre nós.

Oxalá que nos secundem, no incentivo, todos aquelles que possam influir na organisação duma parceria para aquelle hotel, que mesmo dentro das pessoas de familia, actualmente proprietaria, encontraria quem optimamente podesse tomar á sua conta, este rico emprehendimento para a vila, e lucrativo sem duvida para os seus emprezarios.

*

* *

Tem-se dito muitas vezes que dum bom mercado, se avalia do progresso das povoações. E isto traduz toda a verdade, visto que o seu desenvolvimento, o seu abastecimento, o seu aspecto, e a sua vida finalmente, dão indicios seguros do que se consome nas localidades, como os preceitos hygienicos alli adoptados contraprovam o estado de civilisação.

Em Paris, visita o estrangeiro as Halles, isto é o seu mercado, com o mesmo enthusiasmo e afan com que visita os mais celebres monumentos ou os mais ricos e luxuosos museus.

E' que as Halles em Paris são dignas de vêr-se, e o seu movimento e as suas transacções revelam nitidamente a assombrosa e densa população que se move todo o dia e toda a noite nos extensos boulevards da grande capital franceza.

Povoações pequenas conhecemos nós onde já existe com muitos annos de edade um mercado.

E os thyrsenses que olham, com um culto verdadeiro, o progresso da sua terra, só por um esquecimento poderão ter deixado de conceber um tão util projecto.

Mas pensemos nelle agora, no momento em que estudamos os nossos melhoramentos, e coloquemo-lo em logar bem visto, para que se indague facilmente da sua applicação.

Não é facil prevermos já um logar para o adaptar.

Mas o que sabemos e devemos lembrar, é a necessidade de o tornar central, accessivel a todos os habitantes da vila.

De um nos temos lembrado, mas supômos que é dificil conseguil-o por a isso se não prestar o seu actual proprietario.

Do cunhal da casa dos herdeiros de Joaquim Miranda, como já dissemos, deverá o alinhamento de todas aquellas casas imediatas, seguir até ao cunhal da casa do auctor destas linhas.

O mercado levantar-se-hia nesse logar, comprehendendo os predios desde o primeiro cunhal referido até ao caminho da Roda.

Seria central e bello, podendo reunir todas as condições hygiénicas, por a isso se prestar a extensão de terreno alli existente.

A maior parte das casas do referido terreno que teriam de ser expropriadas são baratas e quasi todas terreas, sendo um motivo importante tambem para darmos preferencia ao local.

Não sendo facil obtel-o, devemos procurar então um outro em identicas condições e da mesma forma central.

Querendo responder ao sexto quesito do questionario, devemos declarar que entendemos indispensavel desde já, a feitura dum mercado, falta de que muito nos resentimos e inadiavel.

E' por consequencia urgente o seu levantamento, para que tenhamos alli productos agricolas regionaes, fructas principalmente, aves, peixe em boas condições, hortaliças, e uma infinidade de mercadorias que o capricho do negocio desenvolverá, existindo um mercado onde os generos produzidos, até os mais vulgares, tenham procura.

Num mercado não se prescinde da boa hygiene que escrupulosamente deve ser mantida em todos os estabelecimentos congeneres.

E a principal condição é construil-o de forma que todos os viveres estejam ao abrigo do sol e do frio, como do vento, da chuva e das poeiras.

Ha mercados volantes, que teem todos os inconvenientes provindos das intemperies do tempo, como da falta de limpeza impossivel de se obter, e ainda o prejuizo para a saude publica de sulcar o solo, por vezes, de viveres em putrefacção.

Elles estão completamente reprovados e por consequencia devemos banir duma vez para sempre mercados como presenceamos na Praça da Republica todas as semanas, com a venda do peixe, ou como nos dias de feira semanal com a carne de porco.

Exige-se portanto um mercado hygienico e moderno onde não se con-

sintam maus cheiros provenientes dos residuos das substancias alimentares.

Tem de primar pelos perfeitos esgotos de todos os depositos e pela abundancia de agua que permita lavar bem as dependencias da construcção.

O mercado preferivel é pois o que em sciencia é conhecido pelo *mercado aberto*.

E' Vallin, quem numa revista d'hygiene nos descreve o typo de mercados, mostrando-nos a preferencia pelo paralelogramo de lados eguaes, circumscrevendo um pateo, no meio do qual está uma fonte.

Os quatro lados são guarnecidos com um tecto de vidro suportado por delgados pilares de ferro, com passeios cimentados.

No recinto encontram-se mesas de marmore ou de lousa, com torneiras, regueiras e tubos conduzindo directamente os liquidos ao esgoto.

Todos os dias o mercado pode assim ser rigorosamente lavado, e rapidamente, usando para os passeios, passagens, regos, etc, mangueiras adequadas.

Necessario é tambem a formação de caves proprias para conservar os productos que se alteram em menos de vinte e quatro horas.

Com as indicações que nos servem de base podemos, e d'accordo com uma economia, effectivar esta nossa pretenção, sem despezas colossaes, e vêr garantidos os preceitos da sciencia moderna.

*
* *

Dos Paços do Concelho, já fallamos por vezes, mostrando bem a nossa opinião, e da qual não pode discordar um só thyrsense, na parte que diz respeito á sua extrema necessidade.

Precisamos dum edificio para os Paços do Concelho e Tribunal, como precisamos. e por uma imperiosa necessidade, de melhorar o coração da vila, que destôa absolutamente da restante parte que lhe fica.

E o coração é a mola principal donde deve irradiar toda a força duma organisação.

Embelezando esta parte central da vila, Santo Thyrso completaria na sua totalidade, com arranjo e aceio, a parte mais importante e de mais vida que lhe pertence.

Sendo possivel, com uma obra apenas, obter os melhoramentos que constam da acquisição dum edificio hoje imprescindivel, e que ao mesmo tempo satisfaz em absoluto a necessidade de transformar um logar tão central, está indicado o projecto que allia assim vantagens tão importantes.

O edificio dos Paços do Concelho, levantado no logar projectado, força a remoção da cadeia, occupa uma grande extensão de terreno que não precisa de mais embelezamentos e obriga ainda a transferir a estatua do nobre Conde de S. Bento para a Praça antiga 29 de Março.

São enormissimas pois as vantagens que advêm daquelle projecto a que hoje dificilmente podemos renunciar.

Discordamos em absoluto da adaptação do logar da cadeia para outra obra que não seja a do levantamento do edificio dos Paços do Concelho.

O alinhamento do projecto deve evidentemente orientar-se pelos chamfros (1) das duas ruas lateraes que atravessam a Avenida de Vill'Alva, o que parece já estar no animo dos thyrsenses.

Merece alguns reparos o projecto do edificio, como o vemos na planta, quer pela parte da frontaria, quer pelo interior.

Na frontaria ficava bem uma arcada com um terraço sobreposto, e não nos digam que se evitou por ser dificil a conservação da limpeza. Isso nunca seria razão, pois que da solicitude dos zeladores da Camara não devemos esperar a falta de esmero na parte mais central da vila, e junto do seu primeiro monumento.

Uma arcada pareceria muito bem, e conviria mesmo para o movimento que aquella casa deve ter habitualmente.

E entendemos tambem que a saliencia da arcada devia estar em relação á parte chanfrada dos predios fronteiros.

O interior do predio projectado não nos parece bem dividido e achamol-o acanhado.

As salas devem ser mais amplas, para o que bastaria modificar a disposição dos corredores que poderiam ser lateraes.

Ficavam as divisões do predio por este processo com maior capacidade.

E se não fosse isto bastante ainda, era possivel recorrer a uma varanda larga que desse passagem para todas as dependencias.

Bem entendido, todas estas considerações fazemos no sentido de aproveitar o melhor possivel, e em face do projecto, o terreno adequado para a sua execução.

Não vamos alongar-nos, porém, num ponto que diz respeito especialmente a um technico, e limitamo-nos pois a deixar transparecer estas modificações por nos parecerem dignas de attenção.

O contorno geral agrada-nos, e o logar que lhe está destinado muito mais ainda.

Uma dificuldade surge, como sempre que na vida procuramos satisfazer a nossa ambição.

A falta de capital que é tambem a causa da falta de tudo que desejariamos vêr realisado neste nosso bello jardim thyrsense, que a cada canto tem um requinte natural, que todos os olhos cubiçam para uma bemfeitoria.

Precisamos refrear as nossas aspirações e reprimil as, até que nasça a receita para emprehender tão grandiosos projectos.

Mas volvendo á ordem que atraz

(1) José Coelho d'Andrade—«Projecto defeituoso» — «Semana Thyrsense», Novembro de 1912.

exposemos, a edificação dos Paços do Concelho tem a primazia na grande reforma que trazemos a lume.

E assim vejamos donde provirão recursos que nos auctorisem a concepção daquele plano e que nos permitam abalançar a tão arrojada construcção.

Deve a Camara ter um poder germinador, para que rebente no seu cofre a riqueza com que possa fazer face ás immoderadas reclamações que lhe fazemos.

Corresponde esta creação de receitas apenas ao aproveitamento das suas atribuições, e dos valores dispersos que até hoje quasi nada têm produzido.

Colherá o municipio das futuras vendas da agua e luz, o bastante para gerar uma obra de tanto vulto?

Crêmos bem que o feliz exito da empreza das aguas da Assumpção lhe promette um notavel auxilio, que dê margem ás nossas ambicionadas aspirações.

Porem de outras verbas deve a Camara extrahir proventos, principalmente de terrenos que lhe são foreiros e que sabemos pouco valimento terem no estado actual.

Não conhecemos o auctor desta idêa, visto que ella corre ha muito tempo como sendo uma fonte maravilhosa, que aproveitada convenientemente produzirá talvez uma dezena de contos.

Opinamos por tal operação, e supomos tambem encontrar nella um largo recurso em beneficio camarario.

Mas como a remissão dos fóros, tem a Camara outros meiós de que lance mão, para conseguir receitas com que cubra o dispendio projectado no monumento dos Paços do Concelho e Tribunal.

*

* *

O ensino secundario em Santo Thyrso é dos problemas mais difíceis de resolver.

E o factor etiologico que torna dificultoso o seu desenvolvimento, é a falta duma dotação que o auxilie, visto que só por esta forma seria viavel conseguir um bom estabelecimento scientifico.

Comquanto seja nosso ideal um lyceu, a que nos referimos anteriormente, temos por'ora de abandonar tal idêa, attentas as precarias circumstancias para esse ambicionado curso.

Tivemos uma esperança na dotação dum estabelecimento de ensino notavel, e bem fundamentada, como todos os thyrsenses a alimentaram, depois da expressa vontade do benemerito José Luiz d'Andrade, no seu testamento.

Era a obra daquellas duas figuras nobres a quem mais devemos, continuada após a sua morte.

Mas a mãos pouco generosas e até de somenos escrupulo foram parar os bens que o herdeiro do Conde de S. Bento destinou na sua ultima disposição testamentaria, para um estabelecimento de ensino importante.

Bernardino da Costa e Sá tinha a obrigação moral de fundar uma instituição de ensino, na Quinta de Pereiras, vontade tão nobremente expressa pelo seu amigo que o contemplou com uma fortuna colossal. Nada se fez porem, e nem em testamento legou a mais insignificante quota que concorresse sequer para alliviar um desgraçado.

A historia de Santo Thyrso tem de fazer-se e como ainda é muito recente este facto deixamo-nos de mais comentarios.

Mas á verdade não fugimos, como á justiça tambem ninguem fugirá.

Sentimos e com grande pezar a falta deste melhoramento que moralmente nos foi legado, mas não cumprido.

E agora é dificil e muito mais conseguil-o.

José Luiz d'Andrade descortinou bem o logar que deveria pertencer a um estabelecimento de ensino.

A Quinta de Pereiras está optimamente situada, para esse fim, e está nas mãos de quem muito bem poderia aproveitar a idea do seu antigo possuidor.

Alli, se os seus actuaes proprietarios pretenderem fundar uma casa de ensino, terão reunido tudo que de melhor se pode exigir para um excellente collegio, bem montado e bem dirigido.

E' um apêlo que fazemos a dois antigos professores, que á sua illustração e competencia alliam a pratica do ensino, alem de serem senhores do melhor terreno para um edificio de collegio, cercado de recreios amplos e hygienicos.

Existe já e com alguns mezes de vida um collegio n'esta vila, mas dificil lhe é actualmente alargar a sua acção pela falta de recursos talvez, e de casa propria.

Conviria augmentar o seu programa até ao quinto anno dos lyceus, com cursos comerciaes, de musica e gymnastica, e isso só é possivel com uma grande concorrencia, e um bom edificio que a attraia.

Não vemos nada que tão rapidamente nos possa fazer progredir debaixo do ponto de vista a que nos referimos, como um collegio moderno e bem instalado.

Ao nosso espirito, repetimos, se afigura que na Quinta de Pereiras encontrariamos reunidos em conjunto todos os preceitos para satisfazer as exigencias mais rigorosas.

O collegio actual iniciou brilhantemente os seus trabalhos e quem sabe o fim que lhe está destinado!

A casa que possue serve para os primeiros tempos; mas quando sentirem a necessidade da acquisição de nova casa e novos terrenos, certamente não podem esquecer a lição do nosso benemerito José Luiz d'Andrade, e estudar empenhadamente a melhor forma de satisfazer essa vontade.

Oxalá que ella tenha a sua realisação, unica solução que vemos para obtermos um estabelecimento de ensino que favorecerá a vila, prestan-

do-lhe relevantes serviços, e attrahindo, como já dissemos, muitos alumnos e muitas familias que possam concorrer para o seu progredimento.

*
* *

Passamos já em revista a lista de melhoramentos que Santo Thyrso precisa, como fornecemos alguns esclarecimentos sobre o que se propõe o nosso inquerito.

E se tiveramos de responder sobre o ultimo ponto de interrogação diriamos que para a attracção do capital tudo está indicado nas referencias e considerações que fizemos já.

A melhor propaganda a fazer, será espalhar por toda a parte e tornar bem conhecida a nossa villa pelas suas riquezas naturaes, e fornecer ao forasteiro toda a comodidade.

Temos bellezas naturaes que prendem todo o estranho ao nosso meio, e por consequencia é dever de todos tental-o com tudo aquillo que o faça consagrar a esta terra affeição e encontrar prazer, sugerindo-lhe um gozo duradoiro a que o possamos adaptar.

Será assim attrahido o capitalista, que depois de assentar aqui arraiaes, se sentirá inclinado para o progresso da vila, auxiliando com a sua força o nosso comercio e a industria, entrando em sociedades, instalando fabricas de toda a natureza, quando não levado á compra de propriedades que possa desenvolver, enriquecendo a nossa agricultura, creando ramos da sua especialidade com que favoreça transacções, como exportando producções regionaes.

A nossa agricultura é tambem rudimentar. Exportamos vinho e desse mesmo já apontamos tristes referencias sobre a sua exportação.

Mas podemos exportar outros productos, como por exemplo a maçã que tem grande valor no estrangeiro e de que já hoje se fazem riquezas.

A castanha é um outro producto de valor a que ligamos pouca importancia e que no entanto tem uma larga applicação e deveria ter uma venda notavel.

E a laranja do nosso concelho tem sido mal aproveitada, ainda com uma pequena excepção de Refojos onde já lhe tiram alguns proveitos.

Fallamos na industria, e tambem já citamos algumas fabricas pequenas que instaladas á margem do nosso rio lhe podiam aproveitar uma fabulosa energia.

E quantos processos teriamos pois, para aproveitar o capital com proventos excepcionaes, se aqui tivessemos mais fortunas alliadas ao espirito productivo!

Mas disto façamos nós a propaganda para que capitalistas estranhos á vila nos tragam as suas posses, e nos beneficiem, beneficiando-se a si proprios.

Fallamos do hotel, das Caldas, do Collegio e doutras emprezas.

São magnificos assumptos de propaganda e reclamos, como são tambem meios de attracção do capital.

PRÉDIOS DA VILLA

São seus proprietarios: — Virgilio Andrade — Dr. Pinheiro Guimarães — José Luiz d'Andrade — Cesar Guimarães — Conde do Restello — Dr. José Andrade — Francisco Moreira — Arthur Moréda — Rodrigues Magalhães — Campos Miranda.

E por todas as formas, cada qual colocado no seu posto, contribuirá para o grande nome da nossa terra, que é a segunda parte do nosso desenvolvimento.

E' necessario prestarmos-lhe todo o esforço para os seus melhoramentos e progresso, como precisamos logo em seguida tornal-a conhecida.

Como remeiros, não desamparemos o remo, para que o barco corra veloz, vogando suavemente.

E' uma funcção do thyrsense, da sua vida, abrir caminho ao progresso, á civilisação, que a todo o transe, porfiadamente, temos de conseguir, como resultado duma grande força de vontade, e energia intensa de que todos devemos dispôr.

Damos em seguida a palavra, para deporem sobre os melhoramentos da villa, e segundo o nosso questionario, aos cavalheiros que consultamos.

JOSÉ COELHO D'ANDRADE.

Primeiro depoimento

Sem me cingir rigorosamente á ordem por que os quesitos são apresentados e formulados, tocá-los-hei todos, dizendo o mais sumariamente que podér a minha opinião sobre cada um.

A villa de Santo Thyrso, sendo aliás não só uma das mais bellas, mas tambem uma das mais prosperas do norte do país, carece todavia de melhoramentos, e de alguns inadiaveis.

Ha obras mesmo de cuja necessidade nem vale a pena fallar; taes são a remoção da cadeia, a conclusão da Avenida da Liberdade a ligação da estrada districtal, e ainda a edificação dos Paços do Concelho. Seria faltar á consideração devida á intelligencia dos leitores perder tempo a justificar a necessidade destes trabalhos.

Mas num plano bem elaborado de melhoramentos ha muito mais a considerar.

Deve fazer-se a rectificação do alinhamento das antigas ruas — ao menos, e desde já, em projecto — afim de que nenhuma casa possa ser reedificada sem se sujeitar ao alinhamento definitivo.

Deve tratar-se da ligação da villa, por meio de estradas, com os tão populosos logares de Friães e Argemil, e da continuação da estrada de Argemil até Louzado, para se estabelecer communicação facil com a linha ferrea do Minho, o que tão necessario se torna em face das deficiencias da linha de Guimarães.

Effectuada que seja a conclusão da estrada districtal, conviria abrir uma ou duas travessas que para ella partissem da rua de Souza Trepa, para tirar á villa o aspecto esguio que a caracterisa.

Estão sendo demolidos os casebres fronteiros á estatua; é uma obra excellente, mas não bastante. Ha, por ex., os casebres contiguos á residencia do sr. Antonio Godinho, que devem desapparecer. A meu vêr, esse logar, chamado «do alto da feira», é o mais bello e imponente da villa. Regularisado o alinhamento do largo, deveria talvez construir-se uma segunda rampa, a partir do ponto mais elevado e a acabar na rua de Villalva, dando margem para edificações, cujas fachadas seguiriam a linha das casas dos srs. dr. José Andrade e Godinho, ou melhor, dando margem para a edificação dos Paços do Concelho.

Porque — posso já dizê-lo — a construcção do palacio municipal no logar da actual cadeia, segundo o plano do sr. Francisco Moreira, não me parece ideia aceitavel. Esse local é não só acanhado, mas bastante irregular, e mais ainda o edificio ficaria quasi sumido, com um terreno mais alto logo em frente. O «alto da feira» seria um ponto mais proprio, por ser mais elevado, de vastos e soberbos horisontes e a dominar parte da villa. A despeza a fazer com a inevitavel expropriação dos dois predios com frente para o largo de Cydenai (na hypotheses de ser aproveitado o plano do sr. F. Moreira), não seria inferior, segundo creio, á que se faria expropriando o terreno e os casebres do «alto da feira».

O logar da cadeia, por ser muito central, seria talvez aproveitavel para a construcção de um amplo mercado, onde se concentraria especialmente a venda de peixe, fructas, hortaliças, aves, etc., e onde deveria estabelecer-se um talho municipal.

O lindo retiro que se chama Largo dos Carvalhaes, não deve continuar a ser utilisado para feira do gado; esta feira póde sem prejuizo ser deslocada para logar menos bello e menos central, construindo-se para esse fim um largo apropriado, que bem ficaria, como sei que se projecta no extremo poente da Avenida da Liberdade.

E' de mais dificil solução o problema das ligações — actualmente muito más — da estrada de Famalicão, e da estação, com a villa. O ideal seria o levantamento da ponte; mas essa velha aspiração é, segundo penso, uma utopia.

Talvez, porém, um engenheiro ha-

bil descobrisse maneira viavel de construir uma estrada em rampa, e certamente em curva, que partindo da ponte fosse terminar no parque, junto do Hotel do Ave; seria obra talvez dispendiosa, pelos supportes a que obrigava, mas de effeito surprehendente, pela vista do rio que em quasi todo o percurso proporcionaria aos visitantes da villa.

E a proposito do caminho de ferro, vou expôr um plano, talvez impraticavel, talvez um simples devaneio, mas que me tem muitas vezes assaltado o espirito.

E' sabido que chegou a estar construida via larga desde Louzado até Santo Thyrso; e ainda hoje, portanto, seria possivel estabelecer-se essa via sem necessidade de expropriações de terrenos.

Não poderia o trasbordo para a via reduzida fazer-se em Santo Thyrso? Não poderia haver, como entre Coimbra A e Coimbra B ou entre Nine e Braga, uma machina de serviço só entre Louzado e Santo Thyrso, conduzindo *vagons* de passageiros e mercadorias que no Porto seriam atrelados á cauda dos comboios que dessem ligação para a linha de Guimarães?

Assim, tanto para o transporte de mercadorias, como para o de passageiros, a commodidade seria extrema, no que diz respeito ás relações entre Santo Thyrso e o Porto.

Eu sou de todo leigo nestas materias; mas não vejo que inconvenientes possam ser apontados. Nem mesmo me parece de recear uma maior complicação de serviços.

Se houvesse necessidade de dois trasbordos, a minha ideia seria disparatada. Mas não haveria tal necessidade. Os *wagons* que do Porto se destinassem á linha de Guimarães viriam na cauda, e seriam deixados em Louzado, onde a machina tomaria conta d'elles trazendo-os a Santo Thyrso; e a mesma machina conduziria de Santo Thyrso a Louzado os *wagons* que se enchessem em Santo Thyrso, conduzindo-os a Louzado, onde seriam atrelados ao comboio do Minho.

O trasbordo passaria, pois, a ser feito em Santo Thyrso, e salta aos olhos a enorme vantagem que d'esse facto adviria para a villa.

E até para a Companhia de Guimarães resultaria sensivel beneficio, porque evitaria o dispendio com a annunciada construcção da estação em Louzado, com a ponte, etc.

Bem sei que este projecto iria prejudicar a ligação, tal como se encontra projectada, das linhas de Guimarães e Povoa. Mas, se á minha incompetencia é licito formular uma opinião a tal respeito, direi que a ligação, como se diz que querem fazê-la, não será muito proveitosa para o publico e será pouco remuneradora para a Companhia, porque a região que se pretende servir é já razoavelmente dotada de vias de comunicação, e o troço de Louzado a Mindelo, ou a qualquer das estações proximas, virá ainda diminuir a já fraca concorrencia de passageiros e mercadorias na linha de Famalicão á Povoa. Grande parte do que a Companhia pretende lucrar, ha de lucrál-o á custa do sacrificio dos lucros actuaes.

Não deveria, então, fazer-se a ligação das duas linhas?

Devia, mas por um modo inteiramente diverso, isto é, de maneira que os dois pontos a ligar fossem menos distantes um do outro e o troço de linha a abrir servisse regiões que promettessem dar lucro á Companhia, sem por outro lado esse novo trajecto fazer concorrencia a outra parte da linha.

Esse triplice objectivo conseguir-se-hia por um modo simples:—seguindo a linha de Santo Thyrso para Famalicão.

A unica difficuldade, a da ligação de Santo Thyrso com a linha do Minho, estaria resolvida se se adoptasse o alvitre que acima exponho.

E o troço de Santo Thyrso a Famalicão seria não só vantajosissimo para a tão fertil e populosa região atravessada, mas de grande conveniencia por ligar as duas villas vizinhas, e ainda de maior proveito para todas as regiões servidas pela linha de Guimarães, porque obteriam communicações directas com a Povoa de Varzim e encurtariam muito as communicações com Braga, Vianna e em geral com as regiões do norte.

E' isto um sonho?

Se o é, que m'o perdôem, pela bôa intenção, os especialmente conhecedores d'estes assumptos. Mas, com a maior sinceridade o digo, a mim parece-me que estou acordado e que proponho apenas o que me parece muito util e muito pratico.

Mas é preciso não attender apenas ao material da terra, e ao seu embellezamento.

E' de absoluta necessidade cuidar da hygiene, tão descurada até hoje.

Deve ser elaborado, por technicos competentes, um plano completo de saneamento, do qual devem fazer parte, como base fundamental, um systema de esgostos e a obrigatoriedade da ligação de todas as fossas para esses esgotos. Como se annuncia que vamos ter agua em abundancia, não se póde deixar de tratar d'este assumpto logo em seguida.

As fossas fixas, a permissão de criar cevados nos quintaes, as estrumeiras, etc., são incompativeis com a salubridade da povoação.

E eis já expostos alguns alvitres, de cuja realisação dependeria um consideravel engrandecimento da nossa terra.

Dir-me-hão que não são todos realisaveis, pelo menos de prompto. E eu estou de accordo. O que porem me parece realisavel, e mesmo inadiavel, é a elaboração, pela Camara municipal, de um vasto plano de melhoramentos, abrangendo não só a villa mas todo o concelho; a esse plano, que deveria ser muito pensado e discutido, e mandado elaborar por pessoas competentes, amoldar-se-hiam depois todos os trabalhos, de modo que cessasse o pernicioso habito de

fazer obras desconnexas, e algumas vezes disparatadas.

Quanto á esthetica das novas habitações, nada se tem feito; e é todavia assumpto que não deveria ser abandonado á ignorancia e á rotina. Ha regulamentos publicados, mas que, entre nós pelo menos, teem sido letra morta, talvez por serem exigentes em excesso.

A'cerca da instrucção secundaria, eu sou um já antigo adversario da creação de lyceus em terras pequenas, e não posso ser incoherente por se tratar de Santo Thyrso.

O que aqui daria optimos resultados seria um collegio, bem instalado e bem dirigido. Foi já lançada a iniciativa pelo dr. Roberto Macedo e pelo sr. José Bento Correia, e oxalá sejam proficuos os resultados; seria inestimavel o serviço prestado á povoação e ao concelho.

Seria tambem excellente a acquisição de uma escola primaria superior; mas infelizmente a criação de taes escolas acha-se ainda feita sómente no «Diario do Governo».

Houve aqui uma escola complementar, com as cadeiras annexas de portuguêS e de francês, e essa escola, regida por meu Pae, prestou serviços. Mas foi extincta. E, para remediar a sua falta, deveria a camara criar ou subsidiar um curso, talvez nocturno, d'aquellas duas cadeiras, para tornar possivel em Santo Thyrso, á juventude pobre, uma certa cultura de espirito.

Mas nem isso seria necessario, se podesse obter-se a satisfação de uma necessidade maior, — a criação de uma escola industrial, ou de desenho industrial, com as cadeiras de portuguêS e de francês.

O concelho de Santo Thyrso tem todo o direito a essa criação, por ser já hoje um importante centro fabril.

A escola poderia ser optimamente installada no actual edificio do hospital, devendo ser apenas reservada uma sala para uma bibliotheca municipal.

Vem a proposito fallar do hospital. Pouco a tal respeito posso dizer, por falta de auctoridade. Mas creio que está no animo de todos o abandono do edificio onde hoje elle se encontra estabelecido.

Se a Misericordia podesse cedê lo, por ex., para a escola industrial, como lembro, deveria construir outro, com dois annexos, um para asylo de velhos e outro para asylo de velhas. E excellente seria que aproveitasse o ensejo para construir ainda outro annexo, para uma creche, tão necessaria e proveitosa para as pobres mulheres que labutam nos campos, e mais ainda para as operarias das fabricas, que assim poderiam trabalhar desafogadamente, por terem quem durante o dia lhes guardasse e alimentasse os filhinhos.

Seria uma obra de caridade para as mães e para os filhos, e ao mesmo tempo um acto de reparação social, porque muitas das mulheres que deixam morrer os filhos de enterites, e até de fome, são pobres creaturas seduzidas e abandonadas pelo egoismo e pela perversidade dos homens.

Sobre o melhor logar para o hospital e asylo, os profissionaes, que deveriam ser consultados, certamente o escolheriam longe do rio, em sitio sêcco e abrigado, — talvez para os lados do Orgal. A ideia de o construir na cêrca do mosteiro de fóra parece-me desastrada, não só por causa dos nevoeiros que com tanta frequencia invadem esse logar, mas até por motivo de esthetica, porque um hospital não é o primeiro monumento a pôr diante dos olhos dos visitantes ou de quem passa no caminho de ferro.

Relativamente á influencia do desenvolvimento das Caldas, no nosso meio, afigura-se-me que essa influencia deve ser muito importante, sobretudo sob o ponto de vista economico. As Caldas, com um bom hotel e com frequencia de banhistas — o que é fatal succeder, por virtude da excellencia das aguas e por serem as mais proximas do Porto — tornar-se hão uma grande fonte de riqueza, não só pelo desenvolvimento da viação, mas por se tornar a villa objecto de constantes visitas dos aquistas, e por muitas outras circumstancias faceis de suppôr.

Tornar-se-há porem necessario, mais do que hoje, crear aqui um bom hotel, talvez uma sucursal do hotel das Caldas, e assim se verá realisada uma justa aspiração dos bons thyrsenses.

A resposta ao ultimo quesito é aquella que offerece maiores difficuldades.

Para todos os melhoramentos é preciso dinheiro — e onde ir buscá-lo?

Convem ponderar que o concelho é relativamente rico, e que não ha necessidade de fazer tudo de uma assentada. Mas não seria justo tambem recorrer immoderadamente ao emprestimo e ao aggravamento do imposto.

Uma receita importantissima — uma verdadeira mina a explorar — seria a resultante da alienação dos montados.

O municipio dispõe de uma extensissima vastidão de terrenos, alguns de bôa qualidade, e todos aptos pelo menos á cultura florestal, que é abundantemente remuneradôra, por exigir muito pouco capital e muito pouco trabalho.

Os pinheiros vão rareando nas propriedades particulares, porque o seu consummo vae sempre augmentando; e os preços, por isso, vão tambem sempre subindo. Sendo isto assim, causa dó vêr esses enormes trechos de terrenos incultos, inteiramente calvos, sem um pinheiro só! Chega a ser um crime um semelhante abandono!

Accresce que, nas proximidades da villa, muita gente vive de vender lenhas e urzes que dizem *do monte* e que são na verdade de bouças particulares; de modo que os montados ainda indirectamente causam este mal — o de acobertarem os que fazem profissão de vender lenhas e urzes extrahidas das propriedades alheias.

As camaras teem-se mostrado impotentes para dar um remedio a este deploravel estado de coisas. Cremos que são duas as ordens de motivos: —a consideração do prejuizo que a alienação causaria ao povo, e o receio de violencias e opposições por parte do mesmo povo.

A primeira não tem razão de ser, porque os montes, taes como se encontram, nenhuma utilidade, a bem dizer, fornecem; e seria uma barbaridade deixar de aproveitar a grande riqueza que elles podem produzir, só para não prejudicar um serviço mesquinho que actualmente prestam.

E o receio da opposição tambem se não póde admittir. Tratando-se do bem comum, o povo não deve oppôr-se, e, se se opposér, deve ser reprimido no seu desmando. Em breve teremos uma força militar na villa: pois que essa força sirva para fazer manter e respeitar todos os direitos!

A não se tratar a sério da alienação dos baldios — o que me chega a parecer um gravissimo erro — então melhor seria a camara fechar os olhos, como algumas vezes os tem fechado, e consentir que os particulares se apropriem d'esses terrenos. Na verdade seria sem duvida mais util á collectividade o aproveitamento da terra — o que traz sempre trabalho e riqueza — do que o quasi abandono em que se encontra, pois outra coisa não é o aproveitamento em commum e não regulamentado.

O problema é delicado, mas carece de resolução; e a vereação que o resolver, alienando por parcellas todos os baldios — depois de préviamente os ter inventariado — e tendo tambem préviamente obtido garantias effectivas para os adquirentes serem mantidos na posse, prestará um serviço incalculavel ao municipio, porque fará entrar nos cofres da thesouraria municipal uma somma que deve ser avultadissima.

Melhor do que isto, theoricamente, seria ainda a exploração directa dos montados por conta do municipio; mas essa emprêsa é de tal modo difficil, sobretudo em vista da pessima educação do nosso povo, que nem mesmo valeria a pena tentar semelhante solução do problema.

E a proposito vem lembrar a instante necessidade da criação de um corpo de policia rural, que defenda, não só os bens do municipio e do Estado, mas tambem os dos particulares.

Os assaltos, sobretudo aos bravios, são de molde a causar pavôr aos proprietarios. E' necessario acudir a este mal, e sem demora. Bastaria, como primeira medida, criar um corpo de tantos guardas quantas as freguesias (ou dois guardas por freguesia), alternando-se com frequencia, e tendo a seu cargo velar pelas sementeiras, pelos pinhaes, etc., podendo dar buscas nas casas de individuos suspeitos, organisar corpos de delicto, prender em flagrante, etc.

Olhe o municipio por este assumpto, porque para elle tem talvez mais competencia do que o Estado; e nem só ao Estado se devem abandonar todas as iniciativas, sobretudo quando se trata de necessidades locaes e que variam muito de terra para terra.

Se não se entender assim, afigura-se-me que os bravios passarão a ser devastados como verdadeiras *res nullius*, offerecendo dentro em pouco o aspecto calvo e desolador dos montados do municipio.

Sobre meios indirectos de enriquecer a villa e o concelho, attrahindo capitaes de fóra, isso pertence á difficil industria a que chamam «do *turismo*». A propaganda necessaria deve estar a cargo de todas as entidades, publicas e particulares, porque todas são interessadas.

A Associação Commercial em projecto póde contribuir muito, pugnando por tudo quanto tenda a beneficiar o commercio; o santuario da Senhora da Assumpção é uma riqueza ainda a explorar; a tradição das festas no rio e no parque deveria ser reatada, como deveria ser creado um novo grupo de amadores dramaticos, que dessem representações no theatro; deveria obter-se melhoria nos horarios e nas tarifas dos comboios de Guimarães, fixando-se sem demora o *terminus* em Louzado, — a não se obter o outro melhoramento mais importante a que atrás me refiro,—e acabando se com esse absurdo tão prejudicial das linhas sobrepostas de Louzado á Trofa; deveria mais alcançar-se na mesma linha a criação de bilhetes de assignatura por preços razoaveis, para se facilitar o poderem viver em Santo Thyrso pessoas que exerçam qualquer profissão no Porto; tambem me parecia necessario fundar-se uma emprêsa de viação, que fizesse serviço, com automoveis e diligencias, especialmente para a estação e para as Caldas da Saude, porque é bastante caro entre nós o serviço de carruagens.

Tudo isto contribuiria para desenvolver o commercio, que infelizmente está em manifesta desproporção com o restante desenvolvimento e a importancia da villa.

E como já vae muito longo este artigo, e se encontram mais ou menos tocados todos os quesitos, terminarei exprimindo o desejo de que as ideias expostas, ou outras que porventura sejam melhores, encontrem pessoas dotadas da energia, da boa vontade e da perseverança indispensaveis para as poderem pôr em pratica.

Santo Thyrso, 8 de outubro de 1912.

ANTONIO A. PIRES DE LIMA.

Segundo depoimento

Lucto et emergo! Esta formula — *Lucto e resurjo* — que é Universal, todavia, foi tomada como divisa das cidades do litoral francez que dia a dia se levantam e progridem d'uma maneira assombrosa, alliando a energia á actividade e ao caracter porfiado, communicando á vida um esforço fertilisante e progressivo, preparando o futuro para grandes projectos industriaes e commerciaes. Essas povoações progressivas refletem no espelho das aguas do Oceano a projecção das suas construcções simples e elegantes, bem lançadas e bem desenhadas, pondo no horisonte e no ar uma nota vaga e fluctuante para indicar ás gerações vindouras, o que póde e valle o trabalho bem dirigido, conjugado com o capital bem administrado.

Trabalho e capital, eis os dois elementos fecundantes que fazem progredir e renascer os grandes tratos de terrenos incultos, e os colossaes imperios e nações pela transformação das forças naturaes em agentes domaveis á vontade do homem que cria a potencia inicial e a transmitte a enorme distancia com a força do seu desejo.

N'esta ordem de ideias, e fazendo uma investigação atravez das obras grandiosas executadas pelo homem, manobrando os dois elementos — trabalho e capital — nós vemo-lo abrir e atravessar grandes profundidades e espessuras dos montes, servindo-se d'escudos (1) e perfuradores mechanicos, a que se junta o esforço e a tenacidade da Engenharia, approximando por meio de gigantescos tunneis, regiões affastadas, que as locomotivas ligam, hoje, em minutos, quando, a igual distancia em epochas passadas, era representada a unidade tempo, por mezes de andamento.

O homem é tambem grande, quando, atravez dos oceanos com a velocidade do vento singra por cima das ondas revoltas, encapeladas e montanhosas, vencendo e domando as forças naturaes com o potencial do seu espirito inventivo, e finalmente reduzindo-as a brinquedos, escravisados á Vontade, illuminadas pelo facho da Sciencia.

O homem ainda é dotado d'uma concepção poderosa, quando resolve acasalar os mares separados, ha milhares de seculos por dezenas e centenas de kilometros de terras solidas, firmes e continentaes, nos exemplos, do Suez, e brevemente, do Panamá — resultando d'esses consorcios auspiciosos, reduzir as distancias a um minimo de tempo, e abastecer as regiões aridas que difficilmente prosperavam por falta de recursos, e, approximando o homem do homem que a distancia fazia desconhecer para agora, se unirem no mesmo pensamento do Progresso e da Civilisação!

E, assim, é bello e imponente ver a harmonia d'essas vontades convergirem para as manifestações do progresso e do avanço da humanidade para um fim, que será, quiçá, ignoto e longinquo.

Entretanto, poderoso na realisação das mais avançadas phantasias e problemas que o homem sempre sonhou e architectou durante seculos, ei-lo querendo e conseguindo, qual Titan da Fabula, vencer no vôo a ave que na sua carreira vertiginosa, desferindo o espaço com as suas ligeiras azas, ria-se da impotencia e empericia do *pigmeu* que atraz d'ella corria, para colher no laço da traição, a sua liberdade!

Hoje, o biplano e o aeroplano com a ligeiresa do vendaval, cortam e fendem o espaço, avançam e pulam as mais altas cadeias e cordilheiras de montanhas e pairam sobre os ninhos das aguias que ao peito plumoso achegam os filhos, nos pincaros das serranias, rindo-se o aviador do temor e receio manifestado pelas altivas aguias, que impavidamente ao pino do meio dia, encaravam e desafiavam os raios do Sol!

E, é, igualmente com os progressos da mechanica e da bussola maritima de declinação, que o homem levou de vencida os movimentos natatorios dos peixes que nas suas viagens migratorias e periodicas, de mar a mar, de costa a costa, não tergiversando na sua derrota, batendo sempre nos mesmos pontos das suas passagens seculares, conduzindo-se com a devida precisão, atravez do pelago dos mares, em cardumes e solidariamente unidos, viram-se vencidos pela sciencia do homem.

(Exp. — O atum vem e parte das costas da Terra Nova, (senão estou em erro) indo as femeas desovar nas praias da Italia; e feita a postura e concluida a criação, tomam o seu immutavel rumo e lá vão outra vez para as paragens d'onde vieram. E note-se que n'estas idas e voltas, tocam no Sul do nosso Algarve, sobretudo no Cabo de São Vicente, (1) almadrava, onde os pescadores dão pesca ao atum que vem e que se chama — *atum de direito* —, e quando volta — *atum de reverso* —

Assim, os peixes, atravessando as aguas e as correntes impetuosas que forma o mar, enchiam-se de orgulho e vaidade pelo seu maravilhoso poder de orientação instinctiva, que o homem invejava e cubiçava, até que

(1) Vid. — Larousse — «Bouclier» — Appareil protecteur mobile, servant dans le percement des souterrains.

Os maiores tunneis que existem são: Simplon (19.729m), Monte Cenis (12 220). Saint Gothard (14.920), Ronco (Italia) (8.260).

(1) Termo que os pescadores dão ao ajuntamento de atuns.

um dia, encontrou, nos submarinos, nos grandes paquetes e nos imponentes *dreadnoughts* que singram e sulcam vastos mares, com altivez e gentil galhardia, a solução do problema da navegação maritima, hoje, mais segura e menos perigosa que a tracção terrestre com as potentes locomotivas e os maravilhosos *electromotores* (1), nos saltos de *compromettidas* pontes, nos abalroamentos, nos choques e descarrilamentos que nos vão levando, por assim dizer, mais acelaradamente ás portas da Eternidade e do Infinito!!

Mas, o homem, ainda produz e architecta concepções mais audaciosas: ardendo em fé e energia e querendo apoderar-se das forças naturaes, que em tempos remotos o dominaram e venceram, a ponto de ter chegado a adoral-as e a reverencial-as, como elementos de espiritos divinos, hoje, que o enigma do Universo se vae decifrando, e o homem se emancipou das crenças no sobrenatural pelos estudos dos methodos positivos da observação e da experiencia, lança, a Verdade atravez do Tempo e do Espaço, investigando o proprio Deus, esperançado que se elle existe, o descobrirá!

Finalmente, confundiu e reduziu a phantasias, as superstições dos bruxos e feiticeiros que na antiguidade, e ainda pavorosa e freneticamente na Edade-Media, tiveram grande influencia na Sociedade, pelas praticas dos charlatães e impostores que as imposeram, tanto ás classes elevadas e aristocraticas, como ás inferiores e servis, d'aquelles tempos para goso e desfructo dos seus malignos interesses.

Assim invocavam as antigas superstições, crenças nos duendes, fogos-fatuos, almas errantes, espiritos familiares e domesticos, levando, alguns dos audaciosos impostores a sua imaginação perversa a atrahir ás suas cabanas solitarias, mães inconsolaveis, fazendo apparecer aos seus olhos, fantasmas simulados de filhos perdidos; ás viuvas as madeixas de cabellos, simulando os do marido defuncto; e vinham, finalmente pôr em commercio, photographias apocriphas de queridos mortos!

Tudo isto foi varrido da imaginação visionaria e febril das almas ingenuas pelo vassouramento da experiencia e observação positivas que o homem na retorta, no microscopio, no telescopio, nos laboratorios phisicos e chimicos, eletricos, geologicos, illuminou com os raios e fulgores da Sciencia.

O pygmeu d'outr'ora, e hoje o gigante contemporaneo e maravilhoso, que lança mão das mais colossaes potencias da naturesa e capta-as á sua vontade, e capricho para servirem de elementos de coadjuvação aos seus grandiosos projectos que architecta e resolve nos momentos de estudo e de investigação dos problemas que a humanidade põe e lança para solução.

Vamos citar um exemplo: A Cataracta do Niagára. E' brilhante e sugestivo o exemplo que vamos citar para terminar a apologia do homem contemporaneo. Esta maravilha é das maiores potencias naturaes que os viajantes admiram e contemplam nas suas viagens de estudo e observação pela America.

E' um collosso d'agua que se despenha com a largura de 500 metros, n'uma altura de 50 metros, fazendo um ruído e barulho insurdecedor que mal se supporta, mas produzindo no observador uma sensação inegualavel de medo e terror, corrigida, depois de alguns momentos, pela admiração e agrado de tal maravilha, que allia o Bello com o Horrivel, na mesma composição, como a descreve o Poeta!

Esta grande e collossal maravilha da Natureza, é vergada e é domada pelo homem que aproveita uma parte da sua queda que se despenha de extraordinaria altura em cascata imponente, para a utilisar, para a transformar em potencial de força que transmitte a centenas de kilometros de distancia a energia sufficiente e necessaria que produz a luz electrica; que movimenta e accelera as carruagens e wagons e os transportes de mercadorias; que acciona os motores das machinas que imprimem o trabalho ás officinas das fabricas imponentes de differentes labores industriaes, e que ainda move os elevadores dos edificios publicos e particulares, surprehendentes, de trinta, e ultimamente, de cincoenta andares, das cidades Americanas, como o de Chicago (1). E, quem hade dizer que essa força fantastica póde ser posta em movimento por um botão eletrico, que está fixado na officina das machinas, junto da cataracta, e que uma criança de cinco annos (2) póde fazer mover, e soltar a força que, então, corre e gira em volta dos motores que acciona em numerosas volutas por segundo, e que movimenta milhares de teares que produzem e medem kilometros de fazendas, e move accelaradamente as carruagens e os transportes da viação urbana e sub-urbana que é muito apertada e embaraçada pelos transeuntes, mas que nada soffrem com incidentes, que raros, acontecem; e que transmitte a força aos elevadores que sobem e descem numa carreira vertiginosa as dezenas de andares de altos predios que occupam e tapam o espaço, interceptando a luz do sol, e que illuminam cidades com milhares de fócos e lampadas eletricas, como querendo, os Americanos, demonstrar que a luz do astro Rei, é dispensada nas cidades democraticas, que não reconhecem o poder absoluto da Realeza!!!

(1) Essas machinas fazem 210 kil. á hora — Vid Victor Cambon — *L'Allemague au travail.*

(1) L'Energie americaine (Evolution des Etats Unis), por Firmin Roz.

(2) L'Amerique au Travail — par J. F. Fraser.

*
* *

A accommodação do nosso rio Ave para se poder realisar passeios fluviaes em barcos, e regatas para serem disputadas a premios, era um dos melhoramentos que entendo mais viavel, e posto em pratica com vontade e enthusiasmo, muito havia de concorrer para o embelezamento e importancia da nossa villa, como centro de cohesão das nossas actividades e relações sociaes, como escola de sport e destreza da força phisica, quando bem dirigida e applicada; e ainda, como chamariz de forasteiros que viriam gosar um espectaculo atrahente e bello, pela paisagem luxuriante que borda o rio Ave. As regatas disputadas n'este rio exhibiriam o scenario da peça, desenhado pela destreza e capacidade dos protogonistas da festa e da acção, que em outros tempos, aqui no Ave mostraram e evidenciaram a pericia, a força muscular adextrada pela cultura do sport fluvial, e que ainda, hoje, tem representantes n'esta pleiade de rapazes cheios de vida e energia que nós vemos na nossa formosa villa. E estes enthusiastas inspirados na elevação moral do culto d'uma distracção phisica e hygienica, que imprime ao caracter a emulação do bom exito, pelo exercicio continuado da aprendizagem e desenvolvimento muscular, que é a saude do corpo e o bem estar e tranquilidade do espito, nos fariam gosar pelas condições excepcionaes do local, pela galhardia e fina educação dos nossos conterraneos, a primazia d'um espectaculo que se não realisaria facilmente em qualquer outra parte, por falta de elementos, que ao contrario nós temos com abundancia.

Imaginemos o desapparecimento da queda d'agua do Ave, proximo á ponte, e que fosse transportada para junto do termo e fim do muro da Quinta de Fóra da Misericordia, em ordem a produzir um estuario, ou especie de bahia que se estenderia desde a Quinta do Mosteiro até á Fabrica, com altura sufficiente para não damnificar os campos e as terras marginaes, mas com a profundidade necessaria para poderem navegar barcos de pouco fundo, por exemplo, as guigas ou outros barquinhos de pouco calado, que serviriam para distracção de familias, e corridas de sport fluvial?

Que espectaculo se não desfructaria das margens do ridente e alegre Ave, quando os sportmen cheios de enthusiasmo e emulação, remassem com calor e com maestria para conquistar o premio offerecido pela commissão das regatas, e que o mais era é, e muito mais seria, por se enlevarem e criarem novas forças nos sorrisos das sereias e nereydes que bordariam e alcatifariam deslumbrantemente as margens e os areaes do sereno Ave, e com olhares calidos e fervorosos animariam os disputantes com palmas e gentis acenos de flores como as flexas de Cupido, atravessando o coração dos contendores que mais emotivamente reforçados com as demonstrações quentes das nymphas, se tornariam Vencedores!

E, digam os novos, e talvez os velhos, se não valle a pena tentar o emprehendimento, ainda que não seja só para assistir ao scenario phantastico dos agrupamentos das deidades estonteadoras que em redor da liça premiariam o esforço, a energia e a pericia dos vencedores com os seus encantadoras sorrisos e olhares sonhadores, como petalas de rosas desfolhadas ao vento! (que nós os espectadores, poderiamos colher tambem...)

Estamos convencidos se este plano se realisasse com outros que vamos desenvolver, *se a tanto nos ajudar engenho e arte*, a nossa villa muito aproveitaria com os visitantes que nos trariam a alegria e animação propria de excursionistas delicados e que egualmente nas transacções economicas que effectuassem, deixariam ás classes necessitadas, o pouco que fosse, ajudando a melhorar a sua situação, n'este momento social, tão precaria e agonisante.

*
* *

Em resposta simples, exponho o seguinte relativamente ao terceiro quesito: Achava bem que se edificasse os Paços do Concelho e o Tribunal n'uma praça da Villa, onde o edificio pela belleza e simplicidade das linhas architetonicas, se impuzesse á consideração e respeito de todos em conformidade do fim e do uso a que era destinado. Essa construcção concorreria para o aformoseamento da villa, mas o que é mais importante, satisfaria a uma necessidade que se tem feito notar de ter reunidas as repartições publicas e administrativas para commodidade do publico, e, ainda para que o ar e a luz entrassem em compartimentos espaçosos, a jorros, imprimindo e dando um aspecto de asseio e limpeza e hygiene que n'estas casas se torna util e indispensavel, visto a aglomeração de pessoas, que ahi se reunem, a maior parte das vezes esquecidas dos principios e regras mais elementares da hygiene e da educação e compostura social.

Mas, um edificio d'esta natureza, necessita d'uma certa grandeza e magnitude que emparelhe com o fim elevado para que é estabelecido. Assim, os nossos dirigentes devem raciocinar com ponderação e cautela e não se envolverem em grandes despezas e gastos que demandariam um novo emprestimo, o qual viria onerar ainda mais a propriedade que no nosso paiz está tão sobrecarregada com impostos, que é hoje, uma das causas da emigração pavorosa que se nota e verifica nas estatisticas officiaes, e extra-officiaes (emigração clandestina), as quaes horrorisam quando se reflecte e pensa no exodo

e no despovoamento do paiz que corre o risco de lhe faltarem os braços para o amanho das terras, para a laboração da industria e trafico commercial! A nação atravessa um periodo de crise grave, que provoca no espirito geral um abatimento doentio, e no particular de quem nasceu livre e na Patria livre quer viver, um estranho mal estar, sentindo como a planta exotica a aspiração para outros climas e outras paragens fertilisantes, onde acalentado pelo trabalho remunerador, pela liberdade assegurada, pela crença e fé respeitadas, ahi possa viver desafogadamente, expandindo a energia e fortalecendo o trabalho, para então, altivamente olhando para o infinito, dizer: O mundo em que habitamos e o Sol que nos allumia, quando nasceram, foi para todos!

Assim e por estas considerações fica prejudicada a nossa primeira asserção d'este paragrapho e resposta ao quesito, a qual tentava assentir á edificação da importante e sumptuosa obra — edificio das Repartições Publicas.

Na segunda parte viemos explicar como precaução de consequencias graves e perigosas que é necessario evitar que o edificio, com quanto defensavel pelo lado estetico e bello e que produziria e concorreria para o aformoseamento da villa, não brigue com a natureza e condições economicas precarias do nosso desgraçado povo que é indispensavel cuidar, instruindo, defendendo, da rotina inveterada da falta de instrucção que o torna mais miseravel e desprezado!

E' esta a nossa opinião franca, que sempre imprimimos em todos os actos da nossa vida particular e social.

*
* *

A construcção dum mercado moderno, que abrisse diariamente as suas portas no nosso meio social, é sem duvida uma das necessidades mais ingentes e inadiaveis que todos os habitantes da nossa villa sentem, aspiram, e desejam ha bastante tempo! Em povoações menos importantes do que esta, existem mercados bem abastecidos e frequentados, onde se vendem regularmente os productos das regiões.

Assim, a nossa terra que tem nos ultimos annos progredido bellamente, precisa que cure devidamente de certos requisitos que lhe faltam para que occupe desassombradamente o logar que lhe compete no seio das povoações que a cercam e rodeiam e que d'ella podem tirar elementos de applicação para os seus limitados recursos, fazendo-os progredir e desenvolver á medida que são requisitados pelo Centro, que reciproca e igualmente, faz crescer e progredir os productos da troca e da circulação que esses circulos mutuamente produzem e consomem.

D'ahi a necessidade e a urgencia d'algumas estradas a fazer, e que liguem a nossa villa com ricas regiões

d'este concelho; (1) e, tambem, que se proporcione a facilidade da viação pela compostura e reparação que bem merecem outras vias e arterias de ligação, nos pontos que atravessam as nossas terras e que são procedentes de nucleos importantes e valiosos, que se ligam, entre si, as quaes seriam aproveitadas não só para transito de pessoas, mas ainda de mercadorias que viriam depositar-se no nosso mercado.

Tambem nos parece que se essas estradas fossem bem concertadas pelo Governo, embora a pedido do nosso concelho, bem podiam ser aproveitadas pela aviação accelarada, que deixaria na lembrança dos excursionistas as recordações gratas das vias que passam pela nossa villa, tão linda e tão gentilmente horisontada.

Ao mesmo tempo, como já dissemos facilitariam a troca de elementos economicos que erradiam dos Centros para a periferia, e reciprocamente, impulsionando sempre a circulação que aufere os lucros da viação, menos dispendiosa e mais accelarada.

Estas rapidas considerações não vêm fóra de proposito, como demonstraremos. Trata-se da criação d'um mercado que deve ser diario em Santo Thyrso, que já tem um semanal.

Entendemos, portanto, em primeiro logar, que se trate por todos os meios de facilitar as vias de communicações com a nossa terra, quer compondo e reparando umas, quer mesmo lançando projecto d'outras, que evidentemente nos serviriam para alargar o nosso mercado com productos forasteiros trasidos das terras concorrentes, ligadas á nossa villa, dando-nos importancia e deixando no nosso meio os elementos fecundantes que fazem progredir accelaradamente os centros commerciaes e trabalhadores.

A construcção do Edificio para o mercado, com quanto de aria menor do que aquelle que vamos escolher para modelo, e que é bem conhecido de todos que frequentam a cidade do Porto — o mercado Ferreira Borges, á Praça do Infante D. Henrique, podia ser armado de ferro e tijolo, com vitraes no tecto e lados, por onde a luz e o ar entrassem desempedidamente, quando necessario fosse.

O pavimento seria cimentado, ficando com leve declive, inclinado para os canos que receberiam as aguas da lavagem diaria e as levariam para os depositos de esgoto da villa; grandes portadas por onde só entrariam carregamentos pedrestes, ou carrinhos de mão, com os productos de consumo e venda que teriam limite na hora de entrada para o mercado, e expondo-os á venda do publico, sobre medianas mesas de folhas de marmore que estariam sempre

(1) A projectada estrada para Monte Cordova, seguindo aquella da Senhora d'Assumpção.

numa limpesa irreprehensivel, zelada como noutros casos pelos fiscaes e empregados que seriam guiados por regulamentos estabelecidos intelligentemente e approvados pela Corporação Municipal.

Não seria permittido que para o chão fossem lançados quaesquer detrictos dos productos mercantis, ou quaesquer outros, sob pena de multas applicadas aos contraventores.

O publico tinha entrada livre e accesso para todas as mesas levantadas, onde as mercadorias estariam expostas, sendo as mesas alinhadas em rectas, com intervallos de passagem para todas as direcções, e com largura sufficiente para não travar ou impedir o andamento dos freguezes e visitantes.

Assim dispostas as exposições dos productos, ostentariam o quer que seja de elegante e bem organisado, que abriria o apetite dos frequentadores, animando-os a comprar os productos que se offereciam frescos e bem sazonados, com ar de vida colorida e na melhor disposição e aparencia, e serviriam para saciar o apetite d'aquelles que gostam de saborear as delicias dos bellos fructos e bons legumes e hortaliças.

Este mercado que devia ser edificado, em qualquer parte que fosse central á villa, admittiria á venda todos os productos agricolas, gallinaceos, de pesca, e bovinos, depois de devidamente preparadas as carnes que se quizesse expor mediante o pagamento d'uma percentagem que seria regulada pela quantidade da mercadoria e que serviria para custeamento das despezas do mercado e suas reparações.

A venda de productos naturaes offerecidos ás portas, nas ruas, e nas praças, devia ser prohibida, para incremento, desenvolvimento e progresso do mercado que estaria sempre patente ao publico desde, e até, ás horas regulamentares.

Santo Thyrso é uma villa das mais bellas do paiz.

Esse predicado que em parte é natural, pela situação elevada e bem horisontada que occupa dentro d'um extenso valle de luxuriante vegetação, recamado de verdejantes arvores que estendem os seus ramos e folhas de tonalidades variegadas pelos montes acima, que engastam e bordam em redor a perola thyrsense que resalta brilhante e irisada pelos tons de luz que lhe communica o magistoso Sol, quanto no Oriente, ergue a juba candente e irradia raios fulgurantes, que illuminam a terra, languida e dormente, alquebrada nos braços da Aurora que estremece candidamente em convulsões de choro e se transforma em maravilhoso rocio, depositando brilhantes da mais pura e cristalina agua, sobre as pétalas das modestas florinhas campestres que sorriem agradecidas pela visita da encantadora Aurora. A qual, igualmente sobre as hastes verdes da herva, e do tapiz de tenra relva— que gemem muitas vezes, esmagadas pelas patas do gado — pousa e orvalha, em aljofres pendentes, dando vida e alegria ás desditosas, que, desamparadas, feneceriam; e ainda sobre as tranças de cabellos dourados das crianças pobres, que postas a monte e vigias de rebanhos, com os pés nús e doridos pelas escarpas das montanhas que pisam, a tez bronzeada pelos raios candentes do Sol, a face macilenta pelas agruras da fome e das necessidades de agasalho, surgem dos barrancos e das cavernas com a miseria estampada não só nos rostos, mas na descompostura e desalinho das vestes — e contraste admiravel e revolto — com lindos cabellos soltos ao vento, desprendidos e caídos pelas costas os quaes a Aurora orvalha com gotas humidas e tremulas, segredando-lhes, que dias venturosos, como aquelle que saudam, hão-de vir, para que as arvores fructifiquem e produzam bellos pômos que d'elles se servirão á surelfa — para saciar os desejos insofridos de tantas noites ao luar, na canceira e refrega de vigiar o gado.

Este nascer do Sol que tantas vezes aguça e desperta a vontade de sair em passeio ao monte, onde se póde arrojar a vista para além de horisontes longinquos, descortinando as grandes montanhas, ao longe, com os cimos alcatifados de neves, que o astro varre com os seus raios, e nas arestas dos gelos se detem e decompõe-se em côres irisadas que espalham em redor as cambiantes do arco-iris, tapetando as faldas dos montes que tomam o aspecto de colchas indianas estendidas no docel das encostas e nas ribas do nosso Ave, este nascer do Sol, este espectaculo grandioso gosa-se n'este recanto, onde tudo parece cantar a glorificação da natureza!

Com esta moldura natural, rica e opulenta, que em cercadura faz salientar as bellezas e os dons da nossa villa que deseja progredir e expandir-se alevantada e galantemente para se egualar ás mais bellas terras do nosso paiz, vemos a povoação, como uma pomba branca de azas pandas, lavada, aceiada. fresca e arejada, começar a emprehender o levantamento de edificios magnificos e elegantes que já contribuem para o aformoseamento da villa, a par d'aquelles que hão de vir occupar o seu logar.

Entre os existentes destacaremos o elegante theatro Eduardo Brazão, devido a um grupo de patriotas que com bella iniciativa e execução feliz constituiram uma obra que se impõe pela sua attrahente elegancia, leve, e fresca, bem lançada na parte externa, e superiormente dividida na interna, e architectada com artificio e disposição artistifica no seu conjuncto, e contextura harmoniosa com os principios para que o edificio foi construido.

Comquanto não pertença ao numero de edificios de que fallamos, nem propriamente se póde classificar de edificio — o Parque Conde de S. Bento — que se encontra ma-

gnificamente ajardinado e dividido em pequenos canteiros que tanto o aformoseiam, ornamentado com lindas flores que crescem e se expandem, adquirindo as mais admiraveis côres, tornando-as apetecidas e desejadas; adornado com arbustos de folhagens mimosas e alegres que põem no recinto ajardinado, uma nota de bom gosto e de boa cultura d'essas plantas tão formosas e invejadas pelos visitantes que as cubiçam para os seus terrenos; não podiamos deixar de salientar a nota elegante que o nosso jardim põe no embelezamento da villa.

*
* *

Neste momento o edificio que se impõe como necessidade urgente, inadiavel e imprescindivel, é um Hotel Moderno, com espaçosos aposentos, bem montado, e sem requintes de luxo, mobilado á ingleza, simples e confortavel, proporcionando aos hospedes todas as comodidades exigidas, hoje, pelos excursionistas.

O hotel devia ter o caracter de restaurant, servindo-se as refeições em mezas separadas, com cadeiras appostas, e sempre prompto e preparado para corresponder aos serviços que lhe fossem exigidos pelos hospedes de passagem e permanentes.

Todos os compartimentos deviam ser iluminados a luz electrica e ahi, igualmente, estabelecidas campainhas electricas para chamadas. Se o hotel fosse dividido e edificado com diversos andares, fazer-se-hia a tracção dos pavimentos inferiores para os superiores, por meio de elevadores.

Assim o hotel tornar-se-hia mais comodo, apetecivel e aproveitavel.

Entendemos, tambem, que o hotel podia ser dotado com um bello salão de recreio, onde os hospedes podessem reunir com as suas familias e amigos, divertindo-se ao som de instrumentos musicaes, o classico piano e o feiticeiro violino que arrancariam das cordas acordes maviosos e bellos, enthusiasmando a elegante sociedade que deslisaria nas valsas com *entrain* e prazer de momentos bem passados. Depois, ouvindo canções populares, meigas e galantes, que fazem pensar na vida simples e patriarchal dos nossos antepassados com a alegria e satisfação quente da mocidade presente. As relações sociaes estreitavam-se, e igualmente se estendiam pelos elos da roda gentil a outros grupos que porventura fossem apresentados aos recenvindos e que fechavam o circulo, n'uma confraternidade amistosa e familiaridade educada e escolhida que deixaria na lembrança de todos, as saudades agridoces de momentos intimamente sentidos, que levavam os grupos a comprometterem se e a pactuarem o renovamento e encontro para o novo anno em que se apagariam as saudades! e as recordações passadas!

Ao lado d'este salão assentava bem um gabinete de leitura, com uma

mesa principal, ao centro da qual se estenderiam os jornaes nacionaes e estrangeiros, revistas e albuns photographicos dos monumentos e pontos interessantes e famosos das diversas partes do mundo, que proporcionaria a consulta e a distracção do espirito no goso intelectual d'alguns momentos passados na illusão de que as fitas que tinham passado e corrido á nossa vista haviam operado o desejo e a vontade de algum dia ir visitar e observar a realidade que nos fôra photographada com tanta e intensa vida!

Na confortavel salêta de que nos estamos occupando, além da mesa central, pequenas mesinhas ahi distribuidas por diversas partes, dispostas para offerecer aos hospedes todos os requisitos e apetrechos necessarios para escrever cartas, tomar apontamentos, timbrar enveloppes e encommendas postaes, livres e affastados de olhares impertinentes e entempestivos dos que espreitam por cima dos hombros, a occasião de lobrigarem os segredos em que se possam envolver os desconhecidos.

Os hospedes estariam sós, sentados juntos das mesinhas, satisfeitos com a disposição da casa que lhes promettia entregarem-se aos seus pensamentos e transcrevêl-os sem que a importunidade dos curiosos os transtornassem.

Falaremos agora de elevadores que prestam serviços uteis nos hoteis e casas particulares.

Vamos lembrar um preceito e disposição que está em moda e em voga nos hoteis modernos do estrangeiro e hoje, mesmo, na cidade de Lisboa.

As cosinhas com o respectivo fogão, em vez de terem assento nos andares inferiores, como estava em uso ha tempos, são agora estabelecidas e montadas nos ultimos pavimentos e andares do edificio, vindo, os comestiveis, louças, christaes e mais atavios da mesa, pelos elevadores até á sala de jantar, onde os creados dão o expediente urgente aos diversos serviços de que estão encarregados.

Vantagens d'esta importante modificação ultimamente introduzida: Os hoteis, em regra, tinham um cheiro particular, abafado, e insuportavel, que a muitos hospedes custava a supportar, não sabendo a que era devido.

Hoje, sabe se que é cheiro das cosinhas e comidas e das aguas que servem para lavagem, e muitas vezes de deposito de productos que é necessario dessalgar e amollecer com massagens que derramam geralmente aromas que nada tem de rosmaninho, nem essencia de flor de cravo, que se espalham pelos aposentos, aborrecendo aos narizes exigentes que aspiram a manjares frescos e bem confeccionados.

Nada d'isto se dá com as cosinhas e fogões nos andares superiores, que expulsam os cheiros e os fumos para o espaço, demostrando assim aquillo que acima affirmamos.

*
* *

Sobre a questão do ensino que ultimamente tem sido debatida na imprensa da capital, como assumpto de interesse palpitante neste periodo historico para a nação que se vê a braços com problemas graves e que reclamam soluções immediatas e urgentes, confessamos a nossa incompetencia para entrar na discussão deste particular assumpto que precisa uma preparação especial e technica dos differentes methodos e processos adoptados nas diversas nações europeias, que poderiam adaptar-se ao nosso meio, com vantagens para as classes estudiosas que se perdem hoje na conquista do fallado bacharelato, e que redunda num empecilho para agenciamento da vida e emprego do trabalho que seja remunerador.

Esta pretensão academica, depois da passagem das Escolas e das Universidades, onde sómente se aprendem theorias e principios vagos sem applicação pratica, por falta de utensilios e instrumentos nos institutos de ensino, os professores guiam-se pelas estampas dos livros estrangeiros e nacionaes, fixando a engrenagem da technica profissional numa theoria ideal, sem experiencias, sem observações, sem analises, que conduzam os espiritos á compreensão dos movimentos mechanicos, que criam o trabalho e produzem o movimento progressivo technico, que dia a dia mais perfeito se torna, para vencer pela competencia e pela concorrencia os seus rivaes da vespera.

E todos os nossos governos, assim como os particulares hão-de ter compreendido que a instrucção geral, ensinada nos nossos lyceus, necessita ser acompanhada do ensino profissional, tanto mais necessario quanto a pletora dos bachareis se vae alargando cada vez mais, impossibilitando o candidato pela importancia tomada com o grau academico dado, e prestigio que se liga ao titulo de doutor que inhibe de exercer qualquer outro mister. Ha pouco tempo o sr. dr. Pimenta, chefe do gabinete do Ministro do Fomento, no jornal «O Seculo», expoz a ideia da extincção dos lyceus, substituindo-os por escolas profissionaes de triplice caracter agricola, industrial e commercial.

Nós não seguimos em todo o seu contheúdo as ideias do sr. dr. Pimenta, sobretudo naquella que se refere á extincção dos lyceus.

Preferimos acompanhar o illustre publicista sr. Alves Moraes, que egualmente no «Seculo», discorrendo proficientemente sobre questões de ensino, diz o seguinte:

«O ensino secundario geral em paises como Portugal deve ser moldado pelo similar da Suissa e Holanda e ainda pelo Inglez, e nunca pelo Francez e Allemão, os quais se dirigem a um escopo diferente. Por isso, no meu anterior artigo sobre esta these não extinguia a escola lyceal, mas transformava-a n'uma escola de ensino politecnico com quatro secções: a secção de ensino geral para corresponder em resumo ao ensino dos lyceus; a secção de ensino industrial, correspondendo ao ensino professado nas escolas industriaes e nos institutos industriaes do Porto e Lisboa; a secção agricola, correspondente ao ensino unicamente professado no instituto superior da agronomia e no de veterinaria em Lisboa, na escola pratica da agricultura de Coimbra e na elementar de Santarem, e finalmente, a secção de sciencia commercial, professada unicamente nos ditos institutos industriaes e commerciaes e nas escolas elementares de commercio do Porto e Lisboa.

Com esta transformação, as novas gerações encontrariam em todos os districtos, pelo menos, um ensino preparatorio adequado ao ramo que quizessem dar no futuro á sua vida e actividade, porque taes cursos deviam ser technicos e praticos ao mesmo tempo, sem perderem o caracter scientifico e demonstrativo dos conhecimentos lá adquiridos, habilitando para o exercicio da engenharia, da agronomia, da veterinaria e dos varios ramos destas disciplinas, contabilidade commercial e estadual.»

Assim em Santo Thyrso, n'este momento em que se vae transformar o ensino do Asylo Agricola para um instituto de mais larga instrucção e maior desenvolvimento, era conveniente e avisado introduzir e preparar uma reforma aproveitavel para alumnos que desejassem alli matricular-se, mediante uma propina rasoavel, organisando-se uma escola polytechnica, pondo em pratica as ideias do illustre publicista que transcrevemos acima, isto é, dando ao ensino o caracter pratico e technico e não descurando o ensino theorico geral, correspondendo á instrucção lyceal para assim preparar o alumno com este curso geral, escolhendo a carreira pratica que mais lhes conviesse — industrial — commercial e agricola; se quizessem continuar a frequentar os estudos scientificos — Medicina — Direito — Engenharia, deviam acabar e concluir a sua preparação polytechnica junto ás escolas annexas ás Universidades, para entrarem nos cursos profissionaes ahi creados.

E para terminar não podemos concluir melhor do que citar a bella e inspirada exclamação do illustre e distincto publicista sr. Alves Moraes: «Já que este povo não tem força e energia para se dedicar a explorações verdadeiramente productivas, é necessario que os poderes centraes lhe indiquem a norma de proceder.

Ponhâmos um dique ao proletariado intelectual!»

Santo Thyrso, 16 de Novembro de 1912.

JOSÉ ANTONIO ALVES FERREIRA DE LEMOS JUNIOR.

Terceiro depoimento

Não tenho podido, até hoje, por motivo de affazeres e occupações varias, responder aos quesitos por ti formulados na tua carta de setembro ultimo.

E, se não fossem as tuas reiteradas instancias, decerto o não faria ainda hoje, porque é muito pouco o tempo de que disponho para apreciar devidamente todos os assumptos para que chamas a minha attenção e sobre os quaes pedes a minha opinião.

Queria que esta fosse o mais possivel acertada; mas para isso carecia de muito mais tempo para ponderar todos as circumstancias, e não sujeitar-me, como muito bem poderá succeder, a emittir hoje uma opinião, que ámanhã terei de modificar, attendendo a qualquer circumstancia, que hoje me passe desapercebida. Mas visto não desistires da minha opinião, dar-t'a-hei com toda a franqueza, salvaguardando, é claro, a possibilidade de qualquer erro.

Devido á generosidade do benemerito Conde de S. Bento e do seu sobrinho o Commendador José Luiz d'Andrade e bem assim á iniciativa de algumas vereações municipaes e d'alguns particulares, Santo Thyrso tem progredido consideravelmente n'estes ultimos trinta annos. Construiram-se duas praças, abriram-se duas avenidas, edificaram-se uma grande fabrica, um bom hospital, um bello theatro, muitos predios e alguns d'estes elegantes e ricos e transformou-se uma d'aquellas praças n'um grande e bello jardim.

Muito tem, com effeito, progredido Santo Thyrso, mas muito mais póde e deve ainda progredir se se congregarem os esforços das entidades e individualidades, que, para este fim, podem contribuir.

Das vereações camararias, das mesas da Santa Casa da Misericordia e da iniciativa particular muito ha que esperar para o progresso e embellezamento d'esta nossa já tão linda terra. A's commissões administrativas, municipal e da Santa Casa da Misericordia e principalmente aos seus actuaes presidente e provedor, deveremos em breve a realisação de importantissimos melhoramentos, como sejam: a illuminação electrica e abastecimento d'agua da villa, a remoção da cadeia e a expropriação de tres predios que tanto compromettem a esthetica da villa, o aquartellamento nos Paços do Concelho d'uma força militar e a acceitação pelo Governo do usofructo das duas quintas do Asylo, para a creação d'uma escola agricola regional. Este ultimo melhoramento, que muito contribuirá para o progresso e engrandecimento da villa, traz tambem para a Santa Casa grandissimas vantagens, que a habilitarão a prover melhor á beneficencia e assistencia publicas.

Realisados estes melhoramentos, outros ainda se impõem por parte da Camara, sendo os principaes, a meu ver, os seguintes:

— Prolongamento, para o lado do nascente, da avenida de Villalva. Este prolongamento deverá ser feito n'uma linha recta até um certo ponto do caminho do matadouro, ponto d'onde deverá partir uma avenida, construida no extremo sul das propriedades da D. Sophia Miranda e do sr. Mattos. Esta avenida com um muro de supporte e competente gradeamento, pelo lado sul, ficaria em condições identicas ás da avenida do exterior do jardim e d'ella se disfructaria um horisonte não menos bello, offerecendo a vantagem de ser mais abrigada e devendo, como tal, ser o passeio preferido de todos nós no inverno. A partir d'aquelle ponto o prolongamento deverá ser feito com o necessario desenvolvimento até á estrada que vae para Nossa Senhora da Assumpção.

— Promover a abertura da estrada districtal desde a avenida de Villalva até á da Liberdade com o alargamento preciso para que fique uma rua sufficientemente larga.

—Ligação d'esta rua com a avenida, cuja construcção aconselhámos, por meio d'uma outra rua que atravesse a de Souza Trepa entre o palacete da D. Sophia e o que foi do fallecido José Luiz. — Conclusão da avenida da Liberdade e ligação do extremo d'esta com o da Avenida de Villalva. Estes melhoramentos não podem evidentemente ser feitos em pouco tempo, mas, concluidos elles, Santo Thyrso ficará sendo uma villa convenientemente arruada e não como hoje é quasi que exclusivamente reduzida a um troço da estrada do Porto a Guimarães, edificada desde o Orgal até Pereiras.

—Quanto á construcção d'um novo edificio para os Paços do Concelho e Tribunal, mais do que nunca sou d'opinião que elle se deve construir no local occupado, em parte, pela cadeia e segundo o projecto já approvado pela transacta commissão administrativa municipal, mas convenientemente modificado.

A construcção d'este edificio, que poderá custar cerca de 20 contos de réis, trará um encargo annual para o municipio de um conto de réis. Abatendo a esta verba cerca de 400$000 réis, que a Camara actualmente paga por anno de renda de casas para differentes repartições, restam 600$000 réis, encargo, na verdade, ainda grande, mas bem justificado pela commodidade de todos nós contribuintes termos reunidas todas as repartições n'um só edificio, que, pela sua bella apparencia, muito contribuirá para o aformoseamento da villa, e portanto para o seu engrandecimento, pois que pela sua belleza e pelas commodidades, que esta villa possa offerecer aos que a visitam, ella está destinada a ser

n'um futuro proximo uma bella estancia de verão; e assim Santo Thyrso será para o Porto o mesmo que Cintra é para Lisboa.

Para um tal *desideratum*, torna-se necessario um bom e amplo hotel, que deverá ser construido n'um logar bem central e sufficientemente espaçoso. Este hotel prestar-se-hia tambem para receber os banhistas que precisassem de tratamento nas Caldas da Saude e que preferissem residir na villa.

Um maior desenvolvimento das Caldas tambem contribuirá muitissimo para o engrandecimento de Santo Thyrso.

Porém para o desenvolvimento das Caldas não basta só um bom hotel em Santo Thyrso. Um outro nas suas immediações torna-se necessario, direi mesmo imprescindivel.

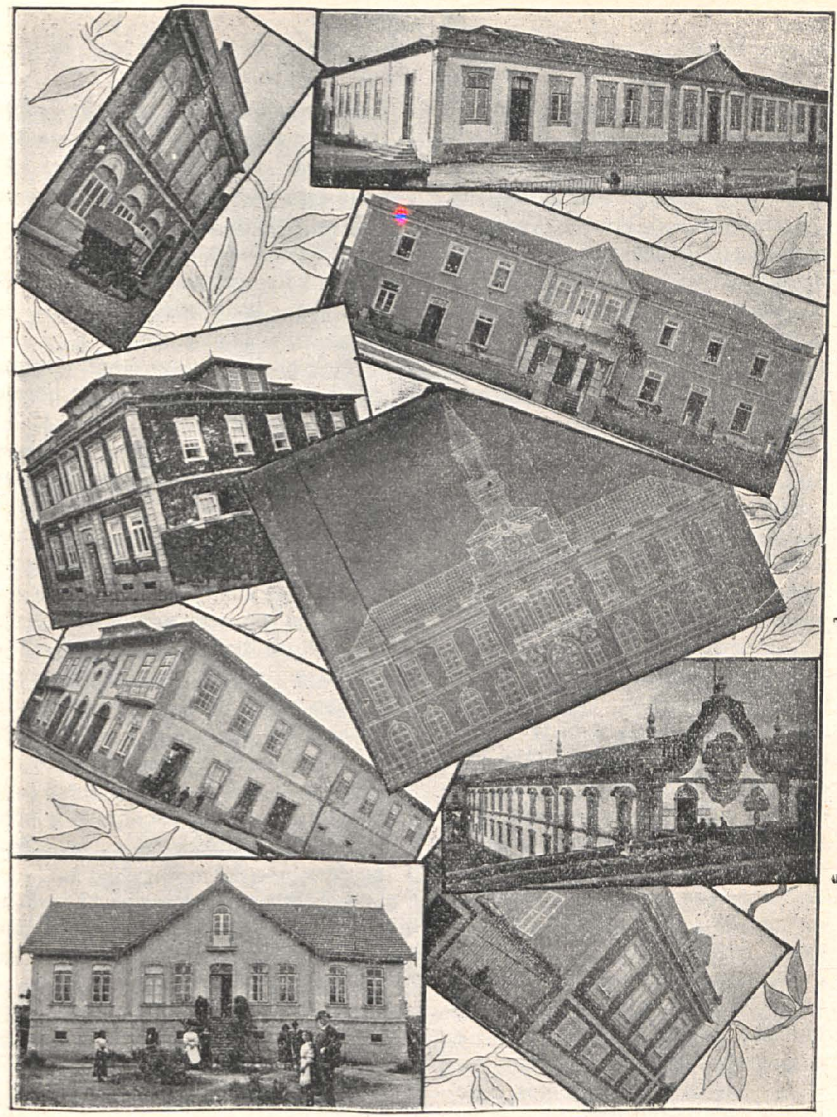
Por ser um dos concessionarios das Caldas da Saude não quero encarecer aqui as maravilhosas virtudes therapeuticas das suas aguas para que isto não pareça um reclamo. Todavia direi que ellas merecem bem que a Ex.ma Camara lhes facilite os meios d'accesso, construindo uma avenida, ha vinte annos reclamada, ou pelo menos mandando empedrar o unico caminho que lhes dá accesso.

—Quanto ao Hospital sou de opinião que elle continue onde está, apenas ampliado com uma nova fachada lateral, fronteira á da cosinha e capella, e destinada á installação de duas enfermarias para tuberculosos d'ambos os sexos.

A acceitação por parte do governo do usufructo das quintas do asylo, segundo a proposta da actual commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia, traz, como já disse, grandes vantagens á Santa Casa, porque lhe augmenta a sua receita. Não sendo justo que, em detrimento dos pobres d'hoje, se accumulem rendimentos para maior beneficio dos pobres de ámanhã, a Santa Casa terá que dispender annualmente em beneficencia mais a importancia d'aquelle augmento de receita.

E como o deverá fazer?

A meu ver, em proveito dos doentes pobres, que não podem ser admittidos no Hospital, e das mulheres pobres e gravidas que precisam de ser subsidiadas durante o ultimo mez da gravidez, periodo este em que a mulher não póde com os trabalhos pezados a que muitas se veem na necessidade de sujeitar-se para angariarem o preciso para a sua subsistencia e em consequencia do que lhes resulta um parto difficil, um caso de dystocia, a que muitas sucumbem. E quantas enfermidades resultantes da necessidade de trabalhar apenas passados alguns dias após o parto? São bem dignas de compaixão essas desgraçadas, forçadas sempre ao trabalho, mesmo quando o trabalho lhes devia ser interdicto. Muitos louvores merece a actual commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia por ter criado uma enfermaria de partos. Mas não basta só tratar da parturiente; é ainda preciso prevenir



PREDIOS DA VILLA

Camara municipal, Fazenda e Recebedoria — Escola Conde de S. Bento — Hospital Conde de S. Bento — do dr. Carneiro Pacheco e Registo Civil — Projecto dos Paços do Concelho — do Dr. Ferreira de Lemos Junior — Quartel da Guarda Republicana, Administração e Tribunal — da Fabrica de Fiação e Tecidos de Santo Thyrso habitada pelo director, Thomaz Hargreaves — de Sebastião Monteiro

os casos de dystocia, infelizmente tão frequentes entre nós e que tantas victimas têm causado; e a melhor fórma de os prevenir é pela assistencia.

Assim como o invalido, que não póde angariar, pelo seu trabalho, os meios precisos para a sua subsistencia, tem direito á assistencia publica, assim tambem egual direito assiste á mulher gravida, no ultimo mez da sua gravidez, porque o trabalho, durante este periodo, póde acarretar-lhe grave risco para a sua existencia e para a do seu filho.

Esta assistencia é d'inteira justiça quando a mulher gravida precise de trabalhar para viver e não deva trabalhar para não morrer; dilema este, que só a assistencia póde resolver.

— D'entre os doentes, que não podem ser admittidos no Hospital, estão os tuberculosos.

Se por um lado é justo que os doentes, em tratamento no Hospital, estejam ao abrigo de qualquer contagio, por outro lado é duro que os tuberculosos, que, em grande parte, devem a sua doença ás miseraveis condições da sua existencia e a um sem numero de privações soffridas, e que estão condemnados a uma morte quasi certa, é duro que continuem a vêr para elles fechadas as portas do Hospital, só porque n'este não ha uma enfermaria, onde elles possam sem perigo para os outros doentes, encontrar algum allivio para os seus longos e cruciantes soffrimentos. Afastados do Hospital, elles, emquanto podem, passeiam por ahi livremente e, escarrando aqui e acolá, vão espalhando a doença, até que, exhaustos de forças, cahem na cama para não mais levantarem-se. E' n'este, ainda longo, periodo que corre maior risco a familia, cujos membros, quantas vezes, se vão contagiando uns após outros. E que faz a humanidade? Afasta-se.

Não que a tuberculose é uma doença irremediavelmente fatal, diz-se.

E na verdade quasi assim é. E' portanto natural a defeza. Mas não é, desprezando o tuberculoso, que nos havemos de defender. Por amor d'elle e por amor de nós mesmos devemos antes pugnar pela sua hospitalisação. Esta não é só para o tuberculoso um acto de misericordia e caridade, é tambem para todos nós um acto de protecção. Eis a razão porque acima lembro a necessidade de ampliar o Hospital para a installação de duas enfermarias para tuberculosos dos dous sexos e em condições d'isolamento precisas e bastantes para a defeza das outras enfermarias.

— Tambem entendo que á Irmandade e Santa Casa da Misericordia compete attender á mendicidade, procurando evitar, quanto possivel, esse indecoroso espectaculo, que em certos dias da semana presenciamos nas ruas da Villa, onde uma verdadeira legião de pedintes, rôtos e immundos, uns assentados nos passeios, outros encostados ás casas, aguarda a distribuição d'uma esmola, para, depois de recebida esta, seguir para outro ponto e

d'este para outro e assim successivamente até percorrer toda a Villa, gastando em toda esta peregrinação uma manhã inteira. Rara é a familia na Villa que não destina para os seus pobres uma certa quantia por semana. A Santa Casa devia encarregar alguem de receber todas estas esmolas que, juntas ás que ella tambem costuma dar, seriam distribuidas aos pobres nos seus proprios domicilios. Para isto organisaria uma relação dos verdadeiros necessitados e conheceria das suas mais instantes necessidades.

A distribuição fal'a-hia sem ostentação. Uma cousa ha digna do respeito de todos nós: é a vergonha da propria miseria; e nada justifica a publicidade da esmola. Para a Meza da Irmandade collocar-se ao abrigo de qualquer suspeita não precisa de publicar nos jornaes a relação das esmolas que dá, bastar-lhe-ha conservar essa relação guardada na Secretaria, onde qualquer irmão poderá examinal-a. Este exame póde evitar qualquer irregularidade, mas não magôa ninguem. A esmola distribuida no proprio domicilio do necessitado é muito mais proveitosa, porque acaba com a falsa miséria que faz da mendicidade uma profissão lucrativa. A esmola, dada a esmo, muitas vezes sustenta o vicio e não soccorre a necessidade.

Se todos nós nos compenetrarmos d'isto e entregarmos á Santa Casa as esmolas, que destinarmos para os pobres, para que ella as distribua pelos verdadeiros necessitados, estes não precisarão mais de estender a mão á Caridade publica; e os falsos indigentes terão de procurar qualquer modo, de vida porque a auctoridade não lhes permittirá mais a mendicidade, antes a reprimirá com todo o rigor.

A Santa Casa da Misericordia, segundo a proposta que a sua actual commissão administrativa fez ao governo e que este acceitou, fica ainda com o encargo da sustentação do Asylo para velhos. Terá portanto de mandar construir uma casa, que sirva para asylo de velhos e bom será que sirva tambem para asylo de velhas.

A construcção d'esta casa deverá fazer-se no terreno que a Santa Casa possue, separado do Hospital pela rua das Aulas.

Este terreno pela sua proximidade do Hospital, presta-se melhor que qualquer outro, para aquella construcção.

Dir-se-ha que, tendo a Santa Casa da Misericordia de ampliar o Hospital e de construir uma casa para asylo de velhos, mais lhe valerá construir um novo edificio para o Hospital com casas annexas para enfermarias de tuberculosos e para asylo de velhos e velhas.

Estas edificações contribuiriam tambem para o embellezamento e engrandecimento da Villa.

Mas, admittindo mesmo que a Santa Casa conseguiria alienar o actual edificio do Hospital, o preço

que obteria d'esta alienação, augmentado do custo das obras que tem de fazer, seria muito inferior ao custo d'um novo edificio para o Hospital e dos seus annexos.

N'estas condições seriam prejudicados os rendimentos da Santa Casa e todos elles são bem precisos para os fins de assistencia e beneficencia, que lhe competem.

Melhorando a situação dos invalidos e dos necessitados, prevenindo, quanto possivel, as doenças, hospitalisando os doentes pobres e fornecendo medicamentos gratuitos aos que d'elles careçam, já a Santa Casa contribue muito para o engrandecimento de Santo Thyrso e auxilia muitissimo a Camara na principal missão, que a esta compete, de pugnar pelo bem estar de todos os seus municipes.

Justo é tambem que a Camara reconheça este auxilio e ponha de parte a ideia de exigir da Santa Casa o pagamento da luz e agua que ella tenha de dispender. Não sei a quanto montará a importancia d'este dispendio. Se fôr pequena é ridicula a mesquinharia; se fôr grande, não excederá todavia a verba de medicamentos para pobres, que a Camara deixou de inscrever no seu orçamento em vista da Santa Casa ter deliberado, ha já um anno, fornecer gratuitamente esses medicamentos da pharmacia do Hospital.

Relativamente aos restantes quesitos limito-me apenas a expôr o meu parecer, que é o seguinte: é por emquanto dispensavel a construcção de um mercado e utilissima a exploração de um collegio. Para a sua exploração e para a construcção d'um hotel a que já acima nos referimos, poderão os nossos capitalistas empregar convenientemente e com proveito os seus capitaes.

30 de Novembro de 1912.

ARNALDO BAPTISTA COELHO.

Quarto depoimento

Em primeiro logar, V. Ex.ª pergunta-me — «Quaes são os melhoramentos mais urgentes *para o progresso e embelezamento da villa?*»

Refere se, creio, a *melhoramentos materiaes.*

Se pretendesse dar maior latitude ao quesito, naturalmente escreveria, apenas: — «Quaes são os melhoramentos mais urgentes *para o progresso da villa?*»; ou, então: — «Quaes são os melhoramentos mais urgentes *para o progresso, ou embelezamento, da villa?*»

De maneira que sinto-me dolorosamente preso dentro do limitado ambito da pergunta.

Comtudo, não hesitarei na seguinte resposta:

Quanto a mim, os *mais urgentes* melhoramentos para o progresso e embelezamento da villa são os que ha tanto, o edificio escolar em vão reclama.

Far-me-ha V. Ex.ª a justiça, e, por certo, hão de fazer-m'a as demais pessoas que tiverem conhecimento da minha resposta, crendo que não alludi, unicamente, aos reparos, aliás urgentissimos, de telhados e estuques, e outros, a cuja falta vão aquellas casas caminhando ligeiramente para a total ruina.

Eu refiro-me a isso: porém, ao mesmo tempo, refiro-me a outras obras, ou melhor, a todas aquellas obras que, segundo o plano ou projecto prévia e competentemente estudado e approvado, porventura com precedencia de concurso, e até de promessa e opportuna adjudicação de um ou mais premios, elevassem o referido edificio á cathegoria de moderno e completo estabelecimento de ensino primario, elementar e complementar.

Quereria, entre outros, ver construido, alli, um annexo, destinado á assistencia escolar, de que, no meu entender, tanto se carece.

Quereria que o edificio das escolas, com suas dependencias, fosse tal que revelasse, bem patentemente, a comprehensão dos thyrsenses com respeito á importancia extraordinaria d'este assumpto vital—O mais perfeito cuidado e carinho pela organisação e derramamento do ensino primario.

Eu sou dos que crêem que na escola primaria reside, quando seja o que deve ser, a pedra angular de toda a construcção social: Justifico assim o meu voto.

Lê-se no relatorio que precede o Decreto de 29 de março de 1911: — «Educar uma sociedade é fazê-la progredir, torna-la um conjuncto harmo-

nico e conjugado das forças individuaes, por seu turno desenvolvidas em toda a plenitude. E só se póde fazer progredir e desenvolver uma sociedade, fazendo com que a acção contínua, incessante e persistente da educação attinja o ser humano, sob o triplice aspecto: fisico, intelectual e moral.»

. . . . . .

«Ora o laboratorio da educação infantil está para as camadas populares, sobretudo, na escola primaria, e é lá que verdadeiramente se ha de formar a alma da patria republicana.»

Eu preferiria dizer, em vez de «a alma da patria republicana», — «a alma da patria portugueza com a luminosa energia vitalisadora da civilisação e do progresso.

Encontram-se na «Historia da instrucção popular», de D. Antonio da Costa e Souza de Macedo, ou seja na conclusão d'essa obra, estes formosos periodos:

«Amemos pois a liberdade, nós os «filhos d'este seculo, os que vêmos «na instrucção geral e desmonopoli«sada o verdadeiro meio de melhorar «a sorte dos engeitados da fortuna. «Tem a liberdade sido mal adminis«trada? Entorpecem o desenvolvi«mento publico? Dissolvem-se os «partidos? Glorifica-se a instrucção «com os labios e é deslembrada com «as obras? Está doente a grande «causa? Embora. Amemos a liber«dade, amemo-la ainda mais no seu «desamparo, e façâmos que os nossos «filhos, mais bem instruidos, a com«prehendam melhor, se quizerem ser «mais felizes.»

«A cima de tudo, carecemos da instrucção popular diffundida», — escreveu, no «Manual Politico do cidadão portuguez», livro de tão excepcional merito, o desventurado e brilhantissimo escriptor, que foi nosso querido amigo, o Dr. Trindade Coelho. (Cit. ob., 2.ª ed., pag. 153.)

Ainda ha bem pouco, segundo o «Seculo» de 6 do proximo passado mez, discursando n'uma sessão solemne, disse o Dr. Moraes Manchego: — «A escola moderna prepara para a *vida*, em todas as suas manifestações.» — «O povo que não tem bôas escolas não póde ter saude, nem riqueza, nem preponderancia.»

E é bem digno de lêr-se e ponderar-se, não só o que, no seu precioso livro, já citado, Trindade Coelho, elle mesmo, disse quanto ao ensino primario, mas tambem o programma do 1.º congresso pedagogico da Liga Nacional de Instrucção, transcripto em nota, a pag. 158 e 159 da mesma obra.

* * *

Depois, como vamos ter fartura d'agua e brilhante illuminação, pediria obras, na borda do rio, para a população e os nossos visitantes poderem achar aceio e commodidade, pelos mezes de calma, no delicioso banho do Ave, e tambem para o apetecivel barquejar, a montante do açude ou do caes.

Pediria uma distribuição, pelo menos sufficiente, de mictorios, conservados com a maior limpeza, e, consequentemente, com esmerada desinfecção; e, simultaneamente, rigorosas posturas prohibitivas de micções, como para ahi se fazem, junto e defronte das casas, na rua, nas praças, sobre os passeios, deixando estes com repugnante aspecto.

E, já agora, deixe-me dizer-lhe: Se eu podesse, imporia rigorosamente, incessante e intransigentemente, o policiamento das ruas, largos e praças, e o policiamento mesmo dos estabelecimentos commerciaes, por fórma a impedir todo o abuso em detrimento da decencia e da hygiene publicas. Bem haja o administrador Santos Silva que poude conseguir tão grande modificação no aspecto e aceio dos talhos e no processo de conducção das carnes verdes pelas ruas da villa.

Eu acho que tudo isto é moderno e deve considerar-se fructo e caracteristica da civilisação; e que nada ha que mais alto possa levantar os creditos de uma terra e torna-la considerada e attrahente.

Então, assim, depois de bem lavada e penteada, com os dentes alvos, com as unhas claras, com a escola aberta, arejada e alegre, já possuidora de riquezas naturaes, que lhe dão graça e belleza, e de enfeites e gemmas, que lhe puzeram, como o parque, o hospital, o Asylo Conde de S. Bento, a estatua, o Club, o theatro, a illuminação electrica, o abastecimento d'agua, poderá a villa tratar de novos adornos e commodidades, e posso até prever e affirmar-lhe que os obterá infallivelmente.

Nessa altura, que pediriamos nós?

Eu pediria a mudança da cadeia e, conseguintemente, a construcção de uma cadeia nova. E quem diz uma cadeia *nova*, diz uma cadeia moderna, isto é, nas condições em que plenamente satisfaça tanto aos conselhos da sciencia, como aos sentimentos de humanidade e de justiça. Pediria um edificio para a installação da camara e de outras repartições, incluindo uma bibliotheca. Pediria tambem um mercado publico. Pediria o acabamento dos passeios que ladeiam ruas da villa, e a suppressão de joelhos e recantos que tão sensivelmente prejudicam as linhas da construcção. Pediria o acabamento da estrada da Assumpção, pediria o nivelamento e ladrilhamento da Praça da Republica, pediria o creio que projectado prolongamento da avenida ou rua de Villalva, para o lado nascente, pediria ruas novas, pediria . . . — eu sei lá! — gradual e successivamente iria pedindo muitas outras coisas, que, no momento respectivo, creria urgentes.

—

Pergunta-me, em segundo logar, qual a minha opinião sobre o edificio projectado para os Paços do Concelho e tribunal:

Muito simples: A minha opinião é que, quando lhe chegar a vez, se proceda como se procedeu a respeito da reconstrucção do theatro lyrico do Porto, isto é, no tocante á escolha da planta; ou se encarregue de organisa-la quem para isso tenha evidentemente competencia. Póde ser que a existente seja uma coisa muito bem feita:

Não sei se o é, ou não. O que pretendo consignar é que o meu voto é, sobre tal assumpto, como em todos os casos similhantes, pela escolha, depois de maduro estudo e reflexão, entre os projectos, de architectos, obtidos por concurso, com um ou mais premios; ou, quando menos, pela incumbencia do projecto ao mais digno e habil architecto portuguez.

*

Quanto a instrucção secundaria e respectivo estabelecimento, respondo desinteressada e desassombradamente que, na minha opinião, actualmente, o que ha a fazer é coadjuvar, cada um, quanto lhe seja possivel, a iniciativa particular, desabrochada no «Collegio do Minho».

*
* *

Relativamente a melhoramentos ou alterações no Hospital, bem como relativamente ao logar melhor para uma nova edificação com similhante destino, abstenho-me de responder.

*
* *

A respeito do Mercado, pela referencia que lhe fiz n'outro ponto, se vê claramente que deixaria para maior opportunidade esse, aliás desejavel, melhoramento. E, n'essa altura, manifestar-me-hia, por certo, no sentido de proceder-se ao estudo do assumpto, com auxilio de pessoas competentes, e todas as possiveis indagações para conhecer erros e defeitos porventura já commettidos, e até corrigidos, em obras da mesma natureza ou similares, de modo a evitar, quanto possivel, similhantes pechas.

*
* *

Da influencia do desenvolvimento das Caldas, no nosso meio, penso que póde ser muito grande.

*
* *

Se acredito que nos tem prejudicado a falta de um hotel moderno e espaçoso: Como quer V. Ex.ª que o não acredite? Eu vejo e oiço, graças a Deus.

*
* *

Finalmente, quer V. Ex.ª saber o meu voto sobre qual a propaganda mais racional para que os nossos capitalistas empreguem aqui o seu capital com proveito.

Eu, que não sou, nem fui jámais, capitalista, que saberei dizer-lhe sobre tão particular assumpto?

Apenas me apetece aventar este alvitre: Que V. Ex.ª, que possue, em abundancia, capital moeda e capital instrucção e illustração, avance para as iniciativas uteis em prol do brilho e progredimento da sua formosa terra natal, e creio bem que as demais pessoas abastadas d'este concelho, e até — quem sabe — outras, de fóra, segui-lo-hão.

—

Justo é que não termine, sem testemunhar-lhe o meu agradecimento pela delicadeza da sua attenção para comigo, e sem deixar aqui o meu testemunho de admiração pelo seu devotado amor á sua linda terra e pelo esclarecido esforço em bem servil-a, e, finalmente sem a declaração sincera, para minha desculpa, de que não pude por falta de tempo, que os meus deveres profissionaes me absorvem, fazer o estudo preciso para mais perfeita resposta ao questionario que V. Ex.ª se dignou enviar-me.

5 de fevereiro de 1913.

EDUARDO DA COSTA MACEDO.

Quinto depoimento

Pedes-me o meu parecer sobre diversas cousas, que afinal todas dizem respeito ao progresso d'esta terra, encarado sob diversos pontos de vista.

Ora o assumpto é complexo, e eu sei que sou bastante falto de competencia para dissertar sobre cousa tão complicada.

E por isso, se eu entendesse que não levarias á conta de desprimor a negativa do meu parecer ás tuas perguntas, positivamente me absteria de me pronunciar, guardando-me para lêr com natural interesse o que outros escrevessem.

Demais, para escrever em letra redonda, falta-me o geito e o habito.

Mas emfim, e já que pedes, ahi vae o que sei.

—

Começas tu por me perguntar quaes os melhoramentos que entendo mais urgentes para o progresso e embellezamento d'esta villa, e que razões allego para a necessidade dos melhoramentos que indicar.

Olha, aqui, como em toda a parte, quando se quer progredir, ha muita cousa a fazer.

E se eu quizesse entrar nas regiões, aliás muito interessantes, da fantasia, muito poderia dizer para figurar no papel.

Mas, como para ter alguma utilidade o que se escreve, me parece ser cousa essencial tratar dos assumptos pelo lado naturalmente pratico, e no campo das realidades, eu te direi, subordinado a esse criterio, o que julgo ser possivel e de facil realisação, no sentido do embellezamento e progresso da villa.

E' claro que me refiro apenas áquillo que se póde e deve fazer em pouco tempo, por ser de iniciativa municipal, e mesmo financeiramente viavel.

Como primeiro serviço a fazer está a remoção da cadeia comarcã, edificio tosco atirado para o meio do largo mais central da villa, cousa embirrenta para nós, e que deve causar a mais detestavel impressão em quem nos visite.

E agora, que isso é facil, e não represerta despesa apreciavel para a Camara Municipal, por ter facilmente fórma de installar os presos n'outra parte, parece-me erro deixar perder a occasião.

Outra cousa de necessidade é o edificio para os Paços do Concelho, pois que o funccionamento da Camara Municipal em casa arrendada, só se admitte com caracter provisorio, devendo tratar-se com a brevidade possivel de dar solução ao caso.

Para esse edificio existe, que eu saiba, pelo menos uma planta mandada levantar pelo actual Presidente da Camara. Essa planta, mal a conheço, e até, por informações, creio que não dá ao edificio toda a capacidade interior que seria para desejar. Em todo o caso, devo dizer que a fachada exterior, nas suas linhas geraes, me parece aproveitavel, embora precisasse de alguma modificação, no sentido de dar mais relevo á parte central da frente.

Sempre é bom frisar que a Camara Municipal é a casa do concelho; e se, do gosto artistico, riquesa e progressividade d'um povo, se faz em certo modo juizo, pela qualidade dos seus edificios publicos — e tanto que os Estados procuram imprimir uma nota de Arte e de luxo nos edificios publicos que construem, e as civilisações antigas se aquilatam pelos monumentos que deixaram — tambem para o conceito que da gente d'esta terra se faça, não terá pequena importancia a elegancia e gosto que fiquem a caracterisar a construcção dos seus Paços do Concelho.

*
* *

Mas, como eu prometti tratar o que me pedes, subordinado ao criterio das cousas praticamente exequiveis, eu vou encarar a questão dos Paços do Concelho sob um prisma mais pratico.

A Camara Municipal talvez não possa tão cedo metter-se á empreza da construcção de uns Paços do Concelho.

E isto porque, ajougada ao peso do encargo d'um emprestimo de quarenta e tantos contos, contrahido para a installação da luz electrica e abastacimento de agua potavel na villa, não poderá, nos tempos mais proximos, contrahir emprestimo que lhe permitta a construcção d'esse edificio, que não deverá ficar por muito menos de vinte contos, por mais que puchem para traz no preço.

Dada, pois, a impossibilidade da Camara Municipal poder, tão cedo, contrahir o emprestimo avultado que a construcção do edificio importaria, eu indicarei, como solução pratica do caso, a seguinte:

O edificio do hospital, d'esta villa, está mal situado para cura de doentes, pela proximidade do rio, e correspondentes nevoeiros e humidade, e anda ahi na bocca de toda a gente a necessidade de installar o hospital n'outro ponto mais sadio, apontando-se, em uniformidade de opiniões, o logar do Orgal, por ser o mais secco da villa, e portanto em melhores condições hygienicas.

Além d'isso, a moderna construcção de edificios hospitalares, obedece a moldes muito diversos d'aquelles porque foi talhado o actual.

Ora, sendo assim, a Misericordia teria vantagem em construir um hospital moderno, em sitio adequado, desde que encontrasse quem lhe occupasse o seu actual hospital, porque assim melhor servia os seus doentes, sem augmento apreciavel de encargos.

E aqui estava o edificio que, por bastantes annos, poderia servir para Paços do Concelho, sem deslustre para a villa, pois é de bella apparencia.

Este edificio, pelo seu aspecto, exterior, satisfaz, embora eu entenda que um edificio a construir de novo para Paços do Concelho, deve ser de mais apurado gosto na sua architectura, e especialmente em ponto bem central, e por fórma a destacar-se mais. E quanto a capacidade, o edificio do hospital deve ter a sufficiente.

Ora, para a acquisição d'este edificio, não seria necessario contrahir qualquer emprestimo.

A camara poderia adquiril-o mediante o pagamento do seu preço — que positivamenre deve ser inferior a metade do custo d'um edificio novo — em prestações a vencer n'um determinado periodo d'annos, vencendo as prestações ainda não pagas o juro legal.

Isto representava para nós a possibilidade de ter immediatamente um edificio para Paços do Concelho, e a Misericordia nenhum inconveniente podia ter em receber o pagamento em prestações, porque dispõe de capitaes, e as prestações, emquanto não vencidas, representavam uma segura collocação do seu dinheiro.

E um dia, em tempos de melhores finanças, a Camara então poderia vir a construir os seus definitivos Paços do Concelho.

E o actual edificio do hospital não se perdia.

A camara, não precisando d'elle, alienava-o, no que não devia ter prejuizo, esperando para isso a opportunidade; mas até poderia ter occasião de carecer d'elle para quartel, ficando com casa sufficiente para installar um batalhão, talvez.

Este meu alvitre é para o caso, já se vê, de não poder a Camara Municipal, por agora, como supponho, metter hombros á empresa da construcção d'um edificio novo.

E, n'esta hipothese, a solução que apresento, parece-me ser perfeitamente viavel.

Outra cousa a fazer-se, seria a construcção d'um mercado.

Esta obra não representa apenas encargo para o Municipio; tambem dá receita.

O mercado, limpo e fornecido d'agua em abundancia, permitte a venda dos generos em condições de hygiene que faltam na venda fóra. E já isso é cousa bem apreciavel.

Além d'isso, um mercado seria de grande utilidade para o vendedor e para o consumidor. Alli podiam afluir, diariamente, os legumes, fructas e hortaliças, apparecendo, por sua vez, o consumidor a adquiril-os. E assim se creava o habito da compra e venda diaria d'esses generos, util para o vendedor, porque não necessitava de estar com elles sujeitos a deteriosações á espera do dia proprio — a segunda-feira — para a sua venda, e util para o consumidor, que deixava de se vêr forçado a adquiril-os apenas uma vez na semana, e sujeito, porisso, a consumil-os, de certa altura em diante, já sem a frescura indispensavel para serem tão bons para o consumo. E a facilidade diaria da sua acquisição, desenvolvia, mesmo, fortemente, o seu consumo.

Ao mercado recolheriam tambem os talhos, que não é das cousas mais interessantes encontrar installados pelas ruas, e até, por vezes, o cheiro que exhalam não é dos mais agradaveis, apezar de modernamente elles terem soffrido a reforma que lhes foi imposta para os tornar um pouco limpos e asseados. Os talhos, no mercado, com agua para poderem ser frequentemente lavados, e sujeitos, como aliás as demais repartições de venda do mesmo mercado, á fiscalisação de qualquer creatura que ha de ter esse encargo, ficarão então no seu logar proprio.

Em terras pequenas não ha necessidade de talhos espalhados pelas ruas.

Assim, pois, e a meu ver, a construcção d'um mercado impõe-se urgentemente, e esta villa tem já a população mais que bastante para garantir, em quantidade rasoavel, a venda dos generos que ahi se exponham á venda.

E', portanto, uma obra de utilidade para todos: — até para a Camara, que d'alli tirará receita compensadora do sacrificio que faça com a sua construcção.

E o logar para esse mercado?

Está, parece-me, naturalmente indicado nos terrenos que ficam a nascente da rua Sousa Trepa.

Desde que, conforme por ahi se diz, o proprietario d'esses terrenos cede o necessario para abertura de uma rua, pouco mais ou menos parallela á de Sousa Trepa, e para a construcção d'uma praça, desde que a Camara lhe ceda a Praça dos Carvalhaes, entendo ser isso proposta de acceitar.

A Praça dos Carvalhaes, d'onde se desfructa um esplendido golpe de vista sobre a montanha a sudeste da villa, não é, pela sua situação, um pouco á desamão, logar de recreio ou passeio para a gente da villa, e esse golpe de vista não se perdia, desde que se abrisse essa rua, que deve ligar os Carvalhaes ao extremo da nova rua que a Camara está abrindo em frente da rua de Villalva.

E assim os Carvalhaes ficariam ligados por uma rua explendida á nova rua em construcção e em cujo termo se deveria fazer uma pequena rotunda, que daria, mais amplo ainda, o golpe de vista da Praça dos Carvalhaes. E d'essa rotunda partiria tambem uma ligação para a estrada da Assumpção, por intermedio da estrada de Guimarães, que deve ser o termo d'aquella estrada.

E então a nova rua se ligaria á rua de Sousa Trepa, no logar em que ella é mais esganada.

Ligada tambem, nesse ponto, a rua de Sousa Trepa á projectada conclusão da estrada districtal — no tinteiro ha tanto tempo! — desfaziase, tanto quanto possivel, a má impressão que dá essa garganta apertada, no logar mais central da villa.

E se apenas se permittisse a construcção de prédios pelo lado poente da nova rua, deixando amplo o lado nascente, ter-se-hia então realisado uma obra positivamente bella.

O mercado ficaria então na praça que junto da nova rua, e em qualquer ponto, se construisse.

—

E aqui está o que eu entendo poder-se fazer n'um curto periodo, representando um forte impulso á villa no sentido do seu progresso e embelezamento.

Havia mais que fazer? Claro que sim. Até em materia de hygiene e saneamento da villa, apesar de muita gente julgar isto uma terra muito limpinha. Mas Roma e Pavia não se fizeram n'um dia.

E, além d'isso, é bom não esquecer que o progresso da villa está indissoluvelmente ligado ao desenvolvimento da economia agricola do concelho, não só porque aqui vive muito quem colhe rendas na propriedade rustica do concelho, mas tambem porque o augmento da riqueza do concelho se reflecte fatalmente no commercio e industria da villa.

De fórma que a Camara não póde descurar, muito especialmente, a viação municipal, que, pela facilitação de transito e transportes, tanto contribue para o desenvolvimento da riqueza agricola — a principal — d'este concelho.

Portanto, é preciso não esquecer, que até no interesse da propria villa, os dinheiros da Camara, tambem, em justa medida, deverão applicar-se á conservação e desenvolvimento da viação municipal.

Só esse vasto planalto de Monte Cordova (de cima), região uberrima de terra forte e bem regada, que fica além da montanha que se ergue a nascente e sul da villa, e d'esta completamente isolado por falta de vias de communicação, quanto ficaria valorisado, se, por meio de duas estradas, rasgadas montanha acima, lhe déssem saída conveniente ás suas riquezas agricolas!

E que panorama deliciosamente lindo, d'esta belleza meiga das terras do Minho, se não desenrolaria á vista de quem, por qualquer d'essas estradas, subisse pela montanha a essa região em que o ar é tão fino e leve, que os pulmões o absorvem com a delicia com que o bom *gourmet* saboreia uma iguaria rara!

Mas, repito, a viação municipal não deve ser descurada.

Quem vive fóra da villa tambem é gente. E, como paga para a Camara, assim como os de cá . . .

Porém, o que deixo indicado a fazer-se na villa, póde, a meu vêr, executar-se n'um curto periodo, porque se deve attender a que o encargo que pesa sobre a Camara, proveniente do ultimo emprestimo, deve em pouco tempo ficar muito attenuado, pelo menos, pela receita proveniente do fornecimento da agua e luz a particulares.

E, portanto, assegurada a receita do fornecimento da agua e luz, póde a Camara fazer o que aponto, sem menos attenção para os interesses do concelho, que ainda, na medida do rasoavel, póde attender com rendimentos que lhe fiquem livres.

—

E que razões allego para a necessidade dos melhoramentos que indico, pretendes tu saber.

Na minha exposição estão, afinal, incluidas já essas razões. Mas de uma fórma geral direi ainda que me parece ter esta terra requesitos para poder attrahir pessoas de fóra que, especialmente na estação calmosa, pretendam fugir ao bulicio e atmosphera abafadiça dos grandes centros para repousar o corpo e o espirito, mais em contacto com a natureza, sem comtudo em absoluto se privarem das commodidades que possa fornecer um meio um pouco civilisado.

Ora, para este effeito, julgo ter esta terra, pela sua linda situação, e o seu ar moço e fresco, qualidades apreciaveis; e tudo o que consista em alindal-a e civilisal-a, é um positivo serviço prestado no sentido de lhe accentuar essas mesmas qualidades.

Esta terra não virá a ser um grande centro commercial ou industrial, porque lhe falta situação e condições para isso, nem, por certo, centro importante de diversões, mas póde e deve vir a ser uma linda estancia preferida por quem queira, n'uma vida leve e despreoccupada, tendo para distrahir o espirito as ligeiras diversões que um meio pequeno póde fornecer, repousar do *surmenage* a que actualmente obriga a vida activa das grandes cidades.

E póde até attrahir, para residencia effectiva, os que preferem viver em pequenos meios proximos de grandes centros.

—

Que influencia póde ter o desenvolvimento das Caldas da Saude para esta terra, me perguntas tu ainda.

E' claro que com o desenvolvimento das Caldas seria esta villa fortemente beneficiada.

Mas, com franqueza, não creio que as Caldas, onde estão, possam desenvolver-se em cousa de importancia.

E' preciso não esquecer que, a dous passos d'aqui, estão as Caldas de Vizella, as segundas em frequencia no paiz, de clientella criada ha largos annos.

E porisso as Caldas de Saude, no seu logar, nunca poderão attrever-se a concorrer com as de Vizella. Qualquer empreza que as pretendesse desenvolver alli, quer-me parecer que seria mal succedida, embora se diga, e eu creio, que estas aguas tem applicações um pouco diversas das de Vizella.

Ha empreza que se arrisque a transportal-as para esta villa e tentar aqui a sua exploração?

Se é possivel organisal-a, e o transporte da agua não dá prejuizo apreciavel nas suas qualidades de cura, então ainda eu creio no seu desenvolvimento.

Não sei, nem presumo sequer, que resultados financeiros poderia obter essa empreza.

Mas o que eu creio é que seria a unica fórma de desenvolver estas Caldas, e poder offerecer concorrencia ás de Vizella.

No logar em que estão, creio bem que as Caldas de Saude hão-de ser sempre, pouco mais ou menos, o que são.

E de resto, esta opinião tive eu já occasião de a expór em publico, quando se andou por ahi projectando — trasêl-as para esta villa. Projecto que ficou *in herbis*, porque todos achavam muito bem, e se sentiam

muito enthusiasmados . . . mas não queriam arriscar o seu rico dinheirinho.

—

E queres ainda saber o que penso quanto á construcção d'um hotel moderno n'esta villa?

Olha, julgo a construcção d'um hotel aqui, cousa absolutamente urgente, e até de resultados financeiros positivamente garantidos.

Não é, já se vê, um hotel como o que para ahi se projectou construir na eira do mosteiro.

Esse estava ligado ao projecto da exploração das Caldas da Saude, e a empreza que a isso se mettesse necessitava de capital importante.

Era um ponto de interrogação o seu resultado, e o capital — muito especialmente o capital portuguez — gosta pouco de se arriscar.

E porisso mesmo é que foi tudo ao charco.

O hotel que eu julgo urgente e um emprego garantido de capital, é mais modesto. E' um hotel no centro da villa, para funccionar todo o anno, sem luxo, mas aceado e confortavel. Hotel a que bastavam trinta, ou quarenta quartos, quando muito, e de preço accessivel ao nosso meio, que não está habituado a pagar hospedagens caras. Este hotel devia ter um pequeno parque para recreio dos hospedes — cousa indispensavel em hotel para ter hospedes de certa permanencia. Isso era cousa para duzia e meia de contos, e o seu rendimento havía de remunerar largamente o capital empregado. Em pouco tempo este hotel tinha uma clientella grande durante todo o verão; e, mesmo no inverno, teria a clientella sufficiente para o sustentar.

No nosso paiz a industria hoteleira está ainda na infancia. A hospedagem das praias é em geral má, e por vezes pessima, e a hospedagem das thermas e estancias d'aguas, salvo qualquer rara excepção, está tambem longe de ser boa.

Mas é facto averiguado e sabido que a boa qualidade d'um hotel cria, em certo modo, a concorrencia ao logar onde se installe. E porisso não póde aferir se, pelo numero de hospedes que actualmente vem a esta villa, em qualquer época do anno, o numero dos que viriam, caso aqui houvesse um hotel em boas condições. Um hotel em boas condições chamava aqui muita gente.

Porisso digo afoitamente que reputo de lucro garantido um hotel n'estes termos.

—

Tu ainda querias, que eu te respondesse a outras perguntas, mas umas já tem resposta incluida na exposição que fiz, e a outras não sei responder.

Assim, quanto ao hospital, já encontras qualquer cousa na exposição que fiz, e mais não digo, porque não é commigo tratar de dodntes.

Quanto a emprego de capitaes, alli está o hotel como emprego que julgo bem remunerador, e, de resto, o bicho capital é creatura muito desconfiada. Muito devagar ha-de ir procurando para seu emprego cousas cujo resultado não seja absolutamente certo.

O capital d'este concelho tem accentuada tendencia para empregar o seu dinheiro a juros, ou em propriedades. Com um rendimento insignificante da propriedade, elle fica satisfeito, e, se o empregasse em qualquer cousa diversa, por certo se julgaria lesado se ao cabo obtivesse o juro legal.

Mas até no desenvolvimento do commercio local havia muito em que empregar dinheiro com bom exito.

E quanto a ensino ainda me querias ouvir.

A este respeito nada te sei dizer. E' cousa de que não entendo. Ensinaram-me a lidar com os codigos, e d'isto não passo.

E mesmo com codigos vou para perto. Portanto, a este respeito, sou dos que vou aprender com o que outros disserem.

21 de Fevereiro de 1913.

FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES.

Era desejo nosso fazer seguir estes depoimentos d'um estudo critico, que simultaneamente resumisse o seu conteudo e ainda estabelecesse um confronto das varias opiniões n'elles expendidas.

Porém, circunstancias varias nos obrigam a não demorar mais este numero, e a addiar para outra série aquelle estudo que juntaremos a algumas considerações importantes sobre a installação da luz electrica.

Não passará esta occasião, sem aqui prestarmos a nossa homenagem a todos os thyrsenses que com tanto brilho concorreram para este importante melhoramento, que, devemos dizer em abono da verdade excedeu toda a espectativa.

A luz é a mais bonita que conhecemos; e realçando com deslumbramento as bellezas da nossa terra, poz ha dias, os nossos conterraneos debaixo d'uma impressão nervosa, de enthusiasmo, como só os grandes acontecimentos despertam.

A inauguração da luz electrica marca bem este periodo em que vae *Santo Thyrso a caminho do progresso!!!*

Fechamos com o mais sincero agradecimento a todos os nossos distinctos collaboradores que generosamente se promptificaram a coadjuvar-nos na nossa obra, por uma fórma tão reflectida e intelligente.

JOSÉ COELHO D'ANDRADE.